

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

CAMPUS A. C. SIMÕES
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

SARAH HEIDI ALMEIDA FELIX

ARTE VIVA ALAGOAS: ANTEPROJETO DE UM CENTRO CULTURAL NA UFAL - CAMPUS A. C. SIMÕES, MACEIÓ - AL

MACEIÓ - AL
2023

Sarah Heidi Almeida Felix

ARTE VIVA ALAGOAS: Anteprojeto de um Centro Cultural na UFAL - Campus A. C. Simões, Maceió - AL

Trabalho Final de Graduação - apresentado à Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus A. C. Simões, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Thaísa Francis César Sampaio Sarmento

MACEIÓ - AL

2023

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

F316a Felix, Sarah Heidi Almeida.

Arte Viva Alagoas : anteprojeto de um Centro Cultural na UFAL - Campus A. C. Simões, Maceió - AL / Sarah Heidi Almeida Felix. - 2023.

[141] f. : il. color.

Orientadora: Thaísa Francis César Sampaio Sarmento.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 132-134.

Anexos: f. [135]-[141].

1. Centros culturais. 2. Cultura popular - Alagoas. 3. Universidades. 4. Arquitetura - Projetos e plantas. I. Título

CDU: 727(813.5)

AGRADECIMENTOS

Neste espaço gostaria de enfatizar que a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso não seria possível sem o apoio de pessoas incríveis que me auxiliaram a cada passo, seja em forma de incentivo, cuidado ou ajuda. Gostaria de agradecer a minha família primeiramente, a minha mãe Iranilde Sousa Almeida pelo apoio em todo este processo absolutamente todos os dias, e por sempre me apoiar em meus sonhos e planos para o futuro.

Gostaria de agradecer também aos amigos que a Universidade Federal me trouxe, os quais espero levar por toda a vida como amigos próximos e parceiros profissionalmente. Também agradeço imensamente a arquiteta Fabrícia Freire e aos colegas de escritório, o qual estagiei por 3 anos e que me ensinaram muito, sobre a arquitetura, sobre o mercado profissional e sobre a vida adulta.

Agradeço também à minha orientadora Thaísa Sampaio pelo auxílio e apoio na realização desta monografia e projeto ao longo do ano de 2023.

RESUMO

O Centro Cultural no cerne de seu significado está diretamente ligado à ação popular e a participação social, assim, sua localização precisa ser de fácil acesso para todos os grupos e classes sociais. A cidade de Maceió, capital de Alagoas, tem uma carência de Centros Culturais que incentivam a apreciação da cultura e criação de práticas artísticas locais, especialmente nos bairros mais populosos e periféricos. O bairro Cidade Universitária, terceiro mais populoso da cidade, tem uma grande população universitária pela presença do Campus A. C. Simões da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a qual, se beneficiaria com a existência de um Centro Cultural de uso público, para reflexão e criação da cultura popular alagoana, criando uma conexão social com a arte e fortalecendo a identidade cultural. Neste trabalho é apresentado o contexto de formação cultural de Alagoas e suas artes populares que se consolidaram até a atualidade, a conceituação e contextualização de Centro Cultural no Brasil. O produto do Trabalho Final de Graduação é o desenvolvimento de um anteprojeto arquitetônico de um Centro Cultural inserido no Campus A. C. Simões da UFAL, a fim de responder às demandas por mais espaços de incentivo à cultura na região norte da cidade de Maceió.

Palavras-chave: Centro Cultural; Cultura Popular Alagoana; Universidade; Projeto de Arquitetura.

ABSTRACT

The Cultural Center at the heart of its meaning is directly linked to popular action and social participation, so its location must be easily accessible to all social groups and classes. The city of Maceió, the capital of Alagoas, lacks Cultural Centers that promote the appreciation of culture and the creation of local artistic practices, especially in the most populous and peripheral neighborhoods. The Cidade Universitária neighborhood, the third most populous in the city, has a large university population due to the presence of the A.C. Simões Campus of the Federal University of Alagoas (UFAL), which would benefit from the existence of a public and accessible Cultural Center for the reflection and creation of Alagoan popular culture, creating a social connection with art and strengthening cultural identity. This monograph presents the context of Alagoas' cultural formation and its popular arts that have persisted to the present day, the conceptualization and contextualization of Cultural Centers in Brazil. The product of the Final Graduation Project is the development of an architectural preliminary project for a Cultural Center located on the A.C. Simões Campus of UFAL, in order to meet the demand for more cultural incentive spaces in the northern region of the city of Maceió.

Keywords: Cultural Center; Alagoan Popular Culture; University; Architectural Design.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Eustáquio Gomes, Av. Lourival Melo Mota……16
Imagem 2 - Entrada da UFAL e Hospital Universitário, Av. Lourival Melo Mota……17
Imagem 3 - Entrada do Sistema Prisional, Av. Lourival Melo Mota……17
Imagem 4 - Limites do bairro Cidade Universitária……...24
Imagem 5 - Localização do terreno dentro da UFAL……25
Imagem 6 - Taieiras em Alagoas……34
Imagem 7 - Capoeira em Alagoas……34
Imagem 8 - Renda Singeleza……..38
Imagem 9 - Renda Filé……38
Imagem 10 - Irineia Rosa Nunes da Silva, artesã em cerâmica……..…39
Imagem 11 - Peças de retalhos coloridos por Edneuza Teixeira……..…40
Imagem 12 - Peça de fibra natural……40
Imagem 13 - Jasson Gonçalves da Silva, confecciona cadeiras em madeira……41
Imagem 14 - Peça de madeira confeccionada por Aberaldo Sandes Costa Lima……..…42
Imagem 15 - Marinalva dos Santos, artesã da Associação dos Artesãos de Feliz Deserto..43
Imagem 16 - Folguedo Guerreiro……...…44
Imagem 17 - Coco de Roda Alagoano……...…45
Imagem 18 - Festa de Iemanjá em Maceió, 2022……46
Imagem 19 - Centro Nacional de Artes e Cultura Georges Pompidou……48
Imagem 20 - Centro Cultural Jabaquara (1980)……51
Imagem 21 - Memorial Minas Gerais Vale……51
Imagem 22 - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura……53
Imagem 23 - Entrada principal, Centro Cultural BSGI……..54
Imagem 24 - Fachada posterior, Centro Cultural BSGI……54
Imagem 25 - Fachada principal, Centro Cultural BSGI……55
Imagem 26 - Planta baixa térreo, Centro Cultural BSGI……...…55
Imagem 27 - Auditório plano, Centro Cultural BSGI……...…56
Imagem 28 - Planta baixa pav. superior, Centro Cultural BSGI……...…57
Imagem 29 - Lobby, Centro Cultural BSGI……57
Imagem 30 - Ventilação natural e insolação no terreno……58
Imagem 31 - Hall superior, Centro Cultural BSGI……...…59
Imagem 32 - Fachada frontal, Complexo Cultural Teatro Deodoro……..60
Imagem 33 - Fachada lateral, Complexo Cultural Teatro Deodoro……..60
Imagem 34 - Complexo Cultural Teatro Deodoro e Teatro Deodoro……61
Imagem 35 - Planta baixa subsolo, Complexo Cultural Teatro Deodoro……..…62

Imagem 36 - Sala de música, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....62
Imagem 37 - Área de apoio subsolo, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....63
Imagem 38 - Planta baixa térreo, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....63
Imagem 39 - Foyer e espelho d'água, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....64
Imagem 40 - Planta baixa mezanino, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....64
Imagem 41 - Galeria de exposições, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....65
Imagem 42 - Sala de balé, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....65
Imagem 43 - Banheiro feminino, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....66
Imagem 44 - Planta baixa pav. superior, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....67
Imagem 45 - Terraço descoberto, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....67
Imagem 46 - Escada de acesso ao mezanino, Complexo Cultural Teatro Deodoro.....68
Imagem 47 - Ventilação natural e insolação no terreno.....69
Imagem 48 - Fluxograma.....71
Imagem 49 - Zoneamento urbano de Maceió, UFAL marcado em azul.....73
Imagem 50 - Marcação do terreno dentro da UFAL.....74
Imagem 51 - Zoom no terreno e proximidades.....75
Imagem 52 - Fotografia do terreno 1.....76
Imagem 53 - Fotografia do terreno 2.....76
Imagem 54 - Fotografia do terreno 3.....76
Imagem 55 - Fotografia do terreno 4.....77
Imagem 56 - Fotografia do terreno 5.....77
Imagem 57 - Ventos predominantes em Maceió.....78
Imagem 58 - Estudo da ventilação natural e insolação no terreno.....78
Imagem 59 - Zoneamento.....79
Imagem 60 - Locação e coberta.....80
Imagem 61 - Vista isométrica 1.....81
Imagem 62 - Vista isométrica 2.....82
Imagem 63 - Vista isométrica 3.....82
Imagem 64 - Vista isométrica e zoneamento 1.....83
Imagem 65 - Vista isométrica e zoneamento 2.....83
Imagem 66 - Arte escolhida para fachada principal.....84
Imagem 67 - Arte escolhida para fachada lateral.....85
Imagem 68 - Artista Yara Pão.....85
Imagem 69 - Perspectiva da fachada lateral esquerda e frontal.....86
Imagem 70 - Perspectiva da fachada frontal e lateral direita.....86
Imagem 71 - Perspectiva da fachada posterior e lateral esquerda.....87
Imagem 72 - Perspectiva da fachada frontal.....87

Imagem 73 - Perspectiva com totem de entrada..……88
Imagem 74 - Totem de entrada..……88
Imagem 75 - Corte em perspectiva do Pátio...……89
Imagem 76 - MoodBoard de materiais...……90
Imagem 77 - Fachada Frontal...……91
Imagem 78 - Fachada Lateral Esquerda...……91
Imagem 79 - Fachada Posterior...……92
Imagem 80 - Fachada Lateral Direita...……92
Imagem 81 - Pav. térreo setorização...……96
Imagem 82 - Planta baixa térreo...……97
Imagem 83 - Planta baixa térreo com acessos e fluxos...……98
Imagem 84 - Pav. superior setorização...……99
Imagem 85 - Planta baixa superior...……100
Imagem 86 - Planta baixa pav. superior com acessos e fluxos...……101
Imagem 87 - Corte com abertura zenital e ventilação.……102
Imagem 88 - Insolação na fachada principal pela manhã e tarde.……102
Imagem 89 - Insolação na fachada lateral pela manhã e tarde.……103
Imagem 90 - Iluminância aconselhável em auditório, escritórios e salas de aula.……104
Imagem 91 - Valores de referência para ambientes internos.……104
Imagem 92 - Esquema Estrutural.……105
Imagem 93 - Corte auditório e Salão de Exposições.……106
Imagem 94 - Corte do pátio.……106
Imagem 95 - Fluxo de entrada e saída do estacionamento.……107
Imagem 96 - Localização reservatório superior e inferior.……108
Imagem 97 - Vista isométrica escada do Pátio.……109
Imagem 98 - Vista isométrica da rampa do Pátio.……109
Imagem 99 - Exemplo de desnível em piso pela NBR 9050.……110
Imagem 100 - Planta baixa Salão de Exposições.……111
Imagem 101 - Exemplo de ladrilho hidráulico para o piso.……112
Imagem 102 - Mobiliário da Área de Descanso do Salão.……113
Imagem 103 - Mobiliário da Recepção do Salão.……113
Imagem 104 - Perspectiva do Salão de Exposições 1.……114
Imagem 105 - Perspectiva do Salão de Exposições 2.……114
Imagem 106 - Planta baixa Auditório.……115
Imagem 107 - Perspectiva do Auditório 1.……116
Imagem 108 - Perspectiva do Auditório 2.……117
Imagem 109 - Planta baixa Ateliês.……118

Imagem 110 - Perspectiva do Ateliê de Cerâmica.....118
Imagem 111 - Perspectiva do Ateliê de Madeira.....119
Imagem 112 - Perspectiva do Ateliê de Costura.....119
Imagem 113 - Perspectiva da Sala de Dança.....120
Imagem 114 - Planta baixa Coordenação Artística e Cultural.....121
Imagem 115 - Planta baixa Área Administrativa.....121
Imagem 116 - Perspectiva da Coordenação Artística e Cultural.....122
Imagem 117 - Perspectiva da Copa.....123
Imagem 118 - Perspectiva da Sala dos Professores.....123
Imagem 119 - Perspectiva da Sala de Descanso.....124
Imagem 120 - Planta baixa Salão Multiuso e Sala de Reuniões.....125
Imagem 121 - Perspectiva do Salão Multiuso.....125
Imagem 122 - Perspectiva da Sala de Reuniões.....125
Imagem 123 - Planta baixa do Pátio.....126
Imagem 124 - Perspectiva do Pátio.....127
Imagem 125 - Corte em perspectiva dos banheiros.....127
Imagem 126 - Perspectiva do banheiro P.C.D.....128
Imagem 127 - Perspectiva da Circulação Superior 1.....129
Imagem 128 - Perspectiva da Circulação Superior 2.....129
Imagem 129 - Perspectiva da Circulação Superior 3.....130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Esquema Metodológico e técnicas empregadas……..26
Quadro 2 - Quadro comparativo de pontos positivos e negativos dos projetos analisados..70
Quadro 3 - Parâmetros urbanísticos da ZE-1……72
Quadro 4 - Programa de necessidades e atividades para cada ambiente……...93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa de idade (Campus A.C.Simões).....20
Gráfico 2 - Cor (Campus A.C.Simões).....21
Gráfico 3 - Faixa de renda per capita em salário mínimo (UFAL).....22
Gráfico 4 - Meios de transporte até a universidade (UFAL).....22
Gráfico 5 - Aumento do acesso à cultura depois do ingresso na universidade (UFAL).....23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 15
1.1 Objetivo Geral..... 18
1.2 Objetivos Específicos..... 18
1.3 Metodologia de Trabalho..... 18
1.3.1 Elaboração do Referencial Teórico..... 19
1.3.2 Estudo do público alvo..... 19
1.3.3 Estudo de projetos similares para compreensão de parâmetros projetuais..... 23
1.3.4 Desenvolvimento do anteprojeto arquitetônico..... 24
1.3.5 Estrutura do Trabalho Final de Graduação..... 26
2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS PESQUISADOS..... 28
2.1 Cultura Popular..... 28
2.2 Patrimônio Cultural no Brasil e em Alagoas..... 29
2.3 A cultura alagoana e suas raízes africanas..... 32
2.4 Arte popular alagoana..... 35
2.4.1 Ofícios e modos de fazer..... 37
2.4.2 Formas de expressão populares..... 43
2.4.3 Festas e celebrações..... 45
3. O QUE É UM CENTRO CULTURAL? CONCEITUAÇÃO E FORMAS DE CONCEPÇÃO.. 47
3.1 Breve evolução histórica do termo..... 47
3.2 A elaboração de um centro cultural e seus desafios..... 52
3.3 Pesquisa de projetos similares para construção de repertório..... 53
3.3.1 Centro Cultural da Associação Brasileira da Soka Gakkai (Curitiba- SC)..... 54
3.3.2 Complexo Cultural Teatro Deodoro (Maceió- AL)..... 59
3.3.3 Quadro sintético comparativo das edificações estudadas..... 69
4. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO ARQUITETÔNICO..... 72
4.1 O estudo do terreno e de seus condicionantes legais..... 72
4.2 Condicionantes ambientais..... 77
4.3 Elaboração do zoneamento..... 79
4.4 Conceito e forma da edificação..... 80
4.4.1 Programa de necessidades e setorização dos ambientes..... 92
4.4.2 Setorização dos ambientes e plantas baixas..... 94
4.4.3 Estratégias de conforto ambiental..... 101
4.4.4 Estrutura e materiais adotados..... 105
4.4.5 Estacionamento..... 106
4.4.6 Abastecimento de água..... 107
4.4.7 Acessibilidade aplicada a edificação..... 108
4.5 Descrição dos ambientes e mobiliário..... 110
4.5.1 Salão de exposições..... 110
4.5.2 Auditório e apoio..... 114
4.5.3 Ateliês de artes e sala de dança..... 117
4.5.4 Espaços de apoio e administração..... 120

4.5.5 Salão multiuso e sala de reuniões..... 124
4.5.6 Pátio Central, BWCs e circulação superior..... 126
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....131
REFERÊNCIAS..... 132
ANEXO A - ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO……..135

1. INTRODUÇÃO

O Centro Cultural no cerne de seu significado está diretamente ligado à ação popular e a participação social em suas atividades. Assim, sua localização precisa ser de fácil acesso para todos os grupos e classes sociais, estando próximo a comunidade e a cultura local. Porém, a realidade é a existência de Centros Culturais em áreas nobres e turísticas das cidades brasileiras, atendendo a grupos sociais específicos, remetendo à crença da cultura erudita, cultura para os ricos e também para promover uma visão de cidade desenvolvida. Esta realidade afasta os grupos sociais periféricos do acesso, participação nas práticas culturais reconhecidas, em seus debates e locais de realização. O Centro Cultural precisa estar conceituado em locais públicos com diversificação de atividades.

A cidade de Maceió, capital de Alagoas, tem uma carência de espaços públicos gratuitos que incentivam a apreciação da cultura e criação de práticas artísticas locais. Na cidade existe o total de sete centros culturais que disponibilizam exposições de manifestações artísticas, todos eles estão localizados em bairros históricos, onde se concentra uma população economicamente mais rica e próxima dos principais pontos turísticos.

Já nos bairros periféricos e mais populosos da cidade de Maceió, localizados na parte alta, não existem centros culturais públicos. O bairro **Cidade Universitária**, terceiro mais populoso da cidade (de acordo com o censo de 2010 do IBGE) abriga cerca de 71.441 habitantes, é localizado na 7° região administrativa de Maceió, tem uma grande população universitária, advinda de diversos estados brasileiros pela presença da **Universidade Federal de Alagoas** (UFAL) e do Hospital Universitário. O bairro Cidade Universitária tem sua origem em 1967, quando se iniciou a construção do Campus Aristóteles Calazans Simões (A.C. Simões) da Universidade Federal de Alagoas e do Hospital Universitário.

A UFAL foi criada em 1961 pelo presidente Juscelino Kubitscheck por reivindicação pública durante movimentos estudantis e da comunidade alagoana, se tornando a maior instituição de ensino superior do estado de Alagoas até a atualidade. No primeiro momento os cursos de Medicina, Filosofia, Direito, Economia, Engenharia e Odontologia tinham suas instalações espalhadas pela

cidade, até o início da construção de um campus completo em 1967 na parte alta desta cidade.

A cidade universitária é constituída por vários conjuntos habitacionais do entorno da UFAL: o Eustáquio Gomes de Melo (Imagem 1), o Graciliano Ramos, o Tabuleiro do Martins, o Village Campestre, Inocoop, Simol e Loteamentos Jardim da Saúde, tendo uma área total de 20,38 km². Além disso, também é o limite de Maceió com a cidade Rio Largo. Além da Universidade e do Hospital Universitário (Imagem 2), que foi de extrema importância no tratamento do Covid-19 durante a pandemia, o bairro tangencia outras instalações e equipamentos importantes para a cidade de Maceió, tais como: o Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, o novo Hospital Metropolitano de Alagoas, o Shopping Pátio Maceió (o maior centro comercial e de lazer da parte alta), o Terminal Rodoviário do Eustáquio Gomes e o Sistema Prisional do estado de Alagoas (Imagem 3), a feirinha do Tabuleiro, a sede da SMTT e o Distrito Industrial de Maceió. A região margeia rodovias importantes que cortam Maceió e dão acesso aos municípios circunvizinhos da capital alagoana - BR 316 no sentido leste e oeste, e BR 104 no sentido norte e sul. Constitui assim o mais importante polo urbano na parte alta, por concentrar pessoas, serviços públicos e privados, que favorecem o cotidiano e a circulação urbana da população.

Imagem 1 - Eustáquio Gomes, Av. Lourival Melo Mota.



Fonte: Google Maps (2022)

Imagem 2 - Entrada da UFAL e Hospital Universitário, Av. Lourival Melo Mota.



Fonte: Google Maps (2022)

Imagem 3 - Entrada do Sistema Prisional, Av. Lourival Melo Mota.



Fonte: Google Maps (2022)

A Universidade Federal de Alagoas oferece serviços diversos à sociedade em geral, como o desenvolvimento de pesquisas voltadas para a área da saúde, tecnologia, educação e extensão universitárias. A Universidade também conta com um núcleo de serviços privados como o Banco do Brasil, Banco Santander, Banco Caixa e outros pequenos comércios, como lanchonetes, restaurantes e livrarias. Além da comunidade universitária de quase 45 mil pessoas, incluindo estudantes, docentes, técnicos e administradores, pessoas externas à universidade também a frequentam diariamente para ter acesso a estes e outros serviços. Assim,

observamos o compromisso da universidade em atender a sociedade alagoana e desenvolver a educação no estado de Alagoas.

Neste sentido, verifica-se que o Campus A. C. Simões da Universidade Federal de Alagoas, é uma **centralidade** que reúne um grande fluxo de pessoas da região metropolitana, que se beneficiaria com a existência de um Centro Cultural de uso público, para reflexão, crítica e criação da cultura popular alagoana, **criando uma conexão social com a arte e fortalecendo a identidade cultural da cidade e de suas comunidades.**

1.1 Objetivo Geral

Desenvolver um anteprojeto arquitetônico de um Centro Cultural dentro da Universidade Federal de Alagoas, que atenda a comunidade acadêmica e a sociedade geral do bairro Cidade Universitária de Maceió- AL.

1.2 Objetivos Específicos

- Compreender a importância da valorização da cultura e das artes populares para a sociedade alagoana.
- Conceituar e caracterizar um Centro Cultural e seus espaços físicos para atividades ligadas à dança e ao teatro.
- Desenvolver um anteprojeto Arquitetônico que possa suprir a carência por espaços culturais na região de estudo.

1.3 Metodologia de Trabalho

A metodologia empregada para o desenvolvimento deste Trabalho Final de Graduação será dividida em quatro partes: (1) elaboração do referencial teórico, (2)

estudo de repertório e de público alvo; e (3) estudo de projetos similares para compreensão de parâmetros projetuais, e por fim, a (4) elaboração do anteprojeto arquitetônico. Descreve-se assim as quatro macro fases deste TFG:

1.3.1 Elaboração do Referencial Teórico

O estudo de referenciais teóricos será baseado em trabalhos que abordam os temas **cultura alagoana, arte popular alagoana** e a **conceituação de um centro cultural**.

Para o estudo sobre cultura e arte popular em Alagoas foram estudadas as seguintes fontes: Santos (1983) com o livro ***O Que é Cultura*** para o entendimento do conceito de cultura, (ALMEIDA et al., 2016) com o livro ***Cultura Popular: Artigos sobre folclore*** que arremata textos sobre a cultura popular alagoana e Patrimônio Vivo do Estado; Ribeiro (1995) com o livro ***O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*** para reconhecer as raízes e formação cultural de Alagoas; e Vasconcelos e Lamenha (2022) com o livro ***Alagoas, memórias das mãos***, resultado do programa Alagoas Feito à Mão, sobre a arte popular produzidos no estado e sobre seus artistas.

Para a conceituação de Centro Cultural foi feito um levantamento de dados de vários autores que já estudaram e mencionaram o tema: Silva (1995) com a tese de mestrado ***Centro Cultural: Construção e reconstrução de conceitos*** a qual a autora traz diversas referências sobre o assunto no mundo; Coelho Neto (1986) com o livro ***Usos da cultura: políticas de ação cultural***; Milanesi (1991) com o livro ***A casa da invenção: Biblioteca Centro de Cultura***; Menezes (2009) com a ***Centro Cultural: A cultura à promoção da Arquitetura*** sobre o histórico e situação atual dos Centros Culturais no Brasil e no Mundo, entre outros.

1.3.2 Estudo do público alvo

O estudo do público alvo do Centro Cultural foi realizado utilizando a *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES*, realizada pela Associação Nacional de Dirigentes das Instituições

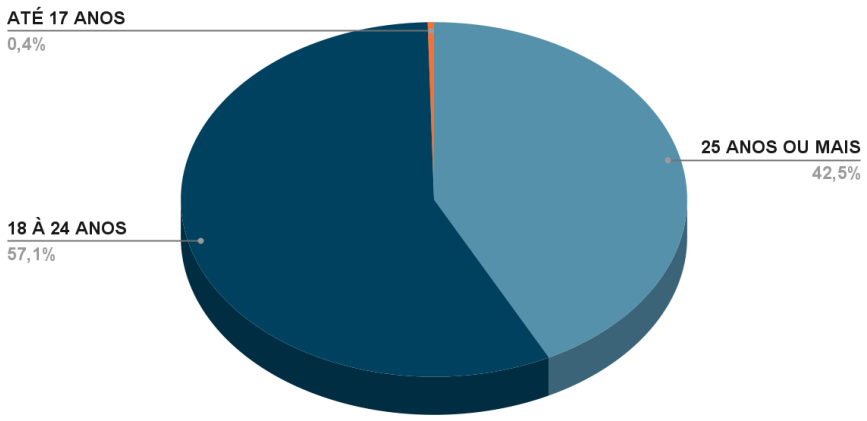
Federais de Ensino Superior(Andifes) em 2018 e informações socioeconômicas sobre o bairro e sua população disponibilizadas pelo IBGE.

O bairro **Cidade Universitária**, terceiro mais populoso da cidade de Maceió, tem uma grande população universitária e jovem, pela presença do campus universitário A.C.Simões da Universidade Federal de Alagoas. A V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES, realizada pela Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior(Andifes), concatenou informações de 28.994 discentes matriculados na Universidade Federal de Alagoas que responderam a pesquisa em 2018. Destes, 20.596 são estudantes do campus A.C.Simões que residem em Maceió.

De acordo com os resultados da pesquisa, a maior porcentagem dos discentes do campus se declara do gênero feminino, com 52,6%, enquanto a porção masculina é de 47,1% da comunidade acadêmica (ANDIFES, 2018). Enquanto isso, a população do bairro também é de maioria feminina, com 51,2 % de mulheres, e 48,7% de homens (IBGE, 2010).

A faixa etária de dominância na universidade é entre os 18 aos 24 anos com 57,1%. Apenas 5% da comunidade acadêmica apresenta algum tipo de deficiência, sendo a mais recorrente baixa visão ou visão subnormal, seguida pela deficiência física e auditiva (ANDIFES, 2018).

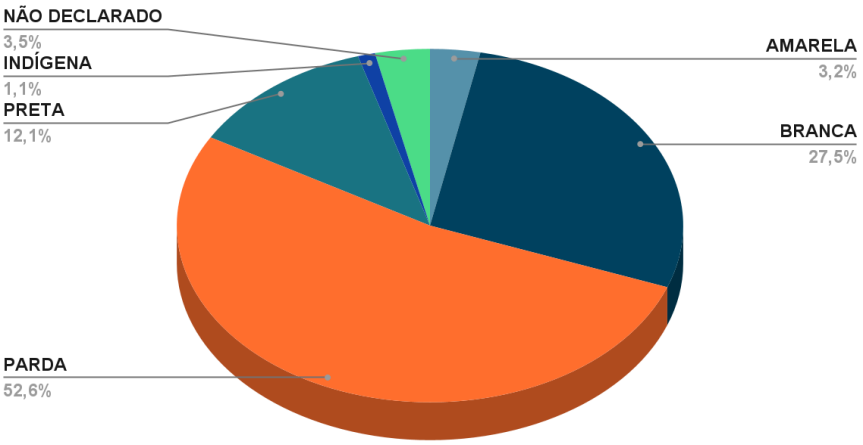
Gráfico 1 - Faixa de idade (Campus A.C.Simões).



Fonte: Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (2018), adaptação autoral (2023)

A maioria da comunidade acadêmica se declara como parda (significa a mistura de etnias com diferentes tons de pele, como indígenas, pretos e brancos), com 52,6%, e a segunda maior porção são de pessoas brancas, com 27,5%, e pessoas pretas em terceiro lugar com 12,1% (ANDIFES, 2018).

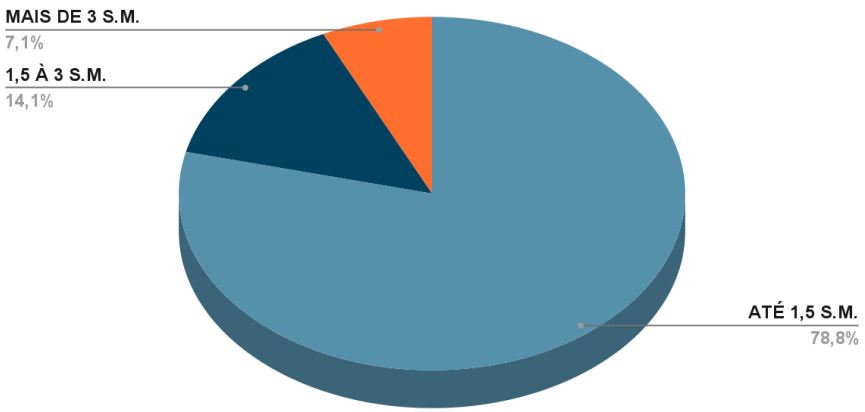
Gráfico 2 - Cor (Campus A.C.Simões).



Fonte: Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (2018), adaptação autoral (2023)

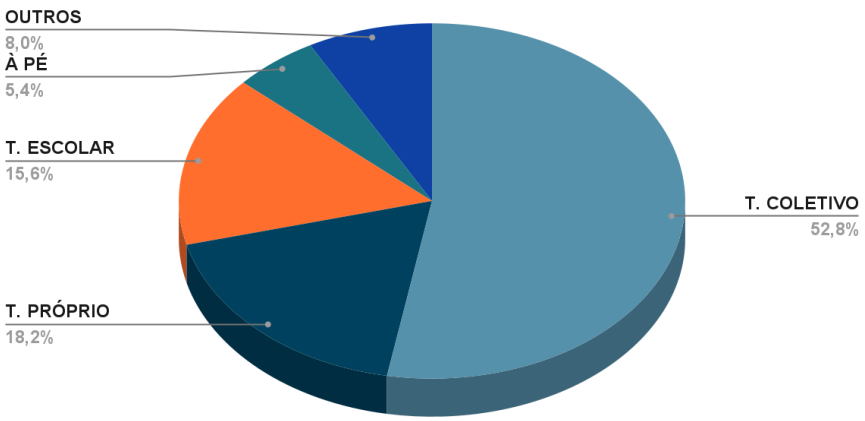
A maior parte dos discentes da universidade declararam que recebem até um salário mínimo e meio (78,8%), enquanto 14,1% recebem até três salários mínimos e apenas 7% recebem acima disso. Assim, podemos concluir que a maior parte da comunidade acadêmica é de origem humilde e 52, 8% utilizam de transporte coletivo público para chegar à universidade (ANDIFES, 2018).

Gráfico 3 - Faixa de renda per capita em salário mínimo (UFAL).



Fonte: Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (2018), adaptação autoral (2023)

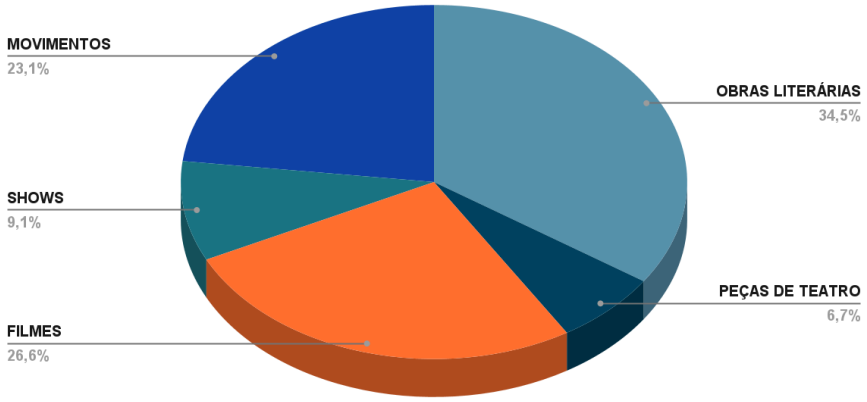
Gráfico 4 - Meios de transporte até a universidade (UFAL).



Fonte: Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (2018), adaptação autoral (2023)

De acordo com a pesquisa, aproximadamente 93.6% dos estudantes são de Alagoas ou de outros estados do Nordeste. **Os discentes afirmam que houve maior acesso a cultura e aprendizado cultural após ingressarem na universidade**, a maior parte declara que aconteceu por meio de obras literárias (34,5%), filmes (26,6%) e adesão a movimentos de caráter político e/ou social (23,1%) (ANDIFES, 2018).

Gráfico 5 - Aumento do acesso à cultura depois do ingresso na universidade (UFAL).



Fonte: Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (2018), adaptação autoral (2023)

1.3.3 Estudo de projetos similares para compreensão de parâmetros projetuais

O estudo de repertório será baseado em dois Centros Culturais no Brasil. Primeiramente será estudado o **Centro Cultural da Associação Brasileira da Soka Gakkai (BSGI)**, inaugurado em 2015 e projetado pelo escritório Hardt Planejamento, localizado em Curitiba, Santa Catarina. O segundo projeto a ser estudado será o **Complexo Cultural Teatro Deodoro em Maceió**, Alagoas, inaugurado em 2014 e projetado pela arquiteta Marta Nogueira.

Foram analisados nesses projetos: o programa de necessidades, a setorização das atividades, a acessibilidade e as estratégias de conforto aplicadas nas edificações. Após esta etapa, foram elaborados para o projeto deste TFG: um programa de necessidades, os esboços formais em volumetria, a distribuição espacial por meio da setorização de atividades dentro da edificação e estratégias de implantação no terreno, visando o melhor conforto ambiental para os usuários, tais elementos serão descritos no capítulo 4.

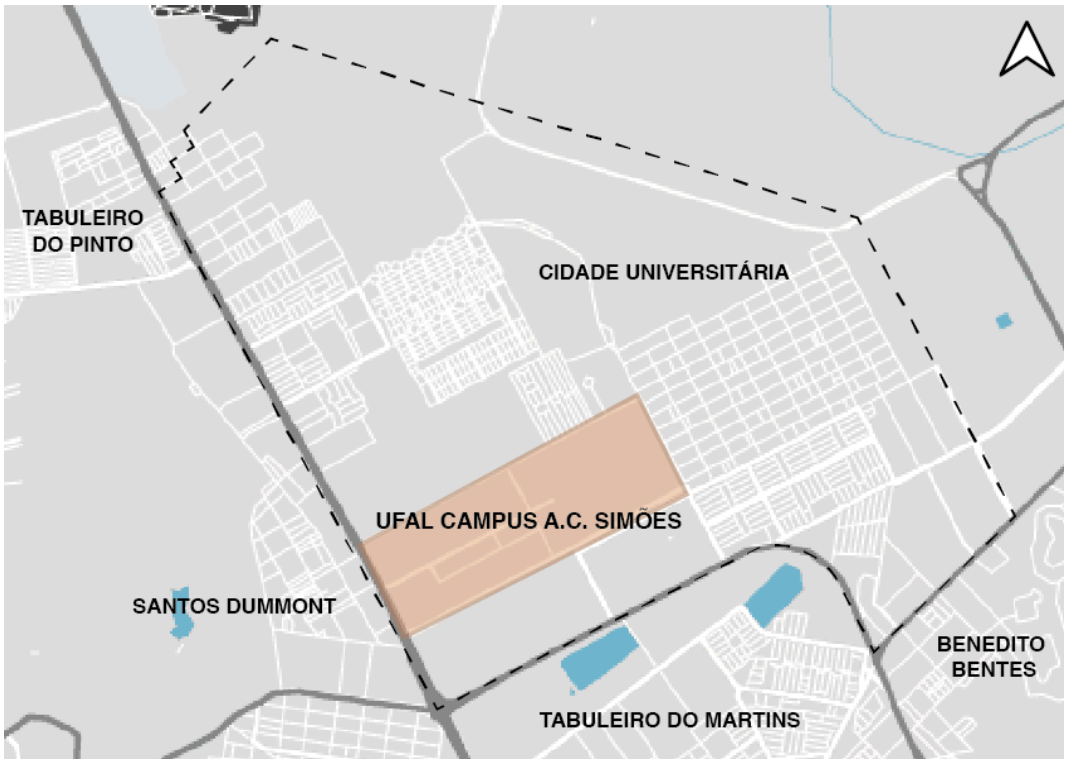
1.3.4 Desenvolvimento do anteprojeto arquitetônico

O levantamento de dados sobre o terreno foi realizado com o auxílio da Superintendência de Infraestrutura da UFAL por meio da disponibilização da planta baixa em *AutoCad* do campus, seguindo as normas do Código de Urbanismo (2006) e do Plano Diretor de Maceió (2005) para a 7° Região Administrativa de Maceió. As condicionantes ambientais como ventilação natural e insolação foram analisadas pelo software *SOL-AR*, desenvolvido pelo Laboratório de Eficiência Energética em Edificações da UFSC.

Dentro da Universidade Federal de Alagoas, o terreno escolhido foi o vazio entre a Reitoria e a Biblioteca Central (Imagens 4 e 5). O terreno está localizado em um ponto de grande fluxo de pessoas, muito utilizado como atalho para acessar os blocos ao fundo da Avenida Principal da UFAL e bastante visível a quem frequenta o espaço, sejam estudantes, trabalhadores ou membros da sociedade.

A escolha do espaço teve como objetivo trazer visibilidade à edificação e fácil acesso, por ser um ponto central dentro na universidade, além de criar uma interação com a Biblioteca, espaço com grande acervo, e a praça logo a frente.

Imagem 4 - Limites do bairro Cidade Universitária.



Fonte: Snazzy Maps, adaptado pela autora (2023)

Imagem 5 - Localização do terreno dentro da UFAL.



Fonte: Snazzy Maps, adaptado pela autora (2023)

Para o desenvolvimento do projeto arquitetônico serão produzidos inicialmente: a elaboração do conceito, programa de necessidades, estudo da insolação e ventilação no terreno e zoneamento das atividades propostas. Na próxima etapa será construída a forma volumétrica do projeto e as plantas baixas, resultando nos esboços tridimensionais, esquema estrutural e perspectivas, com moodboard dos materiais de referência.

Quadro 1 - Esquema Metodológico e técnicas empregadas.

OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ETAPA METODOLÓGICA	PROCEDIMENTOS	TÉCNICAS EMPREGADAS
Desenvolver um anteprojeto arquitetônico de um Centro Cultural dentro da Universidade Federal de Alagoas, Maceió- AL	Estudar a importância da valorização da cultura e das artes populares para a sociedade alagoana	Estudo Teórico	Revisão Bibliográfica	Estudo bibliográfico,leitura, fichamentos e síntese das informações
	Conceituar e caracterizar um Centro Cultural e seus espaços físicos para atividades ligadas à dança e ao teatro	Estudo de Repertório	Análise de fluxos, programas de necessidades e técnicas projetuais	Pesquisa em sites de arquitetura e visitas presenciais
	Desenvolver um anteprojeto Arquitetônico que possa suprir a carência por espaços culturais na região de estudo	Desenvolvimento do projeto	Levantamento de dados sobre o local, condicionantes legais e ambientais	Leitura do Plano Diretor (2005) e Código de Urbanismo e Edificações (2006)
				Análise da insolação e ventilação do terreno
			Desenvolvimento do estudo preliminar	Croquis, criação de moodboards, desenvolvimento de maquete eletrônica, produção de pranchas técnicas e artísticas

Fonte: Elaboração autoral (2023)

1.3.5 Estrutura do Trabalho Final de Graduação

No próximo capítulo, **2. Conceitos fundamentais pesquisados**, foram abordados o conceito de cultura, o avanço da preservação do patrimônio cultural material e imaterial no Brasil e o Patrimônio Vivo do estado de Alagoas. Sua segunda parte aborda sobre a formação étnica e cultural do estado e sobre as manifestações artísticas mais recorrentes da atualidade.

O capítulo **3. O que é um centro cultural? Conceituação e formas de concepção** foi estudado as origens do termo Centro Cultural e o estudo de repertório prévio ao projeto.

O capítulo **4. Desenvolvimento do Projeto Arquitetônico**, será apresentado o processo de concepção e o anteprojeto do Centro Cultural. Será criado um zoneamento adequado para as atividades propostas, logo será apresentado a volumetria e plantas baixas da edificação, juntamente com as estratégias de conforto adotadas, materiais, estacionamento e cálculo para os reservatórios de água.

O último capitulo **5. Considerações Finais** será discutido os desafios durante a concepção do projeto e a importância da existência de um Centro Cultural.

2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS PESQUISADOS

2.1 Cultura Popular

A palavra **cultura** tem suas origens no Latim (*colere*), que significa cultivar ou cultivo de uma determinada espécie, o termo é relacionado à agricultura. A palavra no âmbito da sociologia é de conceito amplo e ainda muito estudado por diversos autores e explicado de diferentes maneiras. Segundo o autor José Luiz dos Santos (1983) **o significado de cultura pode ser entendido como tudo aquilo que caracteriza uma população humana e todos os processos que a levaram a ser desta maneira**. Por exemplo, suas relações familiares, hierarquia de poder, maneiras de habitar, maneiras de se relacionarem entre si e com outras culturas. Entendemos também como parte da cultura de uma determinada sociedade suas tarefas diárias, suas celebrações, sua língua, sua culinária tradicional, sua filosofia, suas crenças e lendas, seus conhecimentos e suas manifestações artísticas (o teatro, a música, a arquitetura, a literatura, a pintura, a escultura, o artesanato, o modo de se vestir, entre outros). Assim, podemos afirmar que o ser humano é o único ser que cria cultura racional (SANTOS,1983).

> "Tudo que é cultural é humano, tudo que é humano é cultural" (SANTOS,1983, p.29).

Tratando- se de culturas, é impossível depreciar ou hierarquizá-las, pois cada uma tem processos, histórias e realidades diferentes, quando as hierarquizamos criamos preconceitos, usamos da visão de um determinado grupo social ou classe para inferiorizar outro grupo. Deste modo, em um país tão grande e com diversos grupos sociais e classes, como o Brasil, devemos entender que **a cultura brasileira é extremamente diversificada**.

Dentro da sociedade brasileira, por ser fruto de contribuições culturais de diversas origens fruto da colonização portuguesa, escravidão, grandes imigrações estrangeiras, o povo indígena nativo, e toda a miscigenação durante os séculos, até a atualidade vemos diversos grupos sociais com caracteristicas diferentes entre si. **Por isso, podemos considerar que a cultura pode se diferenciar junto com os grupos sociais, localidade e classes dentro de uma mesma sociedade**. Por exemplo, a cultura sulista se diferencia da cultura nordestina, assim como a cultura

de uma capital no nordeste pode se diferenciar da cultura no interior do mesmo estado.

> **Assim, a cultura passa a ser entendida como uma dimensão da realidade social, a dimensão não material, uma dimensão totalizadora, pois entrecorta os vários aspectos dessa realidade.** Ou seja, em vez de se falar em cultura como a totalidade de características, fala-se agora em cultura como a totalidade de uma dimensão da sociedade. Essa dimensão é a do conhecimento num sentido ampliado, é todo conhecimento que uma sociedade tem sobre si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre a própria existência. **A cultura inclui ainda as maneiras como esse conhecimento é expresso por uma sociedade, como é o caso de sua arte, religião, esportes e jogos, tecnologia, ciência, política.** (SANTOS, 1983, p.41)

2.2 Patrimônio Cultural no Brasil e em Alagoas

No Brasil, uma das mais importantes políticas públicas para a valorização e reconhecimento da cultura é a "patrimonialização" de bens materiais e imateriais da sociedade (ALMEIDA et al., 2016). Na Constituição brasileira de 1988 (BRASIL, 1988), houve uma mudança no Decreto de Lei n° 25, substituindo o Patrimônio Histórico e Artístico por **Patrimônio Cultural**, essa mudança favoreceu a expansão do conceito de bens culturais e o reconhecimento de bens imateriais como patrimônio. O artigo 216 da Constituição conceitua como patrimônio cultural:

> Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
> **I - as formas de expressão;**
> **II - os modos de criar, fazer e viver;**
> **III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;**
> **IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;**
> V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
> **§ 1º** O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

> **§ 2º** Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem (BRASIL, 1988).

A Constituição de 1988 promoveu a inclusão de bens culturais materiais e imateriais de diferentes grupos formadores da sociedade brasileira e sua importância para a identidade cultural. **Os bens imateriais se referem a práticas derivadas da vida social que se manifestam de diversas formas como o folclore, os saberes, as tradições, as superstições, as celebrações, formas de expressão plásticas, entre outras** (ALMEIDA et al., 2016). O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) que foi criado em 1937 como uma entidade federal independente vinculada ao Ministério da Cultura, é o responsável pelo reconhecimento, proteção e promoção do patrimônio cultural brasileiro.

O art. 215 da Constituição Federal declara que é dever do Estado garantir o acesso democrático à cultura, estimular a prática das manifestações culturais e proteger a cultura popular em conjunto com a comunidade.

> Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.
> § 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afrobrasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.
> [...]
> § 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:
> **I defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;**
> **II produção, promoção e difusão de bens culturais;**
> III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;
> **IV democratização do acesso aos bens de cultura;**
> **V valorização da diversidade étnica e regional** (BRASIL, 1988).

> Art. 216-A. O Sistema Nacional de Cultura, organizado em regime de colaboração, de forma descentralizada e participativa, institui um processo de gestão e **promoção conjunta de políticas públicas de cultura, democráticas e permanentes**, pactuadas entre os entes da Federação e a sociedade, tendo **por objetivo promover o desenvolvimento humano, social e econômico com pleno exercício dos direitos culturais** (BRASIL, 1988).

Para a preservação e continuação de atividades relacionadas ao patrimônio cultural imaterial, foi declarada pela primeira vez no estado de Pernambuco, a **Lei**

do Registro do Patrimônio Vivo de n°12.196 em 2002. Entende-se por Patrimônio Vivo indivíduos que promovem e perpetuam atividades da cultura popular e/ou tradicional brasileira de uma determinada localidade. Estes são também grupos de representantes responsáveis por promover e preservar a memória, o saber, a história, as expressões, as celebrações e ofícios tradicionais do Brasil e transmitir estes conhecimentos para as gerações presentes e futuras. Seguindo o exemplo de Pernambuco, em 2004 Alagoas instituiu o Registro de Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas, Lei de n° 6.513:

> Parágrafo único**.** Será considerado como Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas, apto, na forma prevista nesta lei, a ser inscrito no RPV - AL, **a pessoa natural que detenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e para a preservação de aspectos da cultura tradicional ou popular de uma comunidade estabelecida no estado de Alagoas.**
> [...]
> **I** estar vivo;
> **II** ser brasileiro residente no Estado de Alagoas há mais de 20 anos, contados da data do pedido de inscrição;
> III ter comprovada participação em atividades culturais há mais de 20 anos, contados da data do pedido de inscrição;
> **IV** estar capacitado a transmitir seus conhecimentos ou suas técnicas a alunos ou aprendizes (ALAGOAS (AL), 2004).

O Registro de Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas institui o reconhecimento e benefício vitalício aos artistas da cultura popular alagoana (ALMEIDA et al., 2016). Estes indivíduos transmitem saberes originários de todo o estado, à região metropolitana, ao litoral, à Zona da Mata, ao Agreste e ao Alto Sertão, assumindo a responsabilidade de mantê-los vivos na memória e no cotidiano da sociedade, conhecimentos como: manifestações e danças folclóricas, os folguedos, a literatura, o artesanato, etc.

Atualmente, Alagoas tem 50 pessoas registradas como Patrimônio Vivo do Estado, estas atuam em diversas partes da cultura popular como nos folguedos, nas artes manuais (a categoria com mais registros), nas celebrações religiosas do estado, na literatura de cordel, na música, etc. Algumas destas pessoas, como a artesã em cerâmica e barro Irineia Rosa Nunes da Silva, ou Dona Irineia, ficou conhecida nacionalmente por suas peças e chegou a alcançar o mercado internacional.

2.3 A cultura alagoana e suas raízes africanas

O autor Darcy Ribeiro em seu livro “O Povo Brasileiro” de 1995, discorre sobre a formação cultural e étnica do Brasil, explicando como a sociedade brasileira foi constituída por diversas culturas que com o tempo se mesclaram em uma cultura tradicional brasileira. Após mais de quatro séculos de um processo de adaptação e flexibilidade cultural, a distância e peculiaridades do cotidiano de cada localidade foram moldando culturas regionais diversificadas. O próprio modelo agrário-mercantil-escravista do Brasil colonial favoreceu bastante a criação destas culturas regionais, como a mineração mais ao centro do país, as plantações de açúcar no litoral, o garimpo e extrativismo na Amazônia, etc (RIBEIRO, 1995). Ademais, o autor separa a cultura brasileira por cenários regionais, como a cultura crioula nas regiões férteis do Nordeste com as plantações de açúcar, a qual, se encaixa na realidade alagoana colonial.

A cultura crioula nasce da dinâmica casa-grande e senzala, como uma consequência do modo de produção dos engenhos de açúcar. O sistema econômico colonial-escravista das fazendas de açucar se tornou a forma de viver e ver o mundo pelos brasileiros, sendo eles os senhores de terra até aos negros e índios subjugados ao trabalho escravo, funcionando como modelo ordenador e agindo como **fator aculturador.** A cultura crioula tem raízes de origem indígena, africana e portuguesa, porém, o sistema e o trabalho nos engenhos molda e seleciona características destas culturas que favoreçam a produção e o desenvolvimento das fazendas, assim, criando um estilo de viver e cotidiano único e característico da cultura crioula que perpetuam por gerações e séculos (RIBEIRO, 1995).

As oligarquias açucareiras só encontravam grande resistência em seu domínio com os negros escravos, que se rebelavam ou fugiam para os quilombos. O mais famoso deles na região era o Quilombo dos Palmares, este se estruturava culturalmente como o **neobrasileiro**, sua estrutura de sociedade não era mais de origem africana, mas sim consequência da mistura de culturas e vivência em terras brasileiras. Seus cultivos, vida social e língua eram reflexo da cultura crioula nordestina (RIBEIRO, 1995).

Outro grande desafio da sociedade açucareira foi a Revolução Industrial (1750-1840), que desencadeou uma série de revoltas e levantes sociais em busca do desenvolvimento social de uma sociedade considerada agora antiquada em comparação com a Europa. Estas revoluções foram protagonizadas por homens livres, mas os colonos tinham grande medo das revoluções chegarem à massa pobre e aos escravos, pois isto causaria grande impacto na área econômica (RIBEIRO, 1995). Em decorrência das revoluções, em 1817, Alagoas foi decretada capitania independente de Pernambuco pela coroa portuguesa, por sua importância na produção açucareira.

A produção açucareira no Nordeste foi responsável pelo surgimento dos três primeiros povoamentos na capitania do Pernambuco, que hoje são localizados no estado de Alagoas, ao norte com Porto Calvo, tivemos povoamentos às margens da lagoa Mundaú e Manguaba, e ao sul com Penedo.

Os remanescentes culturais da cultura crioula, falada por Darcy Ribeiro, impactam na realidade alagoana até os dias atuais, em suas celebrações, festas, crenças, rituais, danças, arquitetura, etc. A cultura africana trazida pelos escravos se misturava à cultura portuguesa colonizadora nas fazendas, criando a cultura neobrasileira e tipicamente alagoana.

Dentro das casas-grandes dos senhores de engenho temos os bordados refinados trazidos pelas portuguesas, as vestimentas das sinhás e a culinária farta. A religião católica, herança europeia, era imposta a todos e representada pelas capelas existentes nas fazendas de açúcar. As manifestações dos escravos em suas senzalas, as danças como a taieira e a roda de coco, a capoeira, a culinária, são elementos presentes até a atualidade e inerentes à cultura alagoana (Imagens 6 e 7).

Imagem 6 - Taieiras em Alagoas.



Fonte: História de Alagoas, 2021.

Imagem 7 - Capoeira em Alagoas.



Fonte: Projeto Alagoas, 2020.

A religião de origem africana Candomblé e suas manifestações e cultos aos Orixás são praticadas comumente no estado. A dinâmica de interação entre culturas que originou a cultura crioula proporcionou outras manifestações culturais como a poesia e prosa popular, lendas e superstições, práticas da medicina natural, festas tradicionais, etc (MENEZES, 2009).

> O coco nasceu do samba africano dançado nos terreiros da casa-grande (...). É certo que este samba africano foi se misturando com outras danças; não só choque étnico, mas também choque cultural fez com que nascesse daí o coco alagoano, que, embora conhecido no Nordeste, é particularmente das Alagoas. (...) O coco é encontrado ainda hoje muito vivo e sempre original em Viçosa. Dos engenhos viçosenses têm saído alguns dos melhores cantadores de coco (...) (DIÉGUES Jr., 2002, p.275).

Considerando a importância de conhecer a história e o patrimônio material e imaterial para a construção social e cultural de um povo, a valorização e conhecimento deste cria um elo com suas origens, e o sentimento de pertencer aos indivíduos de um povo (MENEZES, 2009).

> **Quando uma comunidade é reconhecida por um determinado elemento cultural e, ao mesmo tempo, se reconhece nele, criando laços de identidade e pertencimento, ocorrem as condições propícias para considerar tal elemento como patrimônio cultural** (MENEZES, 2009, p.3).
>
> Ainda que muitos alagoanos não se reconheçam nessa história, nessa cultura, grande parte do patrimônio histórico cultural de Alagoas provém da atividade açucareira de outrora, até porque está intimamente ligada à origem do mesmo. O resgate e a valorização dessa cultura é de fundamental importância para a construção de um alagoano mais denso, no sentido de absorver o máximo dos valores histórico-culturais referentes à formação de Alagoas (MENEZES, 2009, p.13).

Assim, concluímos que a economia açucareira e o estilo de vida criado por meio desta, origina a cultura alagoana da atualidade, suas manifestações culturais e artísticas.

2.4 Arte popular alagoana

O termo arte popular no Brasil, e no mundo, não tem um significado preciso, mas é comumente usado para se referir a práticas artísticas feitas por grupos sociais não dominantes ou desenvolvidas em paralelo, mas de formas diferentes da arte tradicional erudita ocidental. Segundo Tiago Mesquita, crítico de arte e professor, *no Brasil arte e cultura popular são usadas para descrever o imaginário e a produção de grupos de origem ameríndia, africana, mestiços e brancos a margem do povo brasileiro* (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022). Lélia Coelho, crítica de arte,

escritora e museóloga, em seu livro *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro* defende o caráter tradicional do que ela chama de **artes do povo**.

> "Trata-se de um conjunto de práticas sociais, culturais materialmente presentes, que se reproduzem através da transmissão de um conhecimento sempre recriado pelos membros de uma comunidade, em suas trocas recíprocas de experiência." (FROTA, 2005)

No século XX, com o início do movimento Modernista no Brasil, se aprofundaram as pesquisas e o conhecimento envolvendo a arte e cultura popular brasileira, com o objetivo de enaltecer as singularidades artísticas do país, sem distinção do popular e erudito (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022). A arquiteta Lina Bo Bardi com a mostra inaugural do MASP em São Paulo de 1969, *A Mão do Povo*, resultado de outras exposições nacionais e internacionais desde 1959, expôs a vasta produção material de artistas populares brasileiros com o objetivo de valorizar esta arte, que até então era ignorada pelos museus e galerias no país.

O movimento de valorização e estudo da arte popular alagoana foi impulsionada pelo professor, pesquisador, médico e folclorista Théo Brandão na primeira metade do século XX, e ganhou proporções maiores em 1970 quando pesquisadores, artistas plásticos, designers e outros profissionais deram destaque a esta arte. A arquiteta pernambucana Janete Costa foi uma das pioneiras na pesquisa sobre arte popular no Brasil e acreditava que para entender o significado de uma arte universal era preciso ver a criação popular como parte dela (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022).

O **Mapeamento do Patrimônio Imaterial de Alagoas** (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2008) e o **livro Alagoas, Memória das Mãos** (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022) destacam o patrimônio imaterial e a produção material de Alagoas retomando suas origens na história do estado e o separando em: **ofícios e modos de fazer** , **formas de expressão** e **celebrações**.

2.4.1 Ofícios e modos de fazer

Em ofícios e modos de fazer foi destacado a prática gastronômica, com grande uso de alimentos à base da farinha de mandioca, do açúcar, do coco e a culinária voltada ao preparo de peixes, mariscos e crustáceos. A ocorrência dessas práticas está relacionada historicamente com a presença de grupos indígenas ao longo do Rio São Francisco, e posteriormente aos engenhos de açúcar. A pesca é a segunda maior referência, desta derivam outros ofícios como: as marisqueiras, pegador de caranguejo, construtor, condutor de barcos, canoas e jangadas (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2008).

Em terceiro lugar, estão as referências de manualidades, as artes artesanais, como: bordados, tecelagem, cestaria, etc (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2008). A confecção das rendas típicas do estado como filó, singeleza e filé, e das redes de pesca é um ofício muito comum nas margens do Complexo Lagunar (Imagens 8 e 9). Com o advento das linhas de algodão, esta prática foi impulsionada para outros tipos de bordado multicoloridos comuns pelo estado. No bairro Pontal da Barra em Maceió, às margens da lagoa, temos como exemplo Dilma Oliveira Vianna de 83 anos, uma das bordadeiras mais conhecidas do bairro. Outro exemplo é a rendeira de singeleza Jeane Valentim dos Santos, artesã e uma das líderes da Associação de Rendeiras de Singeleza e Bordados de Paripueira (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022).

> **“Onde há rede, há renda.”** Expressão popular, comum no nordeste, que destaca a relação das práticas manuais em povoados os quais a pesca predomina como atividade de subsistência (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022, p. 45).

Imagem 8 - Renda Singeleza.



Fonte: ARTESOL, Artesanato Solidário.

Imagem 9 - Renda Filé.



Fonte: ARTESOL, Artesanato Solidário

Em artes artesanais há muitas ocorrências da confecção de peças em madeira, barro, cerâmica, couro, palha, fibra natural, etc. A artesã em cerâmica Irineia Rosa Nunes da Silva de União dos Palmares é Patrimônio Vivo de Alagoas, e

ficou conhecida nacionalmente por suas peças (Imagem 10). Outro Patrimônio Vivo é João Carlos da Silva ou João das Alagoas, como é conhecido, é artesão em barro de Capela (ALMEIDA et al., 2016).

Imagem 10 - Irineia Rosa Nunes da Silva, artesã em cerâmica Patrimônio Vivo de Alagoas.



Fonte: Alagoas, Memória das Mãos (2022)

Nos bordados em algodão temos como exemplo a Edneuza Teixeira, que desenvolve peças de retalhos coloridos que ganharam popularidade em Alagoas pelo programa Alagoas Feito à Mão (Imagem 11). A Associação Mulheres da Fibra no assentamento Água Fria, zona rural de Maragogi, confecciona peças como bolsas, passadeiras, cachepôs, porta-copos e peças do vestuário com a fibra retirada da bananeira (Imagem 12). Essa associação de trabalho dá a mulheres da região autonomia e independência financeira a partir do empreendedorismo (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022).

Imagem 11 - Peças de retalhos coloridos por Edneuza Teixeira.



Fonte: Alagoas, Memória das Mãos (2022)

Imagem 12 - Peça de fibra natural.



Fonte: Alagoas, Memória das Mãos (2022)

A Ilha do Ferro, povoado de Pão de Açúcar, cidade situada no sertão alagoano, ficou conhecida internacionalmente por ser celeiro de artistas dos mais diversos e reconhecida como um território de domínio da arte popular de Alagoas.

As artes produzidas na cidade vão do bordado típico Boa Noite, a mobiliários singulares criados a partir de galhos, raízes e troncos, são peças orgânicas que demonstram o imaginário e folclore da cultura popular alagoana (Imagens 13 e 14) (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022).

> As peças que hoje nos maravilham não nasceram como arte; tornaram-se arte quando se descobriu quanta beleza havia nelas. Foram criadas pela necessidade, como utensílios, panelas e vasos, colheres, remos, os fios tecidos para vestir e proteger, a rede para pescar e a rede para dormir, as armas primitivas de caça e guerra, tudo que a necessidade de sobreviver exigia da inteligência e da habilidade manual. Originalmente pelas hábeis mãos indígenas nativas, depois pelas mãos negras e caboclas, e mais tarde ganhando aqui e ali um pouco do elemento europeu. É dessa mestiçagem cultural, desse colorido humano que vem a arte popular alagoana. É o mesmo que dizer: deste caldo de cultura viemos nós (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022, p. 11).

Imagem 13 - Jasson Gonçalves da Silva, confecciona cadeiras em madeira.



Fonte: Alagoas, Memória das Mãos (2022)

Imagem 14 - Peça de madeira confeccionada por Aberaldo Sandes Costa Lima, da Ilha do Ferro.



Fonte: Alagoas, Memória das Mãos (2022)

Ainda sobre as artes artesanais, temos a herança dos caetés, povo indigena originário do estado localizados na região central lagunar e foz do rio São Francisco, do trabalho e confecção de cestarias e bolsas utilizando a palha produzida com as fibras da taboa. Este trabalho, em Feliz Deserto, é auxiliado pela Associação dos Artesãos de Feliz Deserto (Imagem 15) (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022).

> Além de trançar e costurar a fibra seca da taboa, as integrantes entendem a importância da preservação da planta aquática, encontrada em várzeas, lagoas e brejos da região. Por respeitar o manejo sustentável, o Ibama concedeu o selo de produto com matéria-prima natural que respeita o meio ambiente. A associação também conquistou certificação do Unicef e, ao longo de sua existência, recebeu apoio do Governo do Estado, prefeitura municipal, Sebrae, Usina Coruripe e Banco do Brasil, que concedeu um prêmio em dinheiro o qual permitiu a construção da sede própria (VASCONCELOS; LAMENHA, 2022, p. 200).

Imagem 15 - Marinalva dos Santos, artesã da Associação dos Artesãos de Feliz Deserto.



Fonte: Alagoas, Memória das Mãos (2022)

O universo religioso engloba práticas tradicionais relacionadas à cura, como benzedura, rezadeira e o preparo de misturas medicinais. No lúdico é registrado a prática dos jogos e brincadeiras (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2008).

2.4.2 Formas de expressão populares

Em formas de expressão é destacado os folguedos, que são classificados em natalinos, de festas religiosas, carnavalescos e carnavalescos de estrutura simples. A exemplo do folguedo natalino temos Janeiras e Reis, Guerreiro e as Taieiras, que são cortejos que celebram o ano novo, originários da península ibérica, porém se misturaram com as tradições africanas e costumes indígenas, resultando em manifestações típicas da região açucareira de Alagoas (Imagem 16) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2008). José Pereira Lima, ou Dedeca, de Água Branca, é Mestre de Reisado, Patrimônio Vivo de Alagoas, e Arthur Morais dos Santos, de Maceió, é Mestre de Guerreiro (ALMEIDA et al., 2016). Em segundo

lugar as referências são as lendas, incluindo mitos, crendices e superstições (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2008).

Imagem 16 - Folguedo Guerreiro.



Fonte: Projeto Alagoas

Em terceiro lugar estão as danças e cortejos, sua maioria de origem africana, antes praticadas nos terreiros das casas-grandes quanto nas procissões religiosas, outra parte é de origem portuguesa, e por fim indígena com maior ocorrência no litoral (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2008). Um destaque entre as danças é o Coco de Roda Alagoano (Imagem 17), de origem africana que recebeu influências da cultura indígena, este tem dois registros de Patrimônio Vivo no estado, Nelson Vicente Rosa de Arapiraca e Maria José Ferreira de Cajueiro (ALMEIDA et al., 2016).

Imagem 17 - Coco de Roda Alagoano.



Fonte: História de Alagoas (2015)

Ainda dentro desta categoria temos os cantos e cantigas, além da literatura com os contos, trovas, poesias, incluindo com grande importância o cordel, neste temos alguns registros de Patrimônio Vivo, como Antônio Salvador de Limoeiro de Anadia que é trovador e repentista. No quesito musicalidade encontramos as bandas, como por exemplo Esquenta-mulher (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2008).

2.4.3 Festas e celebrações

Nas celebrações a maioria de suas referências estão ligadas a comemorações católicas, a maioria registradas nas cidades de Marechal Deodoro e Maceió. Em segundo lugar estão as festividades profanas, dentre elas o Carnaval, a Festa do Vaqueiro e festas relacionadas a momentos históricos e culturais como as comemorações da morte de Zumbi dos Palmares. Em terceiro lugar estão as festividades ligadas às populações indígenas no município Palmeira dos Índios. Em quarto lugar estão as celebrações vinculadas ao religioso afro-brasileiro, com maior recorrência na cidade de Maceió, como a festa Orixá Oxum e Orixá Iemanjá (Imagem 18), entre outras. Por fim, estão as celebrações associadas às atividades

agrícolas, como a festa da botada (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2008).

Imagem 18 - Festa de Iemanjá em Maceió, 2022.



Fonte: Alagoas 24 horas (2022)

3. O QUE É UM CENTRO CULTURAL? CONCEITUAÇÃO E FORMAS DE CONCEPÇÃO

Na atualidade brasileira, se vê grande importância em preservar e valorizar a memória e a cultura regional. Espaços tradicionais de memória, como museus e bibliotecas têm sido mais apreciados. Mas há grandes críticas sobre estes espaços, pois geralmente a forma de mostrar as práticas culturais ainda se dá de modo estático, sem qualquer interação entre o indivíduo, para que possa haver uma real experiência de vivência artística, envolvendo o que está sendo exposto.

A instituição e espaço **Centro Cultural** é de difícil conceituação pois possui características muito diversas, a depender do foco e objetivo da instituição promotora.

Ao tentar encontrar a origem dos Centros Culturais voltamos à antiguidade, quando atividades que envolviam ciência, filosofia e arte eram comumente feitas nos mesmos espaços, como a exemplo a Biblioteca de Alexandria na Grécia. Posteriormente, na modernidade, houve a fragmentação dos saberes e estas atividades começaram a ser realizadas em espaços diferentes (SILVA, 1995).

3.1 Breve evolução histórica do termo

O sociólogo francês Joffre Dumazedier destaca que a origem dos centros culturais aconteceu na França, na década de 1950. Estes espaços foram criados como uma opção para o lazer dos operários, já que na sociedade industrial pós guerra, o lazer era visto como uma importante ferramenta para o aumento da produtividade no âmbito urbano e rural das cidades. Assim, estes momentos de lazer eram direcionados a atividades de valorização da cultura (DUMAZEDIER, 1979). Em 1977, como resultado desta valorização cultural francesa, houve a inauguração do **Centro Nacional de Artes e Cultura Georges Pompidou**, uma edificação que inovou de diversas formas, tanto em sua arquitetura estilo pós moderno industrial, quanto pela diversidade de atividades que eram realizadas em seu interior e a grande interação entre as exposições e os indivíduos (Imagem 19).

Imagem 19 - Centro Nacional de Artes e Cultura Georges Pompidou.



Fonte: Bigstock.

A partir da década de 1980 começamos a ver a expressão Centro Cultural ligada ao Museu. O autor Edward Porter Alexandre escreveu um capítulo para a publicação americana *Museums in Motion*, em 1979, com o título "O museu como centro cultural e um instrumento social". Neste texto ele denominou o museu como uma exposição estática e esquecida pelo público. A partir do século XIX, isto mudou drasticamente, pois os museus começaram a aderir a outras atividades de interação e interpretação, especialmente entrando no universo digital e das redes sociais, atraindo mais público, e renovando esse público no sentido das juventudes. Assim, muitos museus mudaram sua denominação para *Centros de Arte* ou *Centros de Ciências* (ALEXANDRE, 1979).

O autor brasileiro José Teixeira Coelho em seu livro *Usos da Cultura: políticas de ação cultural* de 1986, acredita que os centros culturais ou casas de cultura, por serem instituições, são passíveis de serem amparadas por leis, e estas são de extrema importância para a sociedade brasileira atual. Em seu livro, ele narra os centros culturais em dois países da América Latina, México e Cuba, e dois países europeus (França e Inglaterra). No México, o foco das casas de cultura é melhorar a qualidade da educação e a atmosfera cultural, promovendo exposições, oficinas, espetáculos, danças, conferências, debates, etc, sempre focando na participação do público. Assim, é evidente a preocupação com a **cultura popular, buscando uma valorização da identidade cultural através da educação** (COELHO NETO, 1986).

Para José Teixeira, trazendo a denominação **Casa de Cultura**, num contexto similar, ao afirmar que esta deve ser responsável pela produção cultural, não apenas pela sua apreciação para o público. A Casa de Cultura deve ter participação voluntária da comunidade, já que sem sua existência, não há sentido social, nem político de manutenção e preservação das práticas populares. Seu objetivo é **ser democrática e despertar consciência política e social** (COELHO NETO, 1986).

> O centro de cultura é permitir a liberdade de chegar ao conhecimento e de discuti-lo. O acesso à informação, a amplificação da informação através da discussão e da análise, o registro e a preservação da informação, a construção de informações novas e a disseminação das informações construídas estão entre as muitas ações que devem ser realizadas no interior de uma casa de cultura. Pois, cultura e informação, no mundo contemporâneo, são duas faces de uma mesma moeda (COELHO, 1986, p.124).

Trazendo a discussão para a educação, o teórico brasileiro Luís Augusto Milanesi associa as escolas com as bibliotecas públicas no Brasil, sendo essas auxiliares no desenvolvimento educacional. Ele acredita que os centros culturais são uma evolução natural das bibliotecas, e o Centro Georges Pompidou é um exemplo disso. Para Milanesi um centro cultural é qualificado por três verbos: informar, discutir e criar. O verbo **informar** designa que o acervo existente a ser mostrado deve ser transformado em informação de fácil compreensão. O espaço como informativo deve incentivar a **discussão e crítica**, através de ações propostas pelo centro cultural, como debates e seminários. Assim, a informação adquirida é discutida e absorvida de outras formas, dando espaço a novas ideias e informações. Para o verbo **criar**, os centros culturais devem ter espaços permanentes de criação, além das exposições, dos acervos, do auditório, deve haver ateliês, laboratórios e oficinas voltadas a criação de expressões, manifestações, bens culturais e outras formas de conhecimento. **O Centro Cultural deve ser uma instituição ativa na criação de reflexão e crítica** (MILANESI, 1991).

> “Um espaço cultural, inconformista por definição, deverá promover o encontro das idéias, e para isto, é necessário que o público, saindo da inapetência, tenha fome de informação” (MILANESI, 1991, p.149).

O autor conclui que o projeto de um centro cultural deve ter integração com o ambiente, o homem, e o mundo ao qual ele vive. Este também deve ter espaços para diversas atividades como acervo, auditórios, salas para palestras, sala de vídeo, espaço para exposições, espaços de criação, espaço para interação e discussão, espaços de convivência, espaços para descanso, etc (MILANESI, 1991).

Nas cidades contemporâneas tendemos a utilizar da cultura como forma de marketing e mercadoria, para atrair turistas e lucro. Com isso, pela necessidade de manutenção financeira, diversos museus, bibliotecas e centros culturais passaram para a esfera privada, gerando cobrança de ingressos e de outros serviços. Deste modo, políticas públicas que possam dar mais sustentação a estas instituições, na esfera pública, poderiam contribuir com a renovação e requalificação da cidade e de seus usos (NEVES, 2013).

A arquitetura dos centros culturais fazem parte dessa requalificação e embelezamento da cidade, sendo comumente grandes edifícios emblemáticos, que chamam a atenção no cenário urbano, auxiliando na construção da imagem da cidade. Com isso, uma maior preocupação se volta ao conceito arquitetônico, à volumetria e às possíveis ornamentações do edifício, ao invés de sua funcionalidade e papel para a comunidade (NEVES, 2013).

> Não é à toa que a arquitetura torna-se exuberante quando projeta obras ligadas à esfera cultural. O caráter monumental diz que a própria beleza é um discurso ligado à Cultura como posse. Um Centro Cultural feio seria uma contradição. Tudo isso leva a apontar para a supremacia do caráter formal dos prédios que proliferam com essa denominação sobre sua própria razão de existir (MILANESI, 2003).

No Brasil, os Centros Culturais começaram a ganhar destaque nos anos 80, com a criação do Centro Cultural Jabaquara em 1980 e do Centro Cultural de São Paulo em 1982 (Imagem 20). O surgimento de novos centros e espaços de cultura veio dos grandes investimentos ao incentivo à cultura, por meio de políticas públicas e ações de órgãos públicos (NEVES, 2013). A construção de um centro cultural exige grandes investimentos, por isso, no Brasil é comum a utilização de edifícios tombados para a sua requalificação e reutilização como casa de cultura, como é o caso do Circuito da Liberdade em Belo Horizonte-MG que utiliza edifícios históricos para o incentivo e consumo da cultura (Palácio da Liberdade, Centro Cultural Banco

do Brasil, Memorial Minas Gerais Vale, Biblioteca Pública Estadual, Museu da Minas e do Metal, etc) (Imagem 21).

Imagem 20 - Centro Cultural Jabaquara (1980).



Fonte: ArchDaily.

Imagem 21 - Memorial Minas Gerais Vale.



Fonte: Tem que ir.

3.2 A elaboração de um centro cultural e seus desafios

Na elaboração do projeto de um Centro Cultural é de extrema importância pensar na **democratização do espaço e no seu bom funcionamento**. Neste espaço serão realizadas as mais diversas atividades culturais com foco no bem-estar e qualidade do aprendizado de seus usuários, então, é preciso projetar de forma acessível, integrar o espaço com seus usuários e as atividades a serem exercidas.

O programa de necessidades de um Centro Cultural é amplo, pois comporta atividades diversificadas. Retomando o pensamento de Milanesi (2003) sobre os verbos informar, discutir e criar, podemos denominar espaços diversos para cada. Sobre a ação de **informar**, podemos utilizar espaços como salas de exposições, bibliotecas, acervos, cinema ou auditórios. Sobre a ação **discutir**, podemos usar espaços como salas de reunião, espaços de convivência, espaços multiusos ou pátios. Sobre a ação **criar**, podemos usar ateliês, salas de dança, teatro e laboratórios. Além das áreas de apoio e administrativas, como almoxarifados, sala de administração, sanitários e espaços de apoio (NEVES, 2013). É importante lembrar que o Centro Cultural deve ser um **ambiente de inclusão**, logo, é preciso **projetar de forma acessível**. É interessante a utilização de espaços livres e abertos, pensando na integração interior e exterior, ou indivíduo e natureza/ cidade.

O conjunto de decisões projetuais com foco em qualidade ambiental condizentes com um Centro Cultural são:

- Variedade e acessibilidade de entradas e acessos;
- Democratização dos espaços de uso público;
- Integração das diversas atividades realizadas por meio de amplitude visual e sensorial;
- Conforto ambiental amplo para maior e melhor permanência dos usuários desenvolvendo atividades no interior dos ambientes.

A questão de fácil acesso entre o espaço público e o interior do Centro Cultural, com várias entradas, diminui a inibição das pessoas, incentivando o uso daquele espaço pela sociedade. **A democratização do espaço advém da existência de um ponto central de convivência, como uma praça ou pátio**

(NEVES, 2013), como por exemplo, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura em Fortaleza, que é composto por diversos pátios de convivência, os quais, é comum ver jovens praticando danças, se reunindo, andando de skate ou realizando outras atividades de lazer (Imagem 22).

Imagem 22 - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.



Fonte: Rever Urbano

Um Centro Cultural é um espaço de média a longa permanência, assim sendo de extrema importância o conforto ambiental em seu interior. Ambientes como salas de reunião, auditórios e salas de exposição é necessário climatização, por serem espaços de longa permanência. Outros ambientes como salas de dança e ateliês podem ser abertos, inclusive, é interessante manter uma interação entre o ambiente interno e externo por meio de grandes aberturas, auxiliando também na entrada de iluminação e ventilação natural.

A fim de compreender melhor tais aspectos do ponto de vista da arquitetura contemporânea, descreve-se a seguir a pesquisa de projetos de referências.

3.3 Pesquisa de projetos similares para construção de repertório

O estudo de repertório será baseado em dois Centros Culturais no Brasil. Será estudado o Centro Cultural da Associação Brasileira da Soka Gakkai (BSGI) e

o Complexo Cultural Teatro Deodoro em Maceió, Alagoas. Nos projetos serão analisados o programa de necessidades, a setorização das atividades, a acessibilidade e as estratégias de conforto aplicadas na edificação.

3.3.1 Centro Cultural da Associação Brasileira da Soka Gakkai (Curitiba- SC)

O Centro Cultural da Associação Brasileira da Soka Gakkai (BSGI), inaugurado em 2015 e projetado pelo escritório Hardt Planejamento, fica localizado em Curitiba, Santa Catarina. A edificação tem 2140m² e fica centralizada em um lote de 6270m², nos recuos da edificação se encontra o estacionamento e 5 praças circulares (Imagens 23, 24 e 25).

Imagem 23 - Entrada principal, Centro Cultural BSGI.



Fonte: ArchDaily (2017).

Imagem 24 - Fachada posterior, Centro Cultural BSGI.



Fonte: ArchDaily (2017).

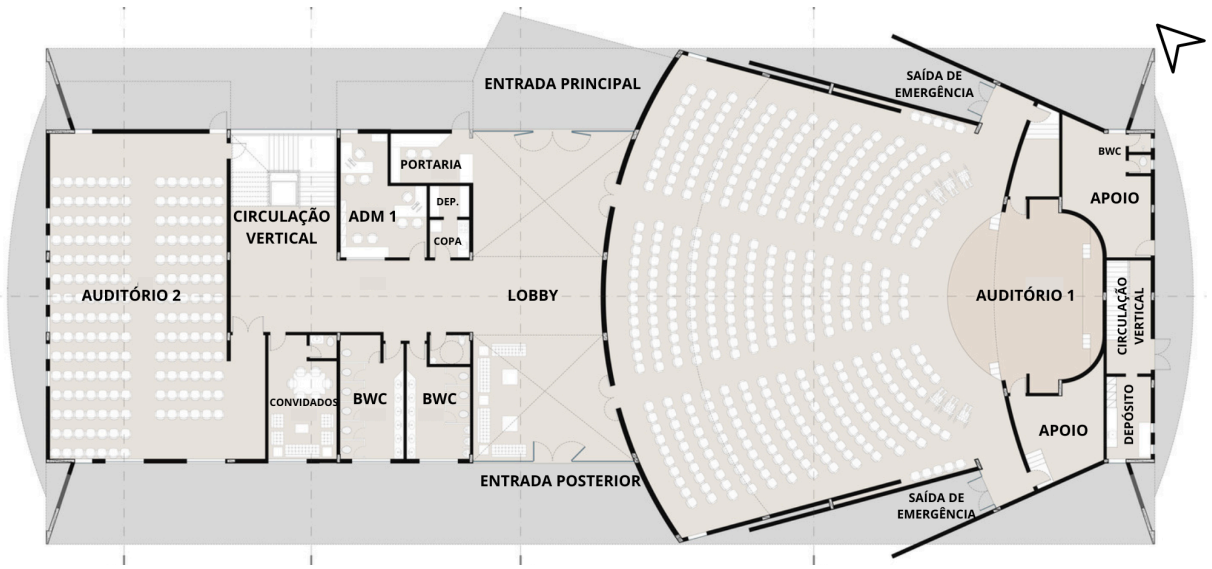
Imagem 25 - Fachada principal, Centro Cultural BSGI.



Fonte: ArchDaily (2017).

O acesso principal se dá pela avenida Antônio Meirelles Sobrinho e sua entrada posterior pelo estacionamento dos fundos. A edificação possui dois pavimentos com sua planta baixa de base retangular, ao centro está a entrada principal e a entrada posterior, uma de frente a outra com grandes esquadrias em vidro e pé direito duplo, criando um lobby de espera e com sofás (Imagem 26).

Imagem 26 - Planta baixa térreo, Centro Cultural BSGI.



Fonte: ArchDaily (2017), adaptado pela autora (2023).

No pavimento térreo as atividades são divididas nos dois lados do acesso, a direita fica um auditório com capacidade para 500 pessoas, enquanto a esquerda, se encontra a portaria, dois banheiros com cabine para P.C.D, uma sala de administração, uma copa e depósito para funcionários, uma pequena sala para convidados com lavabo, um segundo auditório para 200 pessoas, e a circulação vertical com escada e elevador para as salas de ensaio superiores.

O auditório maior é plano, composto por um palco para apresentações e palestras, duas saídas de emergência, ao fundo estão as salas técnicas e de apoio, um banheiro, um depósito, acessos de serviço externo e uma circulação vertical para a parte superior do auditório (Imagem 27).

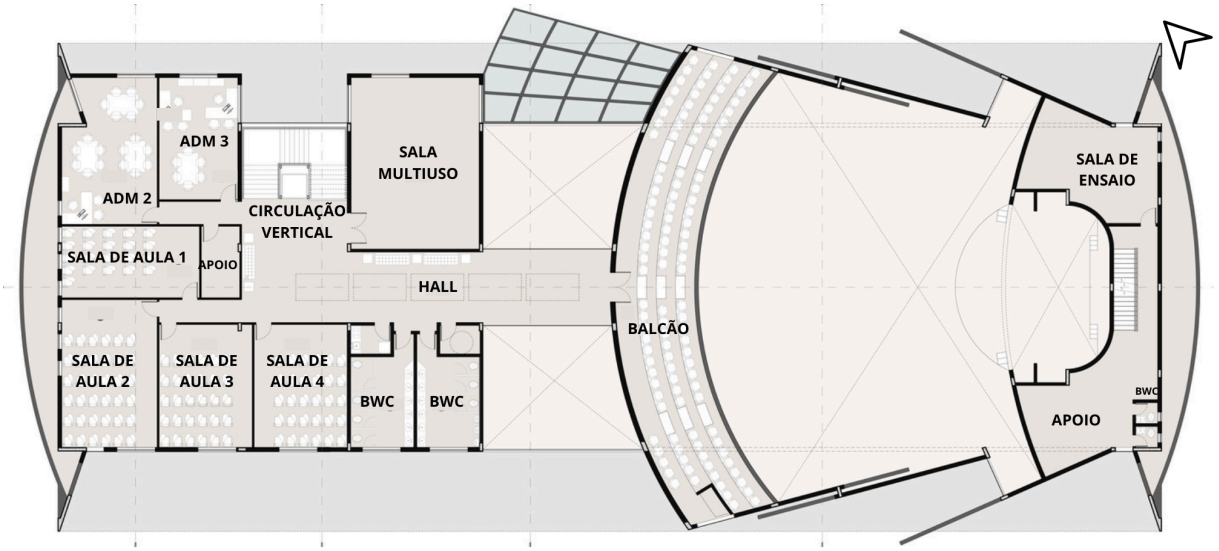
Imagem 27 - Auditório plano, Centro Cultural BSGI.



Fonte: ArchDaily (2017).

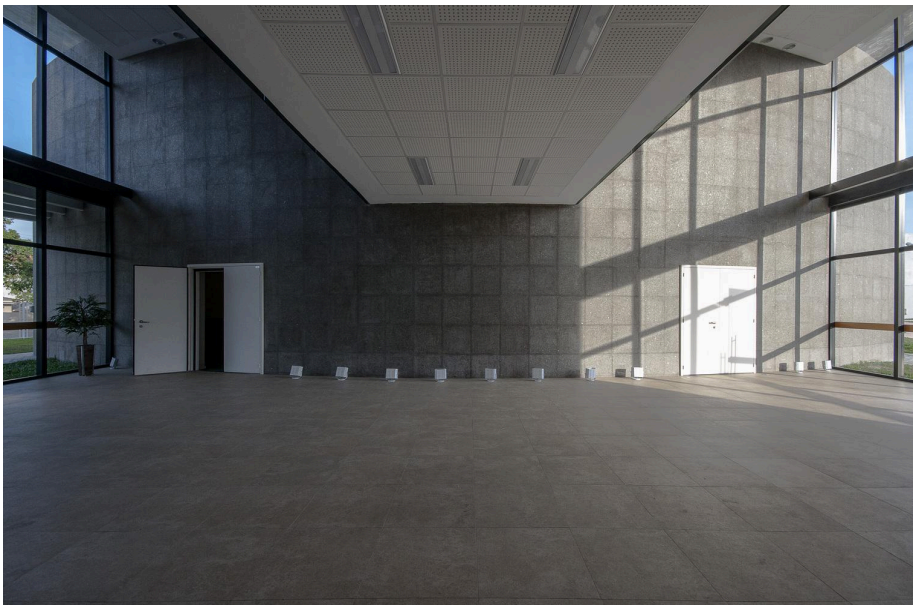
No pavimento superior temos no centro um grande hall de circulação e uma passarela de acesso, que se encontra acima do lobby, para o balcão do auditório, esta área é iluminada naturalmente pelas grandes esquadrias e pé direito duplo das entradas principal e posterior do térreo (Imagens 28 e 29). Do lado esquerdo se encontram dois banheiros, uma sala multiuso, duas salas de administração e quatro salas de aula. A direita, ao fundo do auditório, se encontram as salas de ensaio e um banheiro.

Imagem 28 - Planta baixa pav. superior, Centro Cultural BSGI.



Fonte: ArchDaily (2017), adaptado pela autora (2023).

Imagem 29 - Lobby, Centro Cultural BSGI.



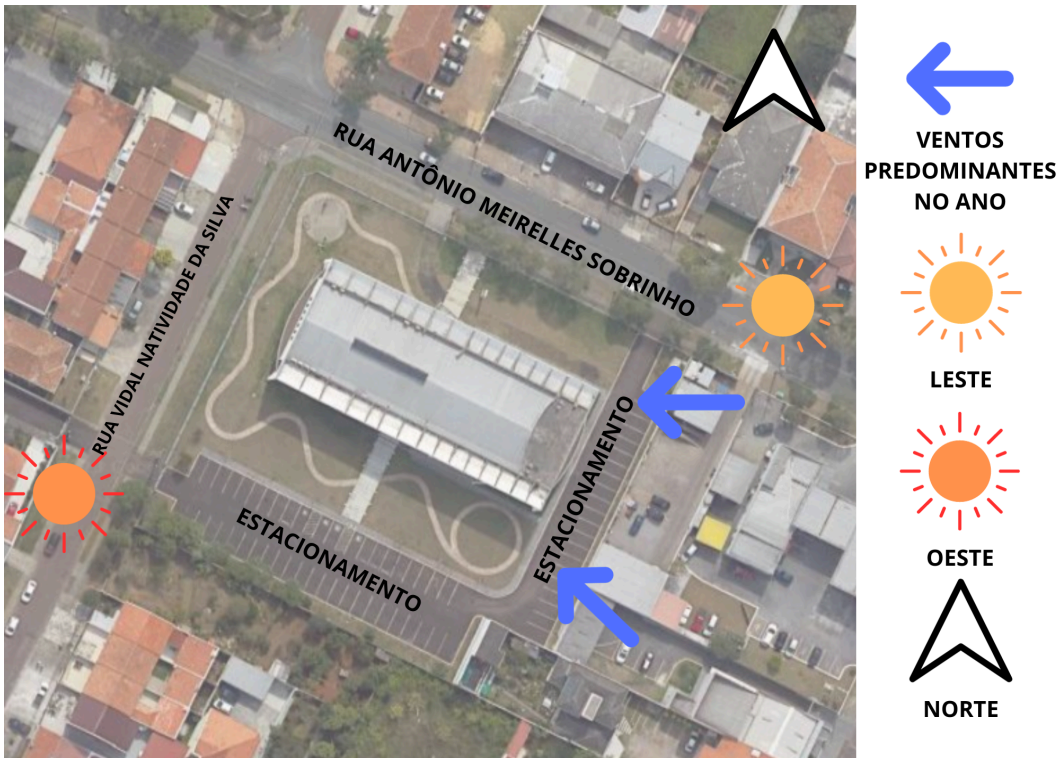
Fonte: ArchDaily (2017).

A setorização da edificação no pavimento térreo é focada nos auditórios com grande capacidade, as dependências deste pavimento são para auxiliar e receber o público para esta atividade. Já no pavimento superior acontecem atividades mais diversificadas, como espaços de aprendizado e/ou palestras e exposições, e a administração central do Centro Cultural.

O acesso vertical da edificação é feito por uma escada em formato U com elevador para P.C.D., porém não foi visto espaço para sala de geradores. Então se questiona como uma pessoa com dificuldade na mobilidade acessaria o pavimento superior em caso de queda de energia.

Analisando a rosa dos ventos da cidade de Curitiba e a localização do projeto, podemos ver que os ventos predominantes advém do leste e sudeste (Imagem 30). Assim, supomos que o volume circular nas fachadas sudeste e nordeste da edificação pode ser interpretado como uma forma de proteger a fachada da insolação direta leste e oeste, além da identidade do prédio. Nas duas fachadas maiores as grandes esquadrias de vidro no acesso permitem o **controle térmico** da edificação durante o verão e inverno, por serem as ventilações mais estáveis durante o ano. Possibilitam também a entrada de iluminação natural durante todo o dia, além das aberturas zenitais e claraboias no teto do pavimento superior. Seu interior utiliza cores neutras e claras, assim como nas fachadas com a cor branca e cinza do granito nas paredes (Imagem 31).

Imagem 30 - Ventilação natural e insolação no terreno.



Fonte: Google Maps (2023), adaptado pela autora (2023).

Imagem 31 - Hall superior, Centro Cultural BSGI.



Fonte: ArchDaily (2017).

Na fachada principal, as salas da administração e sala multiuso do segundo pavimento se projetam a frente do pavimento térreo criando dois volumes de destaque, além da marquise de treliça metálica protegendo a entrada. A coberta da edificação é retangular e cobre todo o perímetro construído, criando uma semelhança com uma caixa nas fachadas maiores. A volumetria da edificação em geral se utiliza de formas arredondadas, retas e pontiagudas.

3.3.2 Complexo Cultural Teatro Deodoro (Maceió- AL)

O Complexo Cultural anexo do Teatro Deodoro[1], localizado no bairro Centro em Maceió, foi inaugurado em dezembro de 2014 e projetado pelas arquitetas Marta Nogueira e Maria Palmeira (Imagens 32 e 33). O edifício fica ao lado do Teatro Deodoro e em frente a Praça Marechal Manoel Deodoro da Fonseca (Imagem 34). O local foi visitado no dia 22 de junho de 2023 (um dia chuvoso, então não foi possível tirar muitas fotos da fachada), foi permitido o acesso às pranchas

[1] * Localizado na Praça Marechal Deodoro, no centro da cidade de Maceió, Alagoas, o Teatro Deodoro teve sua pedra fundamental lançada no dia 11 de junho de 1905. Projetado pelo arquiteto Luiz Lucariny sua construção ficou sob a responsabilidade do mestre de obras Antônio Barreiros Filho. Foi inaugurado em 21 de novembro de 1910, e passou por sua primeira reforma em 1933.

impressas do projeto técnico do Complexo, datado de 2008, já que não havia projeto em *AutoCad*.

Imagem 32 - Fachada frontal, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 33 - Fachada lateral, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Autoral (2023).

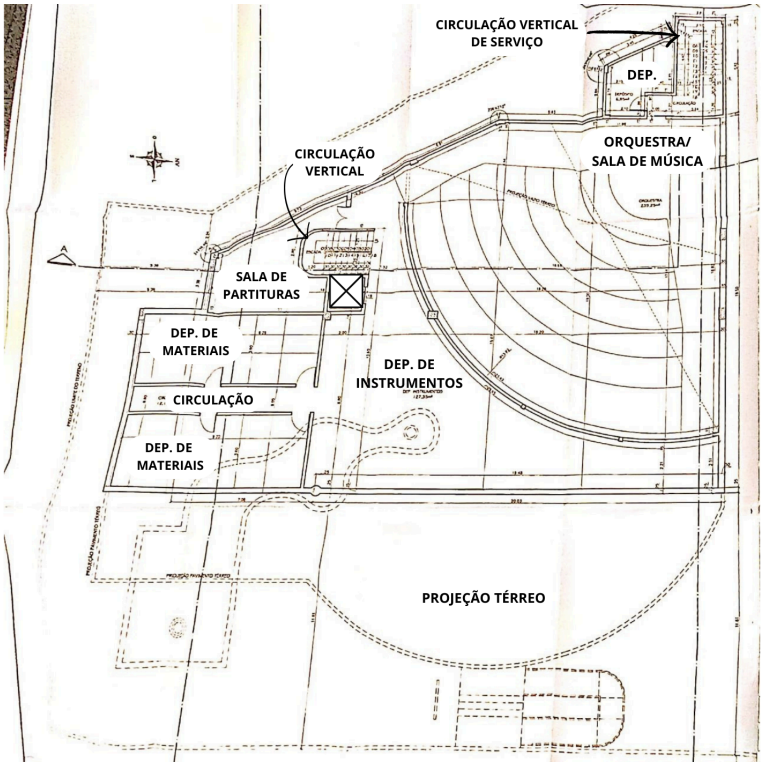
Imagem 34 - Complexo Cultural Teatro Deodoro e Teatro Deodoro.



Fonte: Alagoas 24 horas (2017).

O Complexo é dividido em 4 pavimentos, subsolo, térreo, mezanino e superior. O programa de necessidades do subsolo é uma sala de música/ orquestra dividida em sete níveis de plateia, com piso de madeira e pé direito duplo, depósito de instrumentos (a qual não é usada para este objetivo, apenas como circulação), dois depósitos de materiais, sala de partituras e outro depósito ao fundo (só foi possível visitar a sala de música, pois os outros ambientes estavam alagados pelo período de chuvas fortes) (Imagens 35, 36 e 37).

Imagem 35 - Planta baixa subsolo, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Fotos e adaptação autoral (2023), pranchas disponibilizadas pela administração do Complexo Cultural Teatro Deodoro.

Imagem 36 - Sala de música, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Autoral (2023).

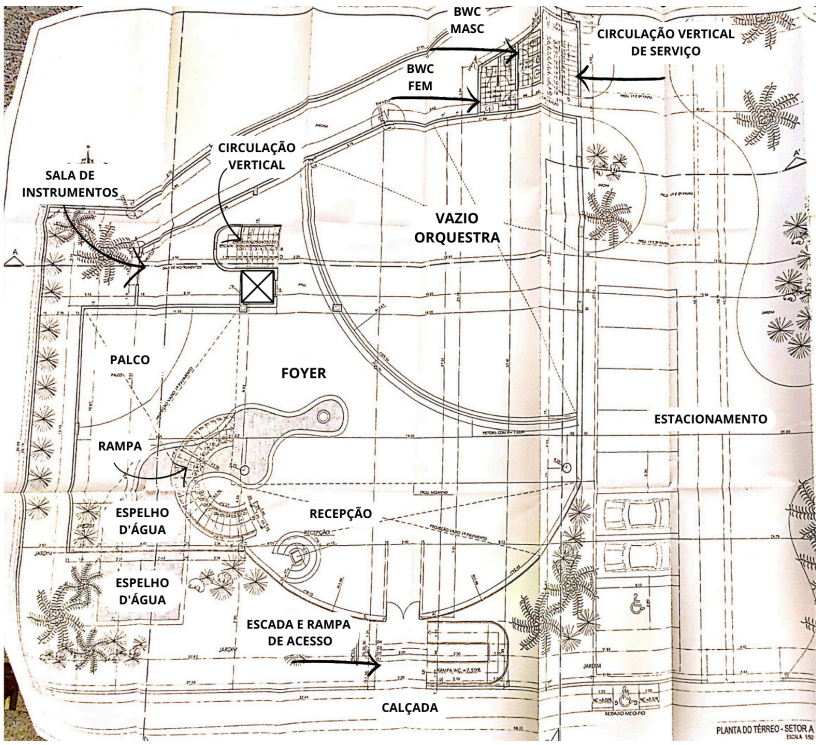
Imagem 37 - Área de apoio subsolo, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Autoral (2023).

O pavimento térreo é composto pelo foyer com pé direito duplo, um espelho d'água (que está desativado desde a inauguração da edificação por problemas de infiltração), recepção, sala de instrumentos, e dois banheiros de serviço aos fundos (Imagens 38 e 39).

Imagem 38 - Planta baixa térreo, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Fotos e adaptação autoral (2023), pranchas disponibilizadas pela administração do Complexo Cultural Teatro Deodoro.

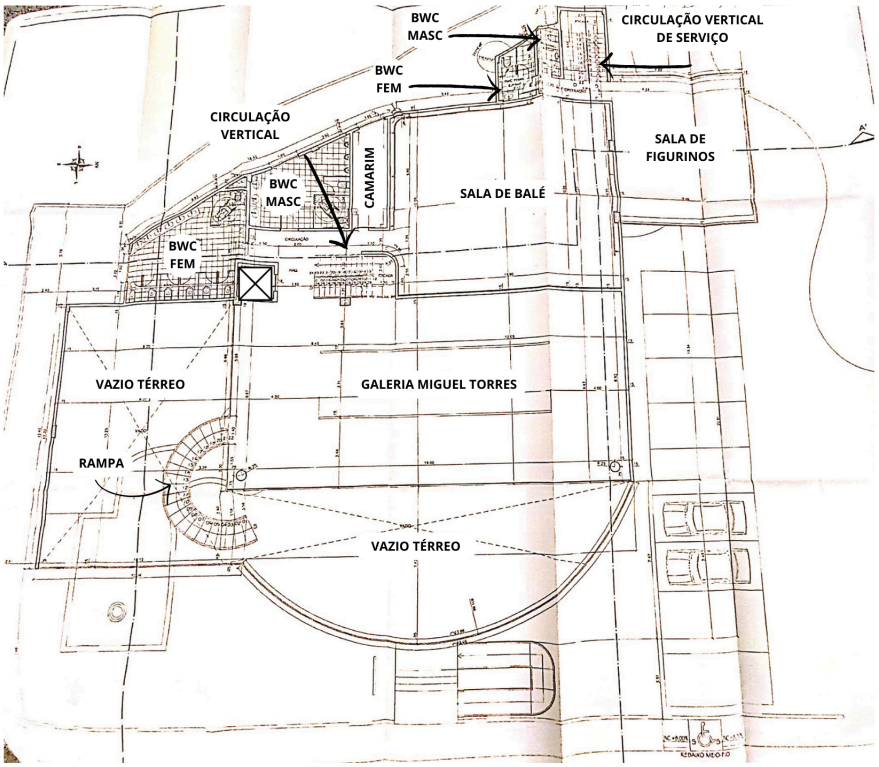
Imagem 39 - Foyer e espelho d'água, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Autoral (2023)

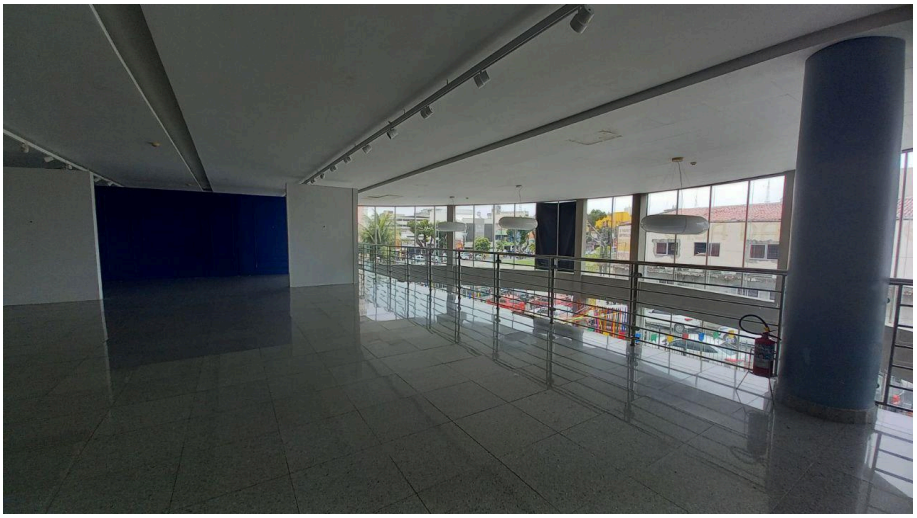
O mezanino é composto pela galeria de exposições Miguel Torres, sala de balé, sala de figurinos, um camarim, banheiros feminino e masculino para o público, e dois banheiros de serviço (Imagens 40, 41, 42 e 43).

Imagem 40 - Planta baixa mezanino, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



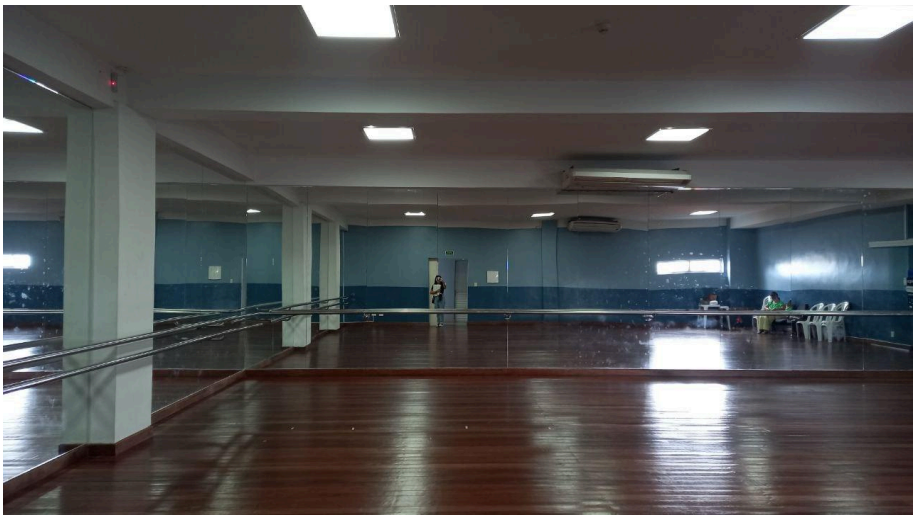
Fonte: Fotos e adaptação autoral (2023), pranchas disponibilizadas pela administração do Complexo Cultural Teatro Deodoro.

Imagem 41 - Galeria de exposições, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Autoral (2023)

Imagem 42 - Sala de balé, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Autoral (2023)

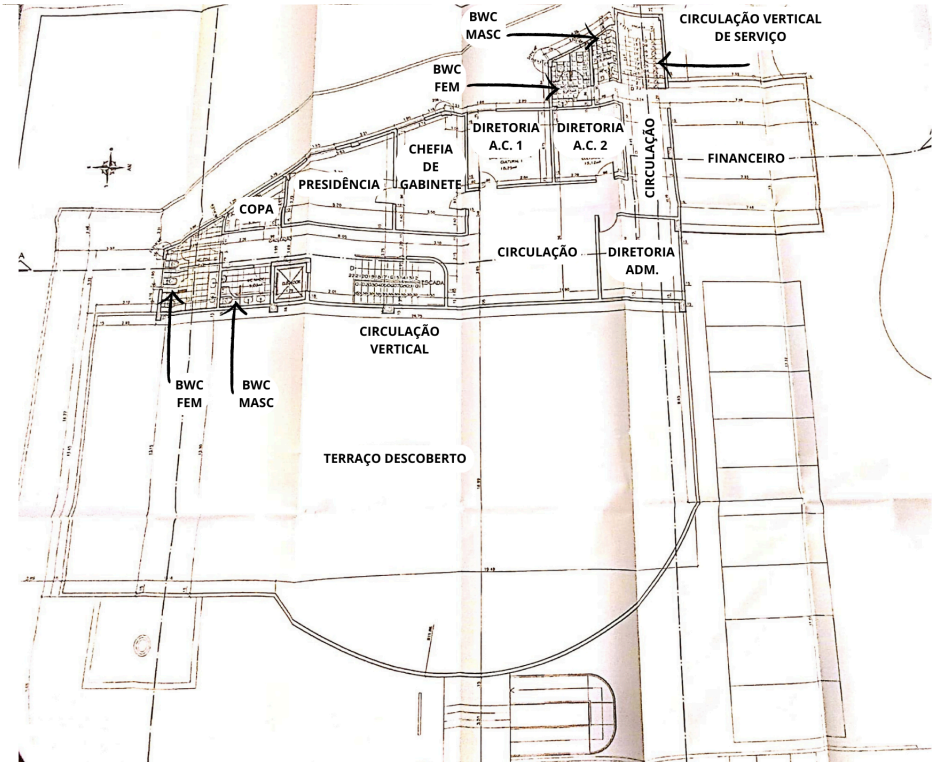
Imagem 43 - Banheiro feminino, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Autoral (2023)

No pavimento superior se encontra a área administrativa, nela está localizado um grande terraço descoberto (que não é utilizado por problemas estruturais), recepção, duas salas de diretoria artística e cultural, diretoria administrativa, financeiro, chefia de gabinete, presidência, copa, e quatro banheiros de serviço (Imagens 44 e 45). A área construída total é de 1982m².

Imagem 44 - Planta baixa pav. superior, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Fotos e adaptação autoral (2023), pranchas disponibilizadas pela administração do Complexo Cultural Teatro Deodoro.

Imagem 45 - Terraço descoberto, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



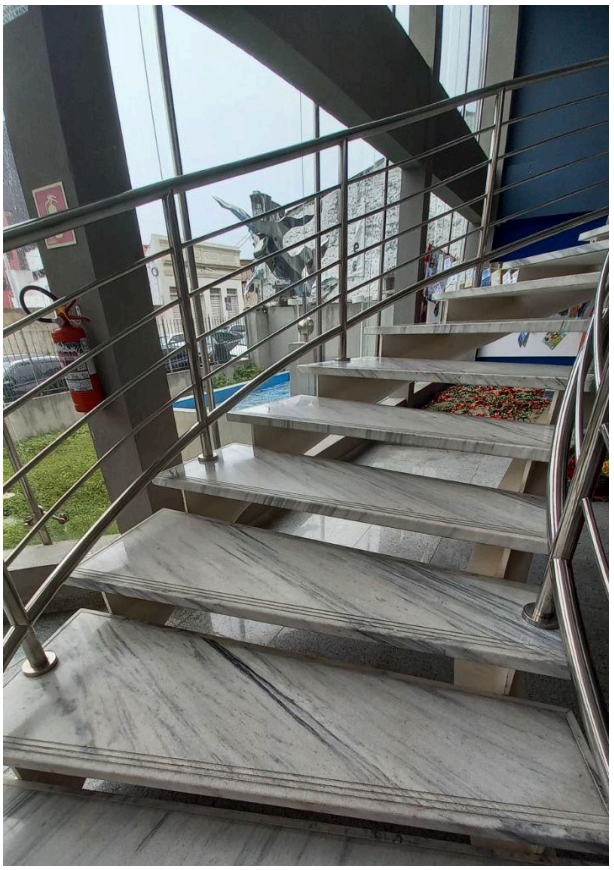
Fonte: Autoral (2023)

A setorização da edificação é bem dividida entre os quatro pavimentos, no subsolo é área técnica e de apoio com a exceção da sala de música de uso público. No térreo temos a área de exposição, assim como no mezanino com espaço para

exposições e dança. E o pavimento superior focado apenas nas atividades administrativas do Centro Cultural.

A circulação vertical principal da edificação é uma escada com pisos de granito escovado, também há duas escadas de serviço, uma na circulação e outra aos fundos e um elevador, porém, em períodos de chuva este fica desativado pois o fosso alaga (Imagem 46). Concluindo, não há circulação vertical acessível para P.C.D.

Imagem 46 - Escada de acesso ao mezanino, Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: Autoral (2023).

Analisando a rosa dos ventos de Maceió e a localização da edificação na cidade, podemos ver que a fachada principal da edificação é voltada para o leste, com iluminação natural no período da manhã e ventilação favorável, assim, esta fachada é composta por esquadrias do térreo ao mezanino (Imagem 47). Já na fachada oeste está focada as áreas de apoio e administração, com esquadrias menores. O setor à direita da edificação, onde fica o financeiro e a sala de figurinos,

é todo de pele de vidro, o que permite grande insolação solar no sentido leste e oeste, então as salas sempre estão com as cortinas fechadas.

Imagem 47 - Ventilação natural e insolação no terreno.



Fonte: Google Maps (2023), adaptado pela autora (2023)

3.3.3 Quadro sintético comparativo das edificações estudadas

Para que seja possível a melhor compreensão dos pontos analisados nos dois estudos de caso, foi feito um quadro comparativo entre os dois projetos.

Quadro 2 - Quadro comparativo de pontos positivos e negativos dos projetos analisados.

PROJETO	PROGRAMA DE NECESSIDADES	SETORIZAÇÃO	ACESSO E ACESSIBILIDADE	BWC	ESTRATÉGIAS DE CONFORTO
Centro Cultural da Associaçã o Brasileira da Soka Gakkai	O programa de necessidades é mais focado em espaços para aprendizagem e exposição.	As atividades são bem divididas pelos pavimentos.	O acesso a edificação é feito por duas entradas, uma pela Avenida e outra pelo estacionamento aos fundos. Além das entradas de serviço nas duas fachadas. A circulação vertical da edificação é feita por escadas e um elevador para P.C.D., porém pela planta baixa não foi localizado um espaço para gerador.	Os banheiros para o público estão nos dois pavimentos, o BWC feminino possui cabine para P.C.D. internamente, enquanto o masculino não, porém é um lavabo externo para P.C.D.	O uso de esquadrias de vidro permitem o **controle térmico** da edificação durante o verão e inverno, por serem as ventilações mais estáveis durante o ano. Possibilitam também a entrada de iluminação natural.
Complexo Cultural Teatro Deodoro	O programa é bem completo e condizente com as atividades propostas pelo Centro Cultural.	As atividades são bem divididas pelos pavimentos.	O acesso a edificação é feito apenas por uma entrada voltada a rua, para o público e funcionários. A circulação vertical da edificação é feita apenas por escadas e um elevador, que durante o período de chuvas na cidade fica desativado.	Os banheiros para o público são localizados apenas no mezanino e suas cabines para P.C.D. são internas.	A sala do financeiro e a sala de figurinos, são compostas por esquadrias de pele de vidro, porém estes ambientes estão voltados para o leste e oeste, ocasionando insolação direta durante todo dia. O foyer e a galeria de exposição recebem iluminação natural por causa da esquadria de vidro na fachada leste durante toda a manhã.
LEGENDA	**PONTO POSITIVO**		**PONTO NEGATIVO**		

Fonte: Elaboração autoral (2023).

Com base nos estudos de projetos de referência, para o desenvolvimento deste trabalho, serão aplicadas as seguintes ideias e estratégias:

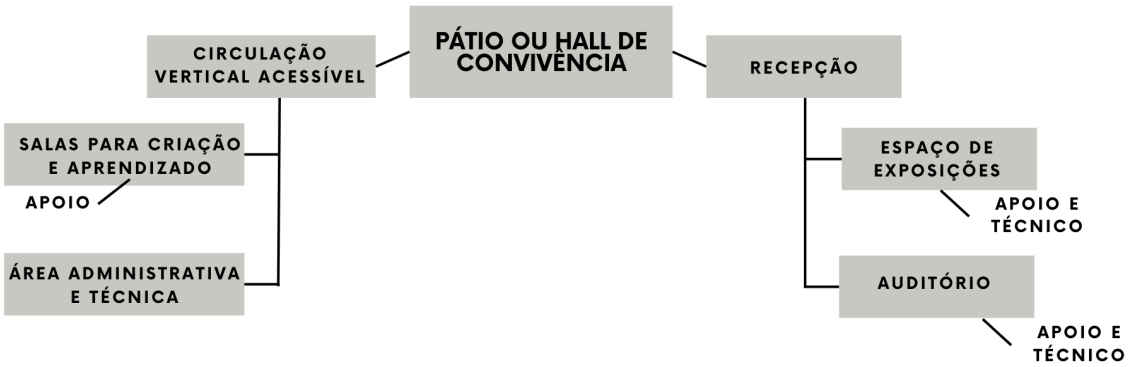
1. Grandes aberturas para a entrada de iluminação e ventilação natural nas fachadas mais favoráveis;
2. Acessos verticais acessíveis para todas as pessoas, inclusive P.C.D;

a. pois vimos com o Complexo Cultural Teatro Deodoro, que é de extrema importância o acesso vertical para P.C.D. sem impedimentos.

3. Manter um senso estético agradável com os edifícios existentes no campus por meio dos materiais e ortogonalidade do edifício;
4. Permeabilidade visual interna aos ambientes propostos;
5. Integração ambiente externo e interno.

Do ponto de vista de circulação e funcionalidade, os estudos mostraram que é necessário pensar no deslocamento interno das pessoas com base na melhor orientação e disposição dos ambientes internos. Deste modo, e com base nos estudos feitos, o infográfico a seguir mostra o fluxograma básico necessário ao projeto em desenvolvimento (Imagem 48).

Imagem 48 - Fluxograma.



Fonte: Autoral (2023).

4. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO ARQUITETÔNICO

O Centro Cultural Arte Viva Alagoas terá o papel de trazer referências da cultura popular alagoana para Maceió, no bairro Cidade Universitária, constituído por espaços para o **aprendizado, discussão e criação de arte popular**.

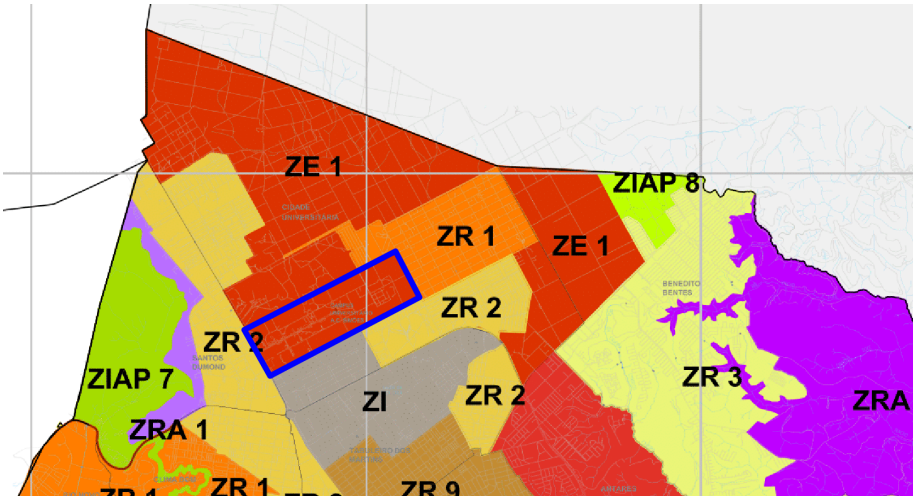
Por estar inserido dentro do terreno da UFAL, tal equipamento cultural será destinado a gestão da PROEX - Pró-reitoria de Extensão da UFAL, que é responsável por planejar e coordenar atividades artísticas e culturais, por meio de programas e ações com entidades internas e externas à universidade. O Centro Cultural Arte Viva Alagoas poderá ser um espaço específico e equipado para a realização de grande parte dessas atividades que envolverão a comunidade acadêmica e a sociedade em geral da cidade.

O edifício contará com espaços para diversas atividades culturais, com foco na **exposição e criação de artes visuais** (salão de exposições, salas de práticas com madeira, cerâmica e costura) **e apresentações de dança e teatro** (auditório e sala de dança).

4.1 O estudo do terreno e de seus condicionantes legais

O bairro Cidade Universitária, de acordo com o Plano Diretor vigente de 2005, se divide em ZE-1 (Zona de Expansão 1), ZR-1 (Zona Residencial 1), ZR-2 (Zona Residencial 2) e ZI (Zona Industrial); a **Universidade Federal de Alagoas se insere na Zona de Expansão 1** (Imagem 49) (PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, 2005).

Imagem 49 - Zoneamento urbano de Maceió, UFAL marcado em azul.



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento (2007), adaptado pela autora (2023)

A ZE-1 é uma das três áreas de Maceió com potencial para crescimento e expansão urbana, esta região permite:

> I – verticalização alta, compatibilizada ao saneamento básico;
> II – atividades comerciais, de serviços e industriais de todos os grupos previstos nesta Lei, sem prejuízo da avaliação dos impactos ambientais e urbanos;
> III – estímulo aos empreendimentos e estabelecimentos de incentivo à implantação de infra-estrutura e serviços urbanos (PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, 2005, p. 24).

O Código de Urbanismo e Edificações, no **quadro de parâmetros urbanísticos da ZE-1**, permite a esta área o coeficiente de aproveitamento mínimo no terreno de 0,5 e máximo de 2 para área construída acima de 70m². Neste caso, o Centro Cultural se encaixa como serviços para a sociedade, podendo ter até dois pavimentos, com recuo mínimo frontal de 5 metros e fundos e laterais de 2 metros.

Quadro 3 - Parâmetros urbanísticos da ZE-1.

ZONA	USOS	TAXA DE OCUPAÇÃO MÁXIMA	MÁXIMO DE PAVIMENTOS	RECUO MÍNIMO (m)		COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	VAGAS DE ESTACIONAMENTO
				FRONTAL	LATERAL E FUNDOS		
ZE - 1	COMERCIAL, SERVIÇOS E INDUSTRIAL	AC:	2	5	2	2	ATÉ 400M²: 1 VAGA PARA CADA 50M²
		ATÉ 300M²: 70%					
		ATÉ 900M²: 60%					ATÉ 900M²: 1 VAGA A CADA 75M²
		ACIMA DE 900M²: 50%					ACIMA DE 900M²: 1 VAGA A CADA 100M²

Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento (2007), adaptado pela autora (2023)

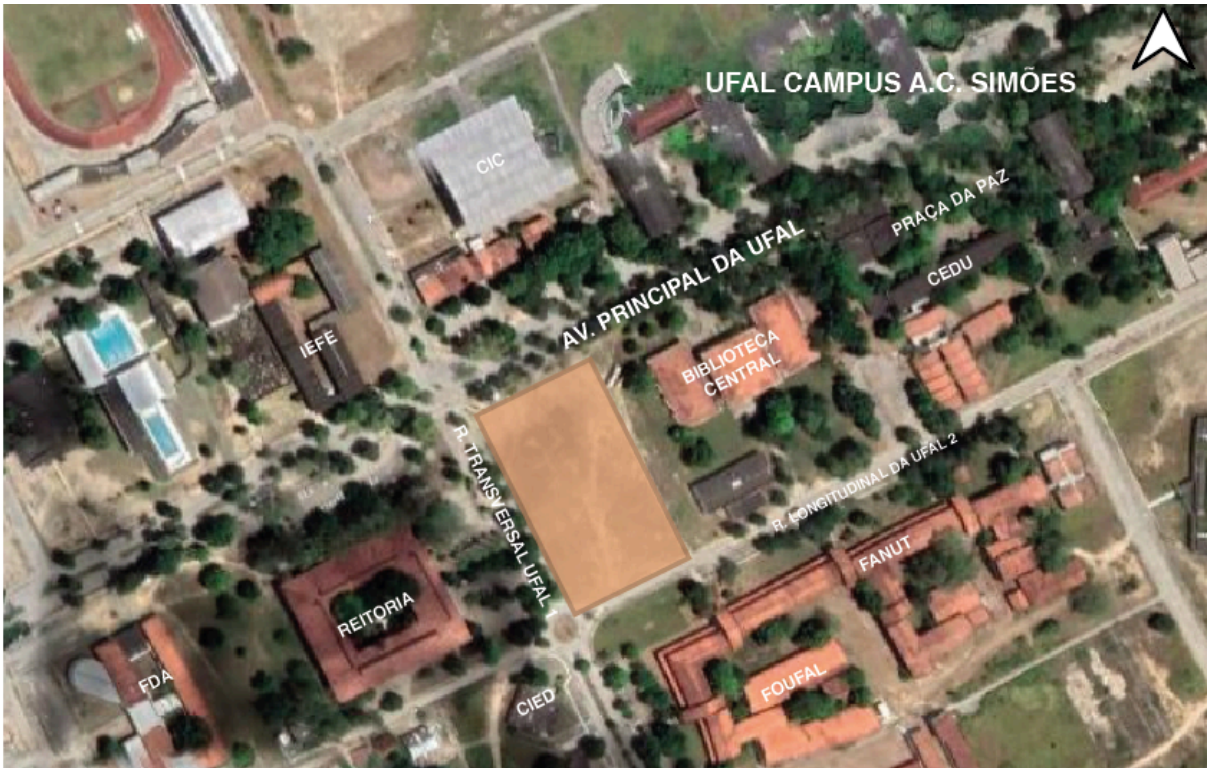
O terreno está localizado dentro da Universidade Federal de Alagoas, entre a Reitoria e a Biblioteca Central, um vazio com área total de 10.400m² (Imagem 50 e 51). Para o projeto serão considerados como recuo frontal entre 25 e 40 metros, igualmente a Biblioteca Central e a Reitoria, para manter o alinhamento dos edifícios na Avenida Principal da UFAL; 5 metros como recuo mínimo lateral e 15 metros como recuo mínimo nos fundos.

Imagem 50 - Marcação do terreno dentro da UFAL.



Fonte: Open Street Map, adaptado pela autora (2023)

Imagem 51 - Zoom no terreno e proximidades.

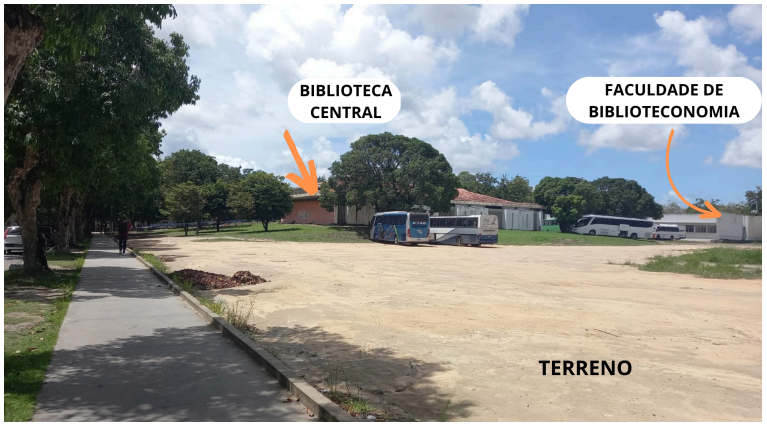


Fonte: Google Maps, adaptado pela autora (2023)

O terreno fica na esquina da segunda quadra da universidade, entre a Avenida Principal da UFAL, a Rua Transversal 1 e a Avenida Longitudinal 2. Atualmente, este vazio é utilizado como estacionamento para ônibus locados pelas prefeituras do estado para levar os estudantes das regiões metropolitanas para a universidade, e outros carros, além de uma pequena lanchonete movimentada na sua extremidade (Imagem 52).

Ao fundo temos os blocos das faculdades de Biblioteconomia, Odontologia e Nutrição (Imagem 53). Este espaço também é comumente usado pelos estudantes e técnicos da universidade como atalho para chegar aos blocos ao fundo da biblioteca ou a entrada alternativa do Hospital Universitário, atrás do bloco de Medicina. O terreno é plano e descampado, com a presença de árvores na calçada frontal (Imagem 54, 55 e 56).

Imagem 52 - Fotografia do terreno 1.



Fonte: Autoral (2023)

Imagem 53 - Fotografia do terreno 2.



Fonte: Autoral (2023)

Imagem 54 - Fotografia do terreno 3.



Fonte: Autoral (2023)

Imagem 55 - Fotografia do terreno 4.



Fonte: Autoral (2023)

Imagem 56 - Fotografia do terreno 5.



Fonte: Autoral (2023)

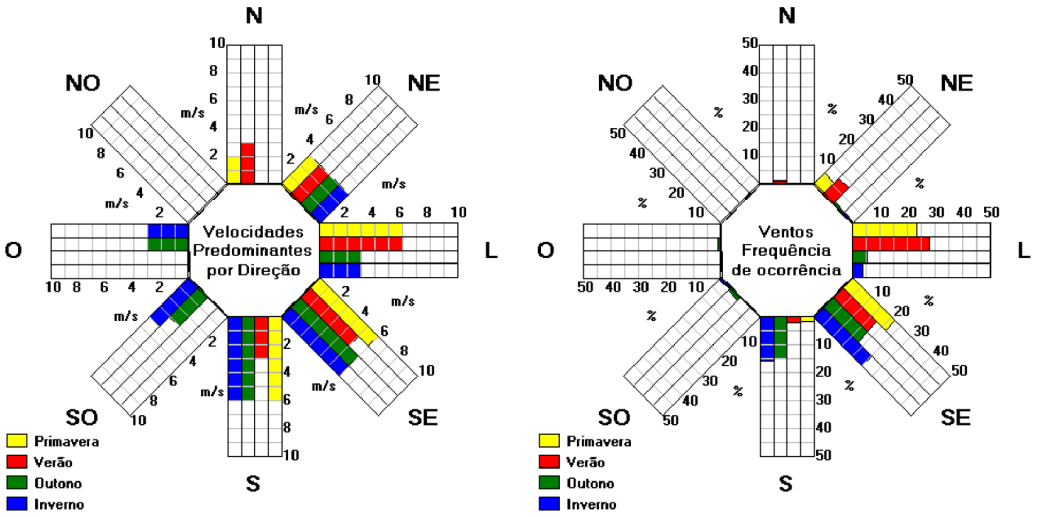
4.2 Condicionantes ambientais

O perfil climático da cidade de Maceió é quente e úmido, no verão com altas temperaturas e poucas chuvas, e o inverno com temperaturas amenas e muitas chuvas. A média anual de temperatura é de 24,8°C (MELO, 2009). Os ventos predominantes na cidade são oriundos do sudeste, predominantes durante quase todo o ano com velocidades moderadas, a velocidade média do vento é entre 2,2 e 4,0m/s (MELO, 2009).

Pelo estudo da carta solar e incidência de ventilação da cidade de Maceió, especialmente o bairro Cidade Universitária, sabemos que a UFAL se encontra a 28° de inclinação, entre Norte e Leste, com ventos predominantes vindo do Sul,

Sudeste e Leste, especialmente do Sudeste, sendo o mais favorável (Imagens 57 e 58). A incidência solar mais forte é na direção oeste, durante o período da tarde, sendo a fachada Noroeste a mais desconfortável para longos períodos de permanência sem a utilização de climatização, como ar- condicionados.

Imagem 57 - Ventos predominantes em Maceió.



Fonte: Software *Sol-Ar* (2023)

Imagem 58 - Estudo da ventilação natural e insolação no terreno.

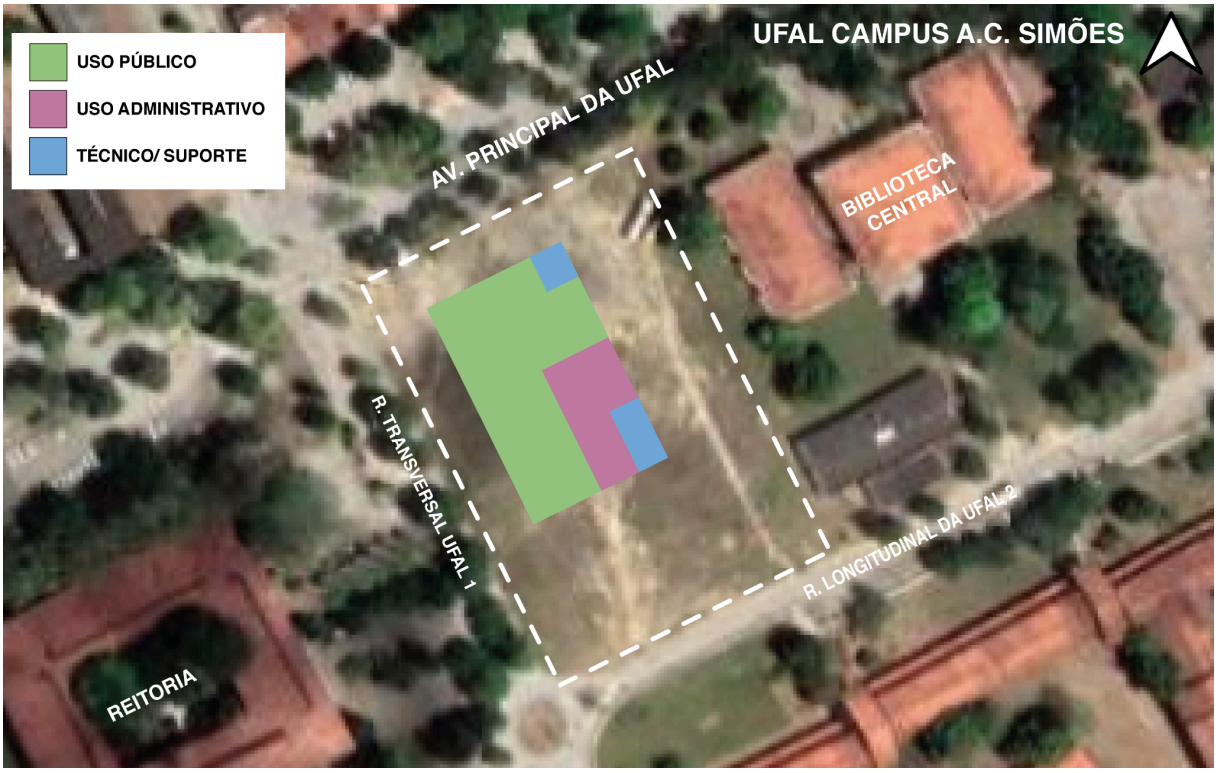


Fonte: Google maps, adaptado pela autora (2023)

4.3 Elaboração do zoneamento

Para o início da concepção e implantação da edificação no terreno, as atividades a serem propostas pelo Centro Cultural foram divididas inicialmente em três zonas principais: **Uso Público, Uso Administrativo e Técnico/ Suporte**, para assim facilitar sua locação na posição mais favorável e condizente às atividades (Imagem 59). Os espaços de uso público, em sua maioria, será usado climatização por causa das atividades propostas pelos ambientes, enquanto as áreas de uso administrativo e suporte não será necessário, então serão locadas na fachada com melhor ventilação natural.

Imagem 59 - Zoneamento.

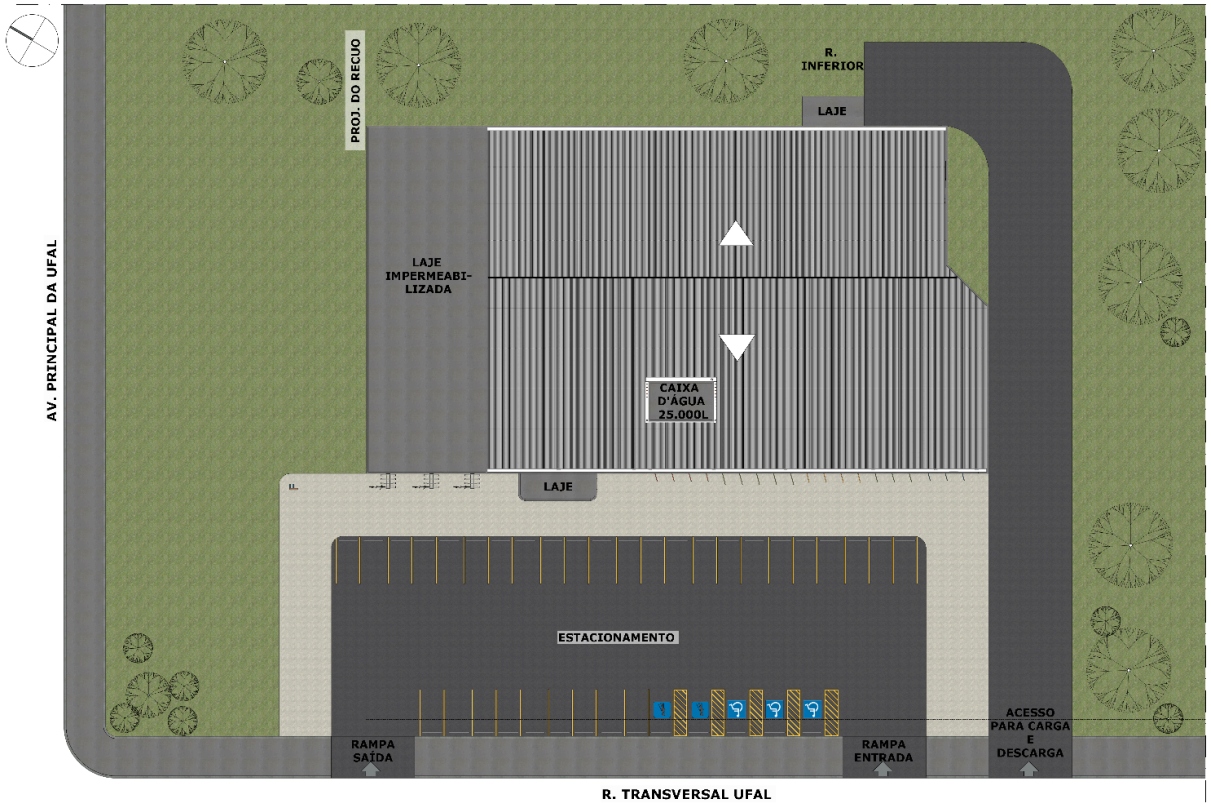


Fonte: Autoral (2023).

O edifício será implantado na esquina do terreno, com sua fachada frontal voltada para o Noroeste, em frente ao estacionamento na Rua Transversal da UFAL (Imagem 60). O recuo lateral na Avenida Principal da UFAL será de 25 metros respeitando o alinhamento com a Biblioteca Central, e o recuo frontal será de 25,15 metros.

O agenciamento de acesso para pedestres será feito por uma calçada de piso intertravado na Rua Transversal da Ufal. O estacionamento será locado logo à frente, com sua entrada feita por uma rampa à direita e saída à esquerda. Também haverá uma entrada para carros grandes ou caminhões de carga à direita, que levará a área de suporte ao fundo da edificação. Na fachada posterior também serão localizados, em um bloco à parte e mais baixo, o depósito de lixo e a subestação de energia.

Imagem 60 - Locação e coberta.



Fonte: Autoral (2023).

4.4 Conceito e forma da edificação

O nome escolhido para o Centro Cultural é **Arte Viva Alagoas**, simbolizando o movimento vivo da arte no estado. O nome é conciso e transmite a proposta do local de ser um centro dinâmico para **exposições, discussão e criação de artes**, fortalecendo a identidade cultural do estado.

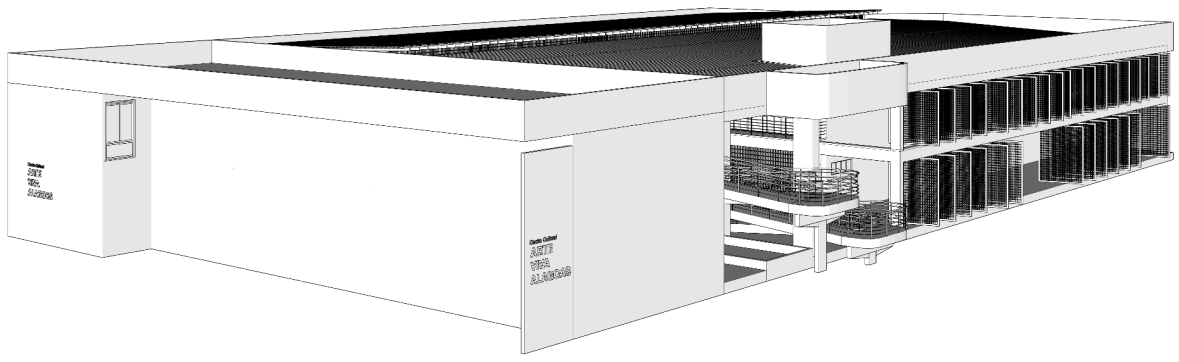
O campus A.C. Simões da Universidade Federal de Alagoas é uma **obra modernista** do final da década de 1960, assim, seus prédios apresentam diversas características deste estilo, como o uso do concreto bruto, elementos vazados como os cobogós, tijolos vermelhos, e plantas baixas e fachadas com linhas retas e bastante funcionais.

O Centro Cultural Arte Viva Alagoas deve se conectar esteticamente com o conceito arquitetônico do campus, e ao mesmo tempo ser contemporâneo à arquitetura produzida na atualidade. Deste modo, o objetivo é reinventar estes elementos, mantendo um alinhamento formal em diálogo com os edifícios já existentes.

A construção da planta baixa preza pela funcionalidade e racionalidade de circulação, para que os usuários possam usufruir de forma simples e rápida todos os ambientes, por meio de formas e linhas retas, que deixam livres e acessíveis todos os espaços internos.

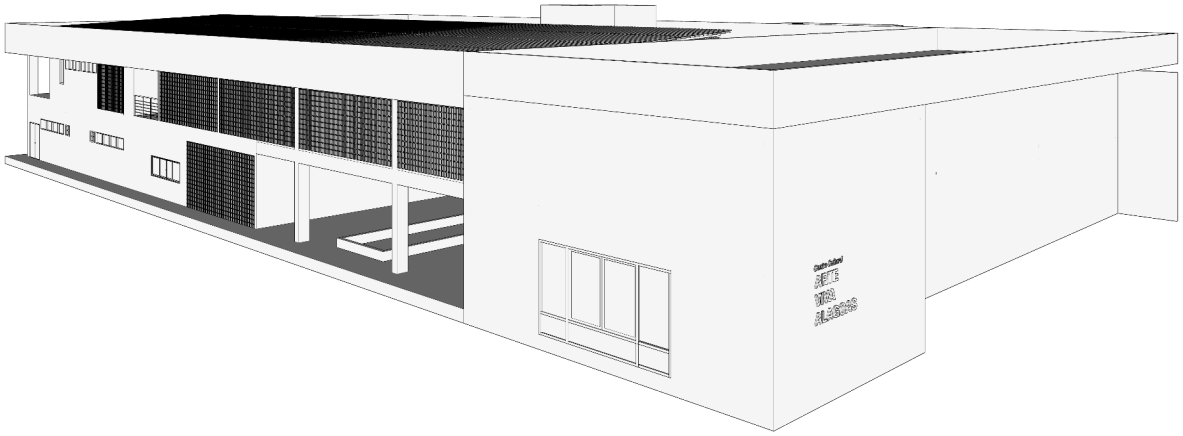
A forma do Centro Cultural Arte Viva Alagoas é feita em sua maioria com linhas retas e formas geométricas simples, baseada em uma planta baixa retangular, de forma a prezar pela funcionalidade dos espaços (Imagens 61, 62, 63, 64 e 65). Os elementos de fachadas como brises e cobogós, além da proteção solar, criam movimento e contraste de luz e sombra nas fachadas.

Imagem 61 - Vista isométrica 1.



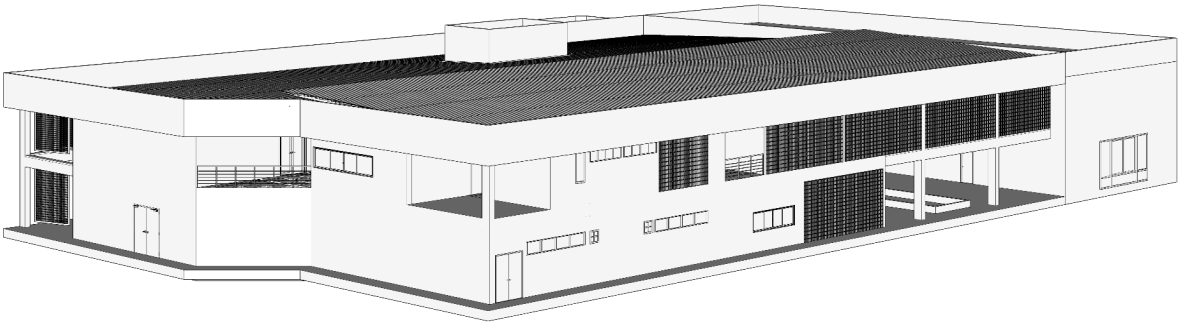
Fonte: Autoral (2023).

Imagem 62 - Vista isométrica 2.



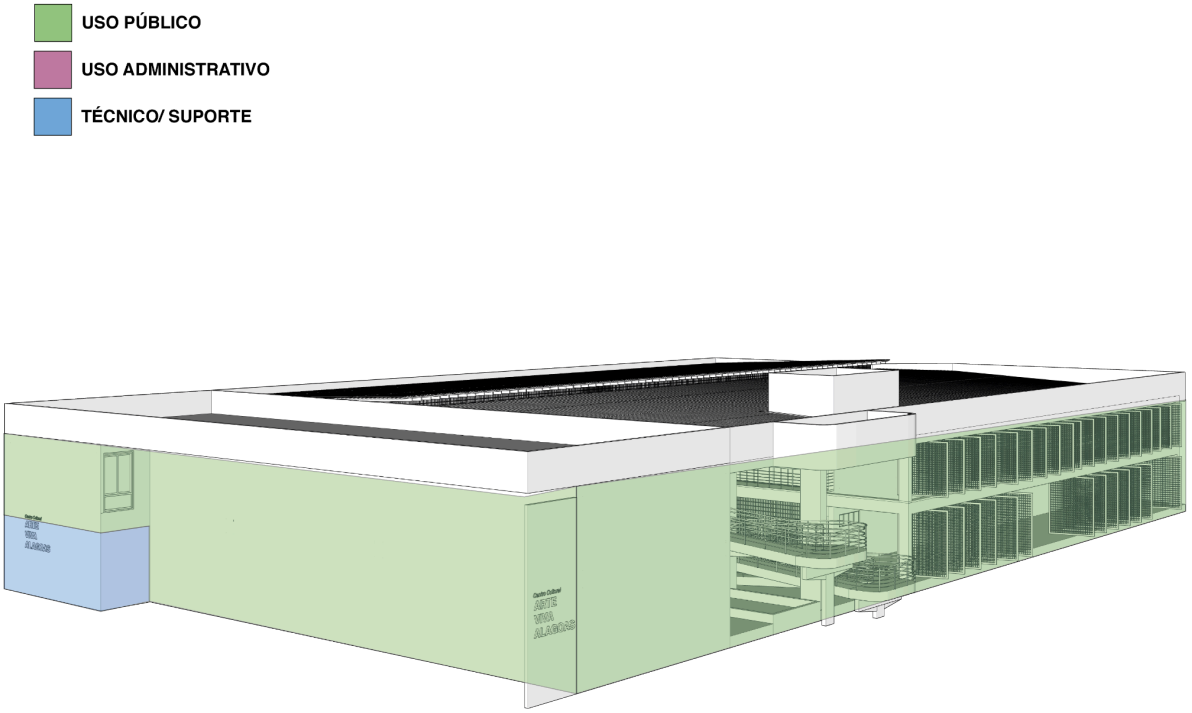
Fonte: Autoral (2023).

Imagem 63 - Vista isométrica 3.



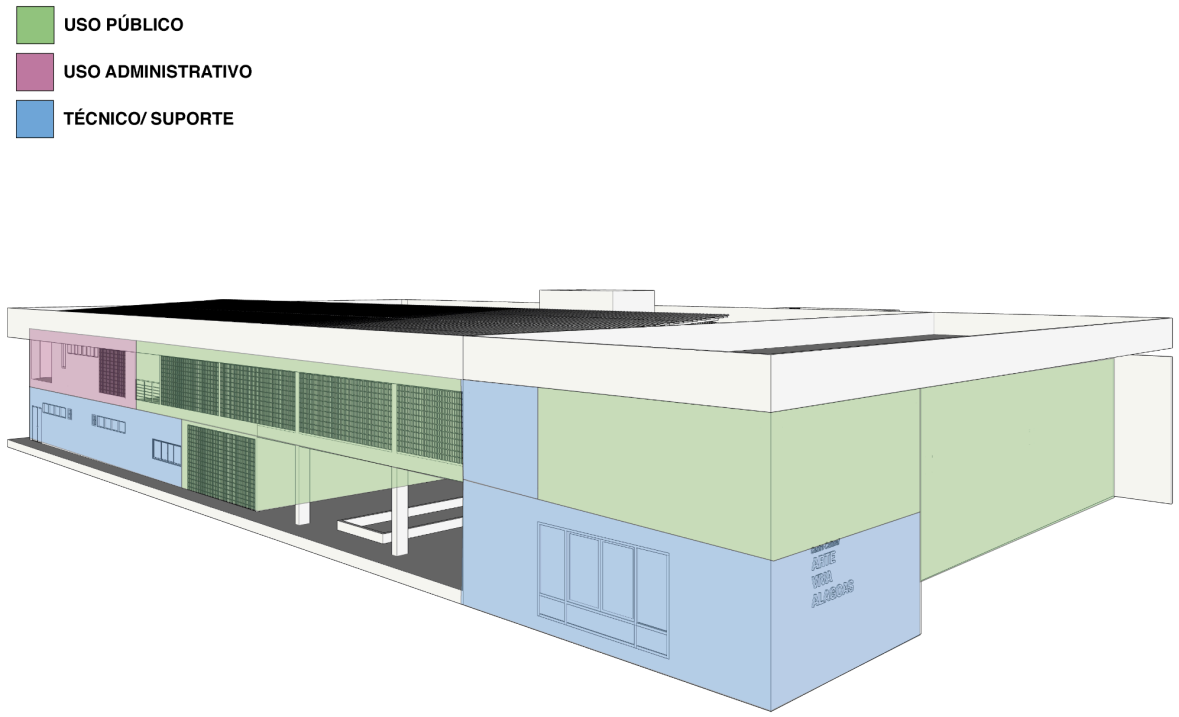
Fonte: Autoral (2023).

Imagem 64 - Vista isométrica e zoneamento 1.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 65 - Vista isométrica e zoneamento 2.



Fonte: Autoral (2023).

O elemento visual de maior destaque, que associa-se à arte alagoana é um painel artístico pintado a ser colocado na fachada lateral esquerda e principal da edificação, assinado pela artista *Yara Pão*[2], remetendo a percepção do público visitante ao fazer artístico alagoano, em suas formas e cores (Imagem 66 e 67). A artista tem como ponto focal em suas obras a representação de elementos típicos da cultura popular do estado, e por isso é reconhecida e importante para o cenário da arte popular de rua (Imagem 68).

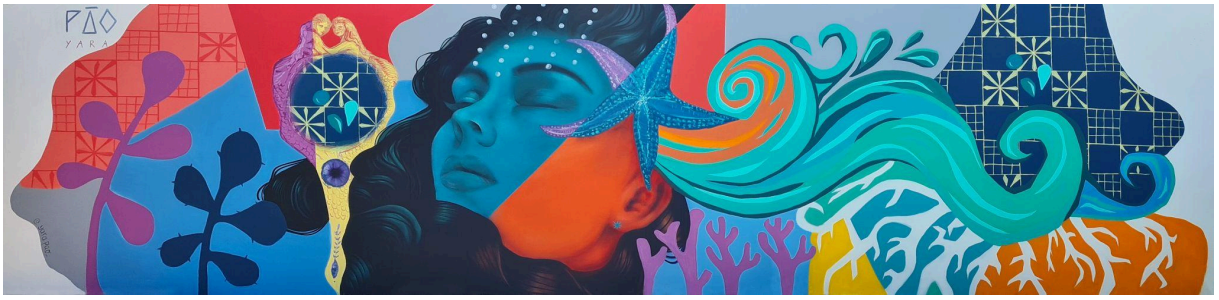
Imagem 66 - Arte escolhida para fachada principal.



Fonte: Yara Pão, 2023.

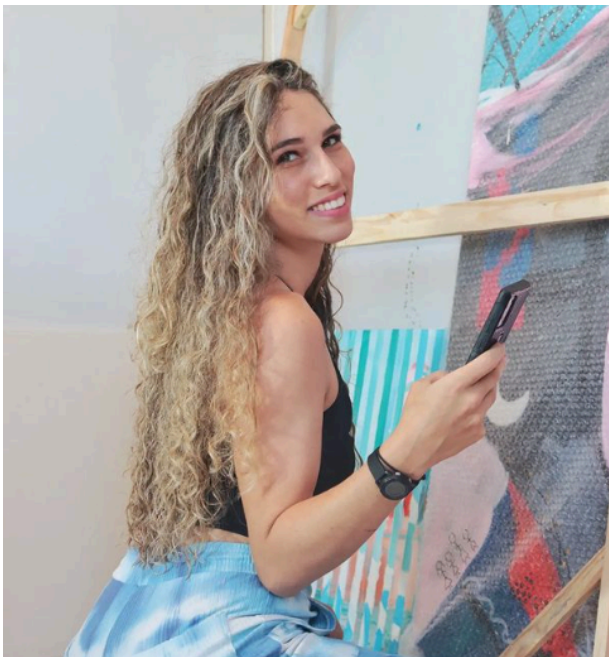
[2] A artista maceioense Yara Pão começou sua carreira como artista plástica em 2014, e tem vários trabalhos notáveis na cidade de Maceió, como o totem "Eu Amo Maceió", diversos murais no bairro Jaraguá e alguns trabalhos espalhados por outros estados brasileiros. A maior parte dos trabalhos da artista retratam a cultura popular do estado, como os folguedos, a história alagoana, pontos turísticos, natureza e muitos outros.

Imagem 67 - Arte escolhida para fachada lateral.



Fonte: Yara Pão, 2023.

Imagem 68 - Artista Yara Pão.



Fonte: Instagram.

A essência do projeto é ser atrativo para a sociedade querer vivenciar os equipamentos e atividades culturais que serão realizadas no espaço, assim, os painéis de arte urbana, a utilização das cores e paisagismo ajudam na sensação de acolhimento e como atrativo dentro do campus da universidade (Imagens 69, 70, 71 e 72).

Imagem 69 - Perspectiva da fachada lateral esquerda e frontal.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 70 - Perspectiva da fachada frontal e lateral direita.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 71 - Perspectiva da fachada posterior e lateral esquerda.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 72 - Perspectiva da fachada frontal.



Fonte: Autoral (2023).

A circulação externa, no acesso ao Centro Cultural pela Rua Transversal, haverá um totem em concreto pintado de azul, a qual estará exposto a programação das atividades semanais que acontecem na edificação (Imagem 73 e 74). Deste modo, será mais fácil obter as informações sobre exposições e também atrair mais visitantes.

Imagem 73 - Perspectiva com totem de entrada.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 74 - Totem de entrada.



Fonte: Autoral (2023).

Além dos murais com arte urbana para compor as fachadas da edificação, haverá um mural de ladrilho hidráulico pintado no pátio, de preferência será usado um ladrilho produzido no estado de Alagoas (Imagem 75).

Imagem 75 - Corte em perspectiva do Pátio.



Fonte: Autoral (2023).

Os elementos vazados nas fachadas serão para melhorar a ventilação natural no interior da edificação. A construção volumétrica do projeto foi guiada pelo zoneamento e pelas influências do estudo de repertório, enfatizando a funcionalidade e a experiência espacial dos usuários.

O MoodBoard de materiais da edificação foi utilizado para servir como auxiliar para manter uma paleta de cores condizentes com o campus, serão utilizados o concreto bruto, ladrilho hidráulico (no piso do salão de exposições e no painel do pátio) e tijolos vermelhos (Imagem 76).

Imagem 76 - MoodBoard de materiais.



Fonte: Autoral (2023).

Um ponto de destaque na edificação será a utilização de cores, como **azul, verde, amarelo e vermelho** em lugares como nos brises, na rampa do pátio, nas escadas, nos pilares da rampa e nas jardineiras, cores que são muito comuns nas artes artesanais e nos cenários naturais do estado de Alagoas (Imagens 77, 78, 79 e 80).

Imagem 77 - Fachada Frontal.



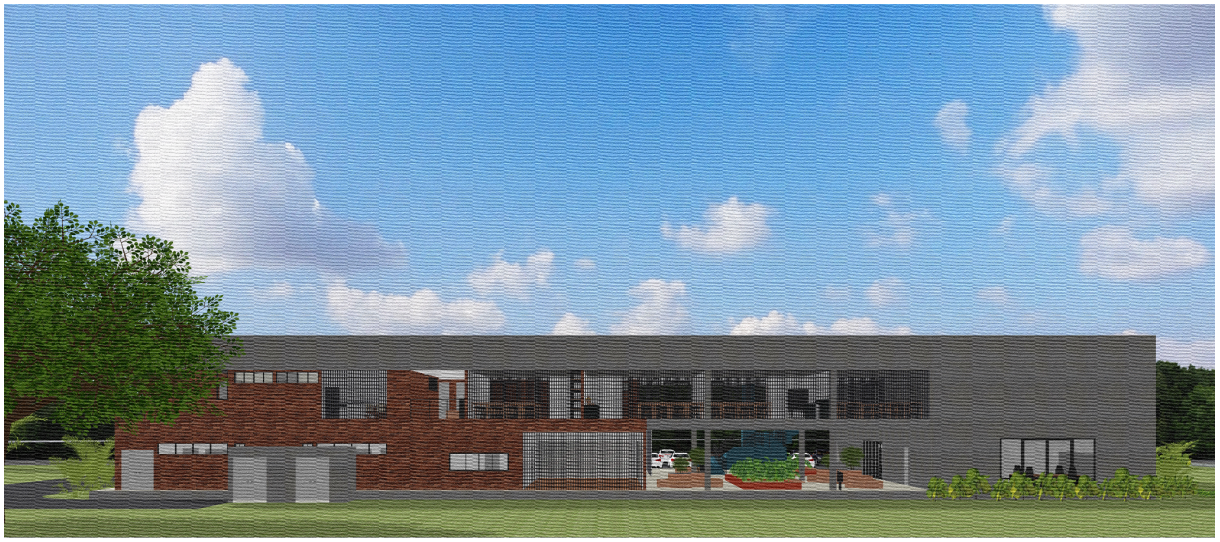
Fonte: Autoral (2023).

Imagem 78 - Fachada Lateral Esquerda.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 79 - Fachada Posterior.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 80 - Fachada Lateral Direita.



Fonte: Autoral (2023).

4.4.1 Programa de necessidades e setorização dos ambientes

O programa de necessidades do Centro Cultural deverá atender as atividades propostas para a comunidade de forma eficiente e completa. O quadro a seguir apresenta os ambientes propostos de acordo com sua zona de atuação.

Quadro 4 - Programa de necessidades e atividades para cada ambiente.

ZONA	AMBIENTE	ATIVIDADES EXERCIDAS	ÁREA CONSTRUÍDA (m²)
INFORMAR	SALÃO DE EXPOSIÇÕES	Exposições de materiais ou manifestações artísticas	433,78
	AUDITÓRIO	Palestras, shows, apresentações	262,75
DISCUTIR	PÁTIO	Convivência e lazer	521,20
	SALÃO MULTIUSO	Sala disponível para reuniões, aulas ou palestras	130,20
	SALA DE REUNIÕES	Debates e reuniões	68,50
CRIAR	SALA DE DANÇA	Aulas e prática de dança	104,65
	ATELIÊ MULTIUSO	Aulas e prática de atividades diversificadas	62,60
	ATELIÊ DE CERÂMICA	Aulas e confecção de objetos em cerâmica	77,75
	ATELIÊ DE MADEIRA	Aulas e confecção de objetos em madeira	77,75
	ATELIÊ DE COSTURA	Aulas e prática de costura	71,30
TÉCNICO	CURADORIA	Administrar as obras de arte	33
	RESERVA TÉCNICA	Guardar materiais para as exposições	17,86
	CABINE DE SOM E VÍDEO	Controle de som e imagem dentro do auditório	6
	LAJE TÉCNICA	Reparo de equipamentos	21
ADM.	RECEPÇÃO	Atendimento e agendamentos	19,75
	COORDENAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL	Coordenar atividades, exposições e eventos	54,50
	ADMINISTRAÇÃO	Financeiro	24,80
	SALA DE DESCANSO	Espaço para descanso dos funcionários	24,40
	SALA DOS PROFESSORES	Espaço para descanso/ reunião dos professores e convidados externos	23,70
	COPA	Espaço refeições dos funcionários	25
SUPORTE DE SERVIÇOS	APOIO SALÃO DE EXPOSIÇÕES	Suporte para transportar ou guardar materiais	9,45
	DML	Depósito de produtos de limpeza	9

	BWC FEM.	-	16,18
	BWC FEM. P.C.D.	-	4
	BWC MASC.	-	16,18
	BWC MASC. P.C.D.	-	4
	APOIO AUDITÓRIO	Suporte e/ou armazenamento para materiais	97,50
	DEPÓSITO DE CENÁRIOS	Armazenamento de materiais	11,80
	DEPÓSITO DE FIGURINOS	Armazenamento de materiais	13,40
	CAMARIM 1 E 2	Espaço para preparo dos artistas para apresentações	36,50
	ÁREA DE SERVIÇO	Espaço para auxiliar na limpeza	11,50
	VESTIÁRIO FEM.	-	12,40
	VESTIÁRIO MASC.	-	12,40
	COPA	Espaço para venda ou disponibilização de lanches	11,60
ÁREA TOTAL DO TERRENO: 10.400 m²			
ÁREA CONSTRUÍDA TÉRREO 1.862,8 m²			
ÁREA CONSTRUÍDA SUPERIOR 1.321,80m²			
ÁREA DA COBERTA: 1.862 m²			

Fonte: Elaboração autoral (2023)

4.4.2 Setorização dos ambientes e plantas baixas

Para a criação da planta baixa e fluxos, as atividades a serem propostas pelo Centro Cultural foram divididas em seis zonas: **Informar, Discutir, Criar, Uso Técnico, Uso Administrativo e Suporte de Serviços**. A edificação está dividida em 2 pavimentos, a setorização foi pensada de modo a valorizar a entrada de iluminação e ventilação natural nos ambientes que não usarão climatização.

Para a **zona Informar** os ambientes serão principalmente expositores, como o salão de exposições e o auditório. O mobiliário será simples, mais focado no conforto dos usuários para descanso e para assistir, como poltronas, cadeiras e

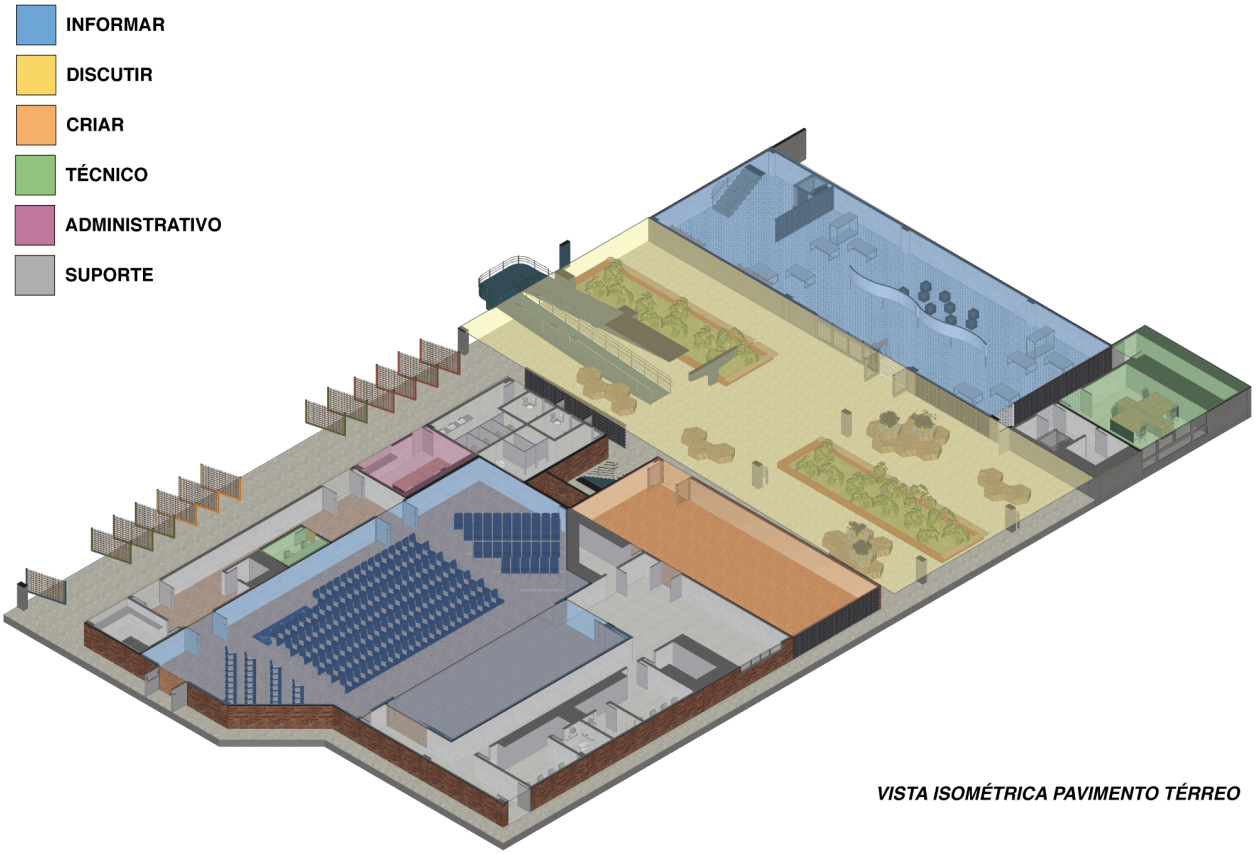
bebedouros. Para a **zona Discutir** os ambientes serão o pátio aberto, o salão multiuso e a sala de reuniões, espaços que permitem a conversa e discussão das informações expostas na zona anterior. Os ambientes na **zona Criar** serão focados na criação de atividades da cultura popular, como a sala de dança e os ateliês para práticas em madeira, cerâmica e costura, nestes a ventilação e iluminação natural deverão ser atrativos.

A **zona de Uso Técnico** o acesso é voltado apenas para os funcionários do centro cultural, e são espaços que auxiliam no funcionamento das atividades, como por exemplo a curadoria e reserva técnica do salão de exposições, cabine de áudio e vídeo e a laje técnica para conserto de equipamentos de climatização. A **zona de Uso Administrativo** serão os ambientes como a recepção, coordenação artística e cultural, administração e toda a área voltada para os funcionários. Essa zona deverá ser confortável para longos períodos de trabalho, assim deverão estar voltados para a melhor ventilação ou climatizados.

A zona de **Suporte de Serviços** serão os ambientes que irão dar apenas suporte aos outros para a realização das atividades, como os depósitos, banheiros e vestiários.

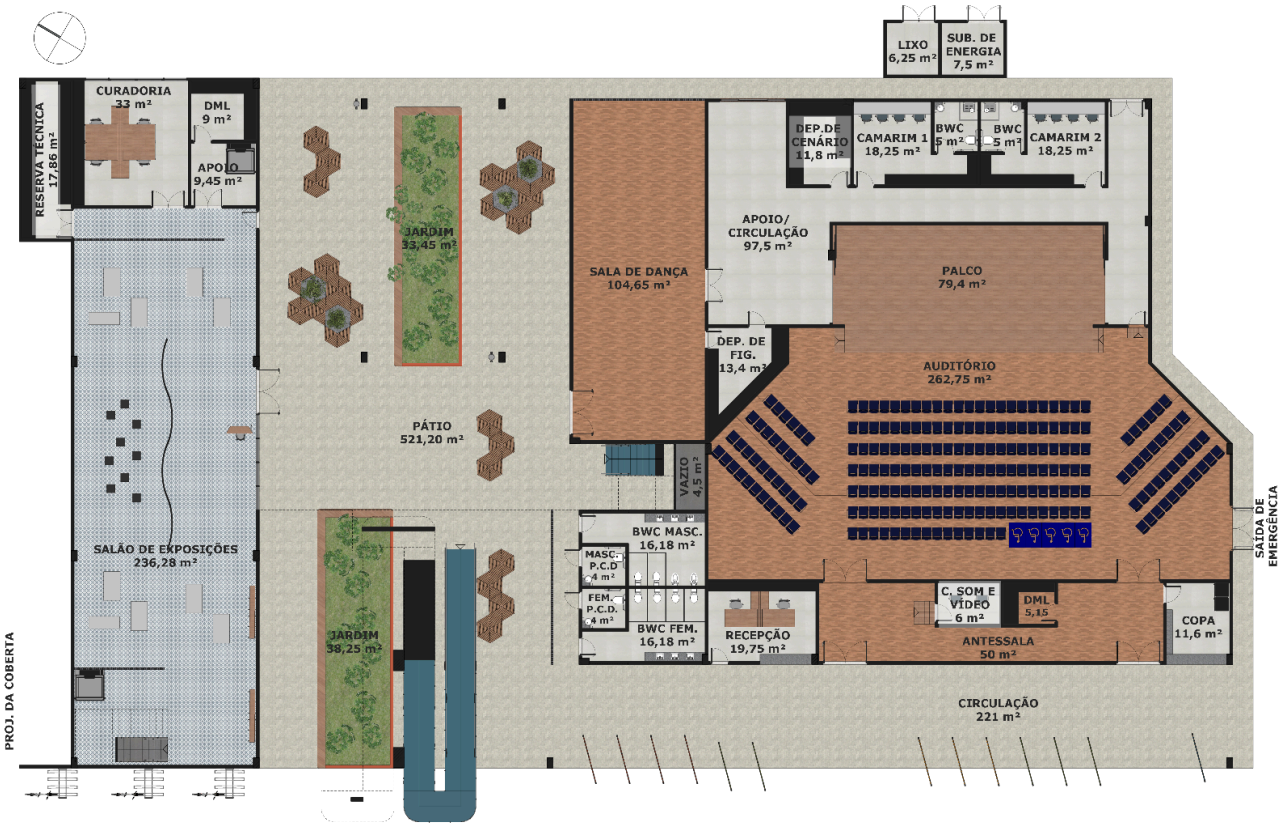
O térreo consta de 1862,80m², será focado no grande pátio central com espaços de convivência e lazer, salão de exposições, auditório para apresentações e palestras, recepção/secretaria, sala de dança e banheiros (Imagens 81 e 82). Será criado um pequeno bloco a parte da edificação na fachada posterior, onde serão localizados o depósito de lixo e a subestação de energia com acesso externo.

Imagem 81 - Pav. térreo setorização.



Fonte: Autoral (2023)

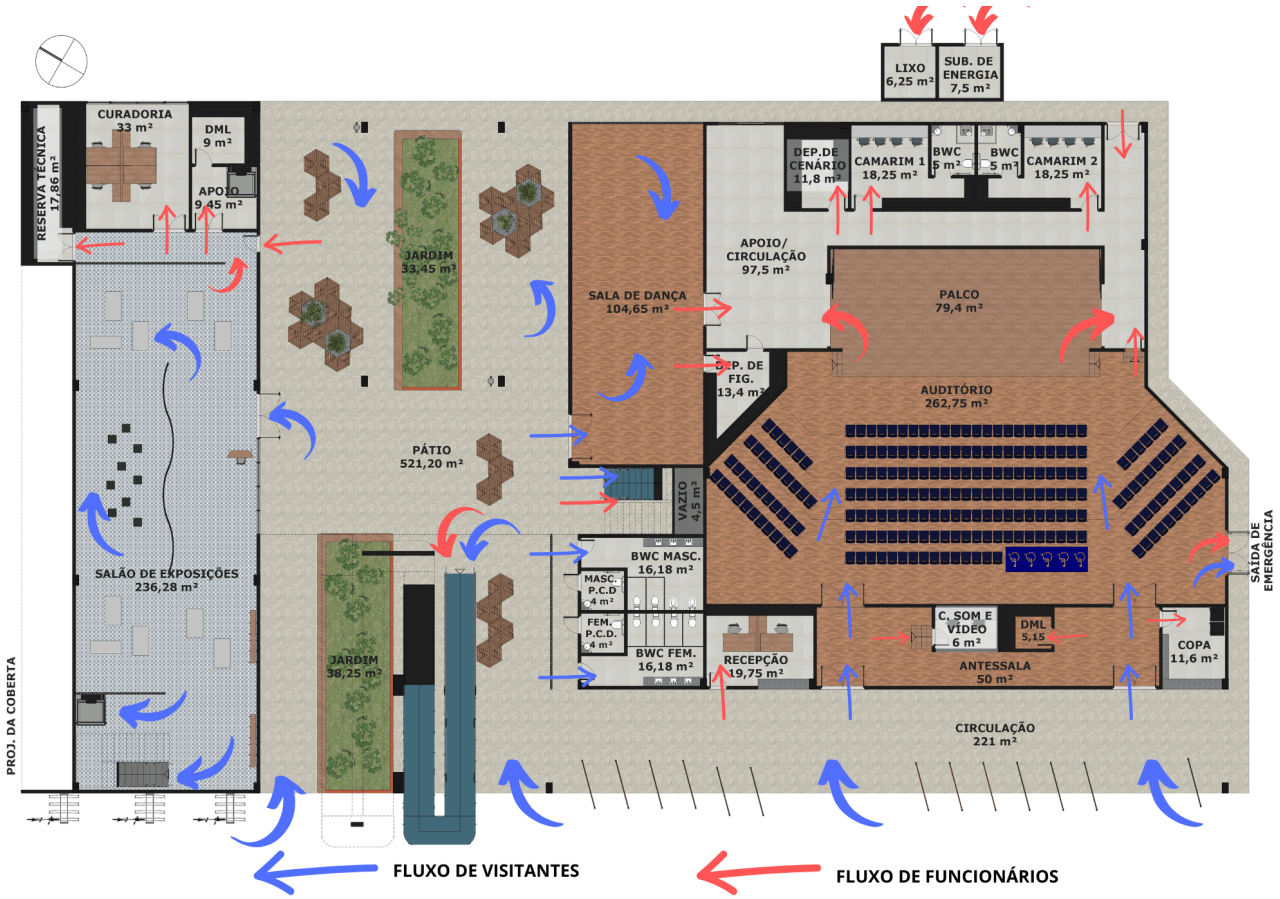
Imagem 82 - Planta baixa térreo.



Fonte: Autoral (2023).

O acesso ao pavimento térreo será feito pela circulação externa da fachada frontal e pelo pátio aberto. O fluxo dos usuários do Centro Cultural é em sua maioria linear com as entradas dos ambientes bem visíveis (Imagem 83).

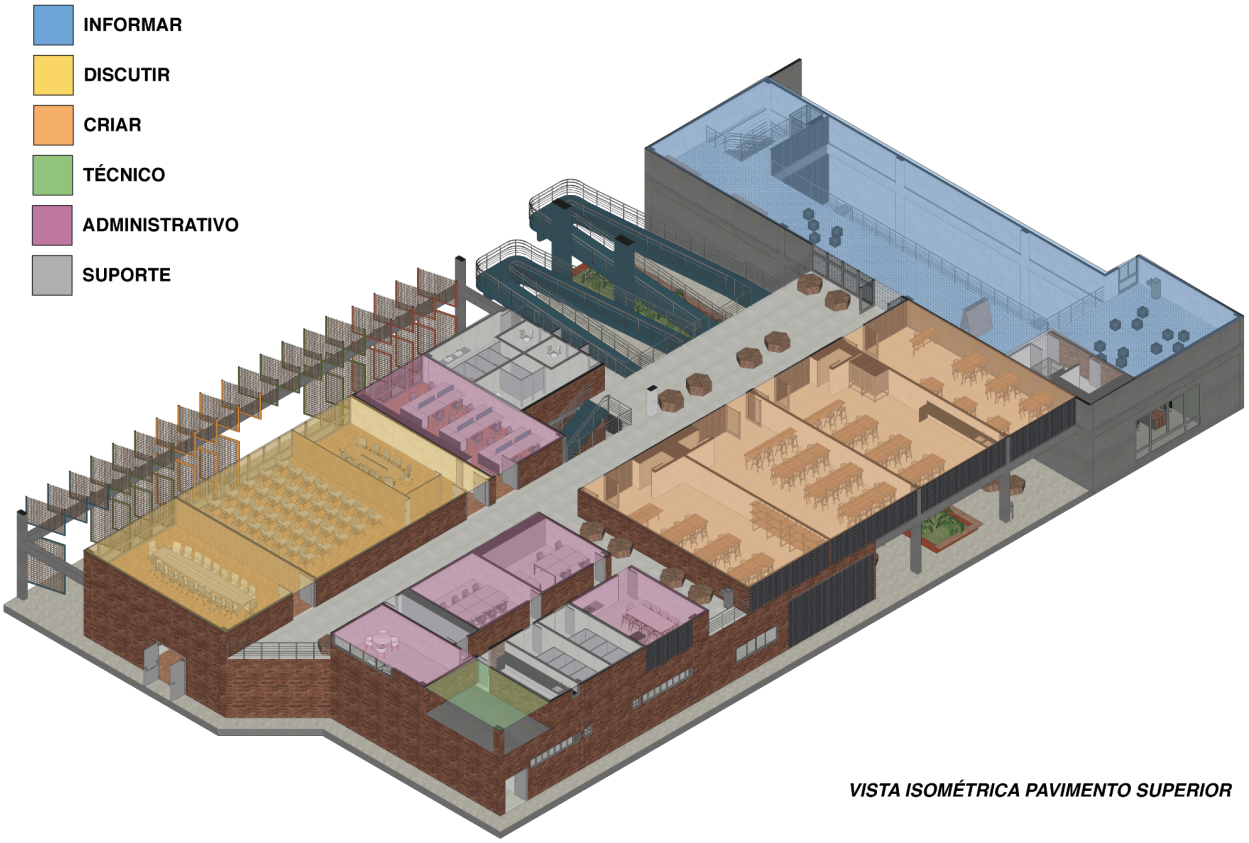
Imagem 83 - Planta baixa térreo com acessos e fluxos.



Fonte: Autoral (2023).

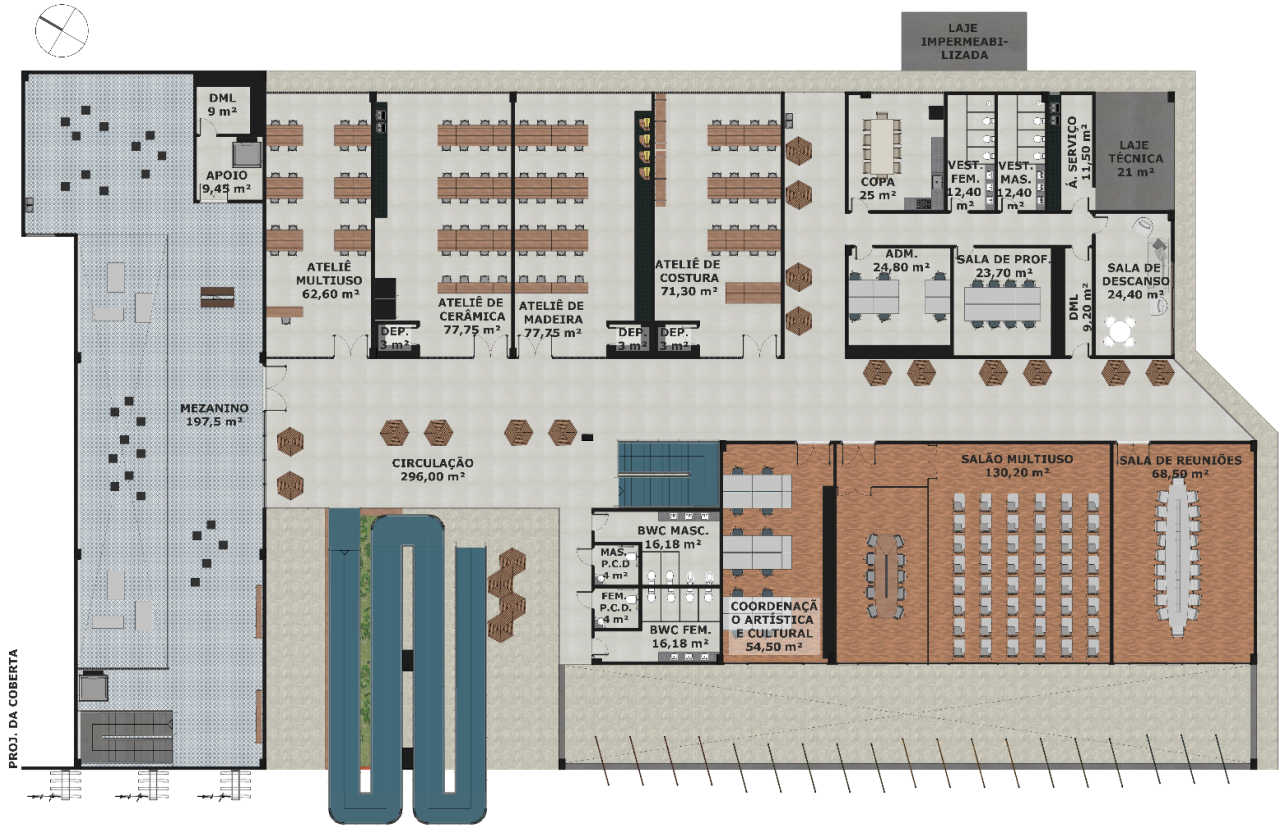
O pavimento superior, com 1321,80m², estará localizado o setor administrativo do Centro Cultural Arte Viva Alagoas, contará com duas salas de administração, sala de professores, copa e sala de descanso para funcionários, salas de práticas culturais que necessitam de climatização, como sala de reunião e salão multiuso, e ateliês para práticas com madeira, cerâmica e costura com ventilação natural na fachada sudeste (Imagens 84 e 85).

Imagem 84 - Pav. superior setorização.



Fonte: Autoral (2023)

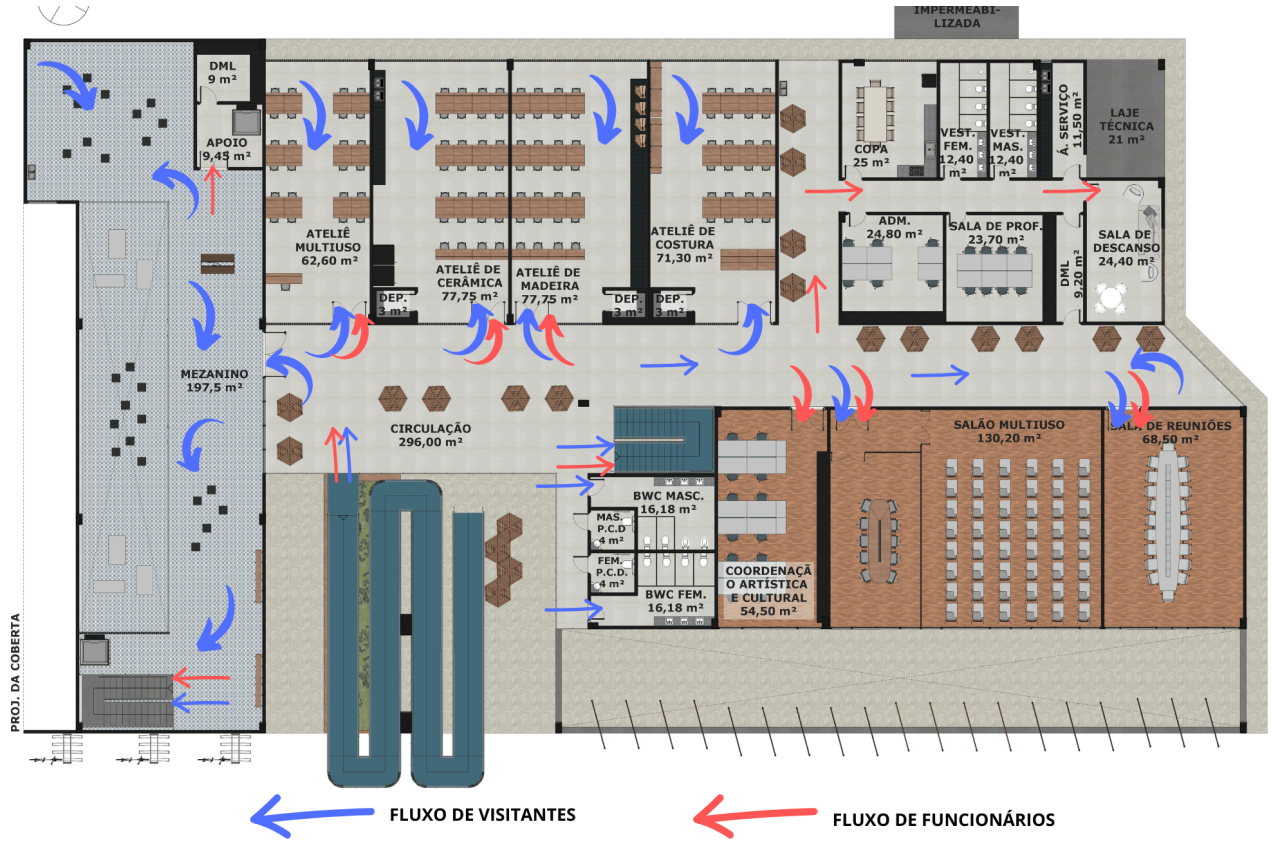
Imagem 85 - Planta baixa superior.



Fonte: Autoral (2023).

O acesso ao pavimento superior será feito pela rampa escultural acessível e pelas escadas localizadas no pátio. O fluxo dos usuários do Centro Cultural neste pavimento está focado na circulação linear, que será larga o suficiente para servir como lounge de espera (Imagem 86).

Imagem 86 - Planta baixa pav. superior com acessos e fluxos.



Fonte: Autoral (2023).

4.4.3 Estratégias de conforto ambiental

Para o clima quente e úmido da cidade de Maceió, o ideal é potencializar a circulação natural do ar e reduzir a insolação direta no interior dos ambientes (MELO, 2009). Pensando na proteção solar na fachada principal, voltada para o noroeste, será usado o beiral de cinco metros (no térreo será usado com circulação) e brises verticais no segundo pavimento, protegendo o salão multiuso e sala de reuniões da insolação direta vinda do oeste.

A fachada posterior, com a melhor ventilação do lado sudeste, no segundo pavimento será composta de elementos vazados para auxiliar a circulação de ventilação e iluminação natural nos ateliês, copa e circulação do pavimento. Além da abertura zenital na coberta, que também é composta com elementos vazados, para aumentar a circulação de ar (Imagem 87).

Imagem 87 - Corte com abertura zenital e ventilação.



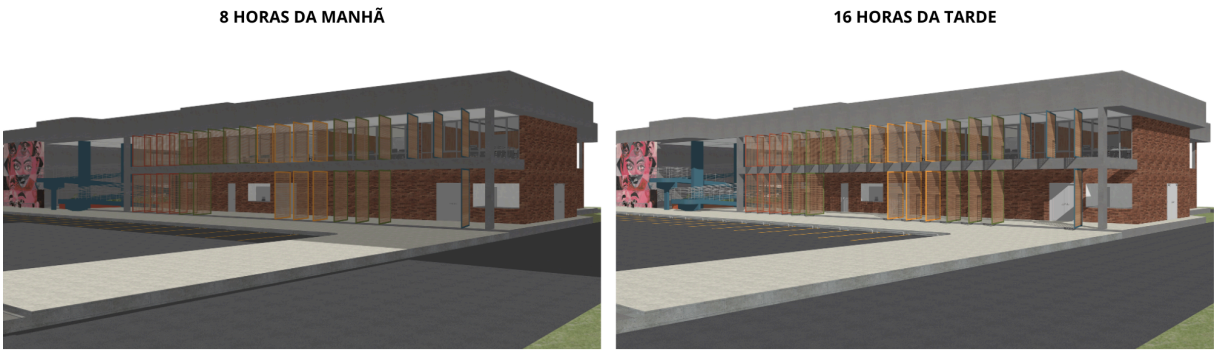
Fonte: Autoral (2023).

No início da concepção do projeto foi idealizado um amplo pátio com jardineiras e rampa escultural acessível para o segundo pavimento, com flexibilidade de entradas ao Centro Cultural Arte Viva Alagoas e interação com o ambiente externo e interno. Este será aberto nas duas fachadas, sudeste e noroeste, possibilitando um espaço fresco com lugares para descanso e conversa.

Na fachada lateral esquerda, salão de exposições, não terá aberturas para as fachadas, o ambiente será fechado para impedir a entrada de insolação direta nas obras expostas. A entrada de iluminação natural será feita de forma indireta pela pele de vidro voltada para o pátio e para a circulação superior.

Estas estratégias são suficientes para manter o conforto térmico na edificação pela maior parte do dia (Imagens 88 e 89).

Imagem 88 - Insolação na fachada principal pela manhã e tarde.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 89 - Insolação na fachada lateral pela manhã e tarde.

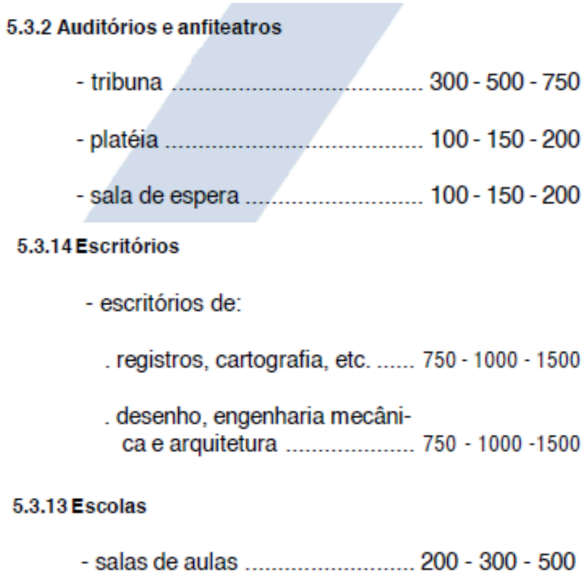


Fonte: Autoral (2023).

Alguns ambientes precisarão de climatização de acordo com as atividades a serem realizadas. A exemplo do Auditório, por ser um ambiente fechado e com grande capacidade de pessoas, será usado ar condicionado para o conforto térmico dos visitantes e funcionários. A sala de reuniões e salão multiuso, por serem ambientes de longa permanência e por estarem voltados ao poente. Os ambientes administrativos em sua maioria também será necessário climatização pela capacidade de pessoas e as atividades a serem cumpridas nesses espaços de longa permanência.

Em relação ao conforto lumínico e projeto luminotécnico, deverá ser seguida a *NBR 5419 de Iluminância de Interiores*, esta determina o nível de iluminância (lux) em ambientes de trabalho. Na norma é descrito alguns ambientes e a iluminância mínima, média e máxima aconselhável por metro quadrado, na maioria dos casos é utilizado o valor médio. Para as salas administrativas é possível usar a base sugerida para escritórios e para os ateliês podemos considerar salas de aula de forma geral (Imagem 90).

Imagem 90 - Iluminância aconselhável em auditório, escritórios e salas de aula.



5.3.2 Auditórios e anfiteatros

- tribuna ..... 300 - 500 - 750
- platéia ..... 100 - 150 - 200
- sala de espera ..... 100 - 150 - 200

5.3.14 Escritórios

- escritórios de:
  - . registros, cartografia, etc. ..... 750 - 1000 - 1500
  - . desenho, engenharia mecânica e arquitetura ..... 750 - 1000 -1500

5.3.13 Escolas

- salas de aulas ..... 200 - 300 - 500

Fonte: NBR 5419 Iluminância de Interiores (1992), adaptado pela autora (2023).

A *NBR 10152 Acústica — Níveis de pressão sonora em ambientes internos a edificações* de 2020, para fins de elaboração de projetos também determina valores base para a pressão sonora de ambientes baseados na sua finalidade. Esta determina valores mínimos e máximos de decibéis (dB) no interior dos ambientes. Para este projeto, podem ser usados como referência os ambientes teatro, museu, salas de aula, salas de reunião e escritórios (Imagem 91).

Imagem 91 - Valores de referência para ambientes internos.

Finalidade de uso	Valores de referência		
	RL_{Aeq} (dB)	RL_{ASmax} (dB)	RL_{NC}
Teatros	30	35	25
Museus (exposições)	40	45	35
Salas de aula	35	40	30
Salas de reunião	35	40	30
Escritórios privativos (gerência, diretoria etc.)	40	45	35
Escritórios coletivos (*open plan*)	45	50	40

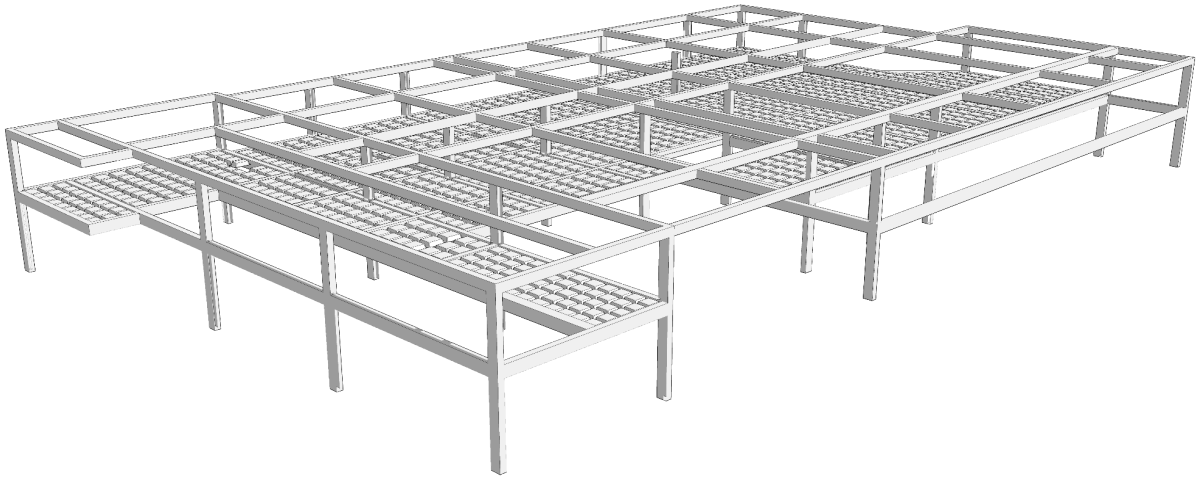
Fonte: NBR 10152 Acústica — Níveis de pressão sonora em ambientes internos edificações (2020), adaptado pela autora (2023).

4.4.4 Estrutura e materiais adotados

A **estrutura da edificação** será de concreto armado e laje nervurada, para que seja possível vencer grandes vãos, como no auditório, no salão de exposições e no pátio (Imagem 92). Além disso, a laje nervurada traz muitas outras vantagens como: ajuda a reduzir a espessura da laje, assim, diminuindo o tamanho da rampa e escadas; reduz a quantidade de concreto a ser usado; reduz o peso da laje já que é mais leve que uma laje de concreto maciça e a rapidez e eficiência na instalação. O objetivo é deixar a estrutura aparente, especialmente no pátio.

A coberta será em laje impermeabilizada no bloco do salão de exposições, enquanto o resto da edificação será utilizado telhas de fibrocimento com inclinação de 5% e tesouras de madeira para sustentação (Imagens 93 e 94). Os pisos utilizados para os espaços de circulação externos serão pré- moldados intertravado no pavimento térreo; e porcelanato externo ou monolítico em concreto no pavimento superior.

Imagem 92 - Esquema Estrutural.



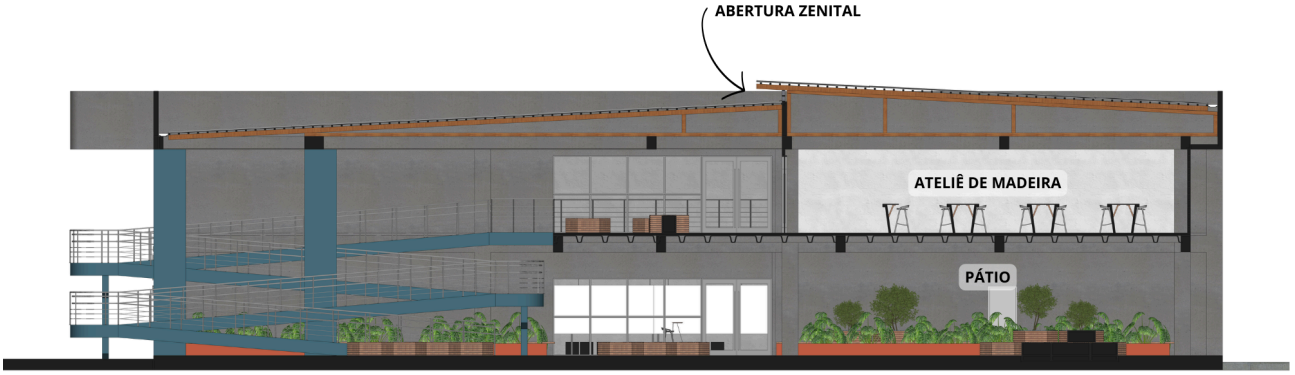
Fonte: Autoral (2023).

Imagem 93 - Corte auditório e Salão de Exposições.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 94 - Corte do pátio.



Fonte: Autoral (2023).

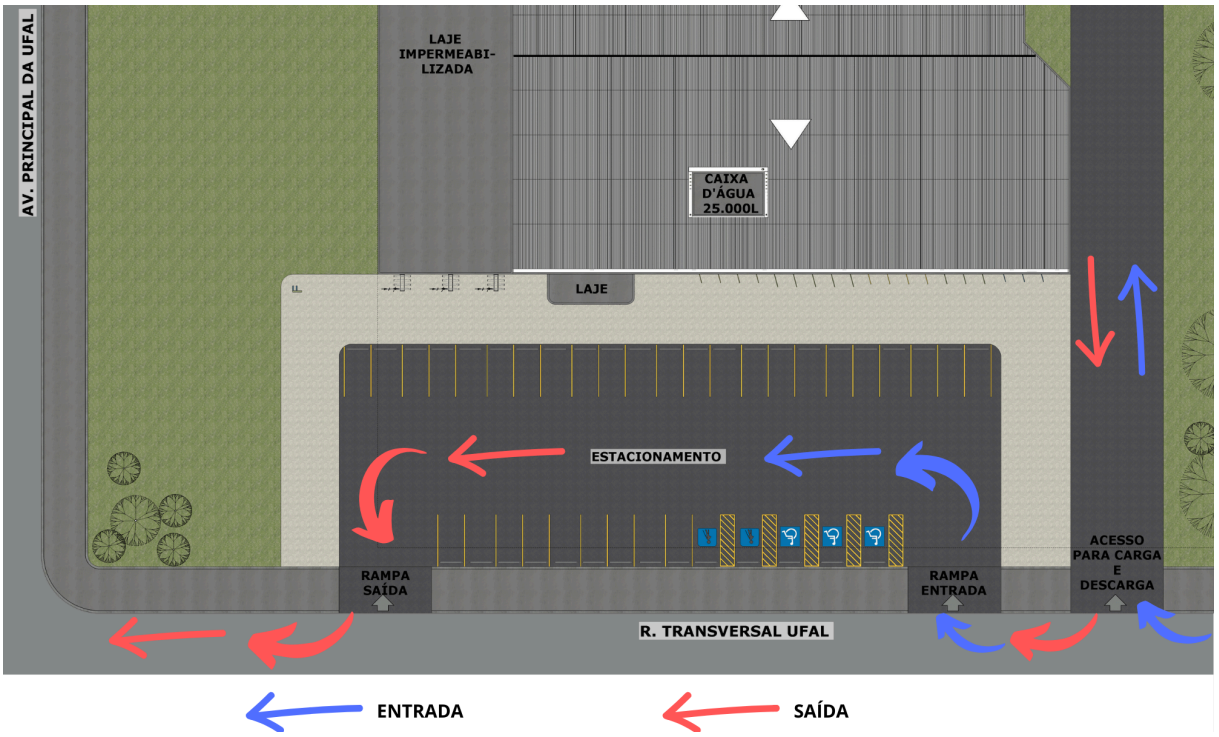
4.4.5 Estacionamento

Para o estacionamento foram planejadas 37 vagas para veículos, tendo em vista que o mínimo permitido é 1 vaga a cada 100 metros quadrados de área construída do Centro Cultural Arte Viva Alagoas (Imagem 95). Considerando a Lei Federal nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece no mínimo 2% do número de vagas reservadas para pessoas com dificuldade de locomoção para estabelecimentos de uso público (1 vaga do total de 37), serão utilizadas 3 vagas para P.C.D. Enquanto a Lei Federal nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, define que 5% das vagas do estacionamento devem ser reservadas para idosos (2 vagas do total de 37), assim, serão separadas mais 2 vagas.

A entrada e saída de carros será feita pela Rua Transversal da Ufal 1 por meio de duas rampas. Esta rua foi escolhida para o estacionamento por ter menor fluxo que a Avenida Principal da UFAL, assim, os usuários do Centro Cultural, ao

estacionar não atrapalham a via principal que já possui grande movimento de carros e ônibus.

Imagem 95 - Fluxo de entrada e saída do estacionamento.



Fonte: Autoral (2023)

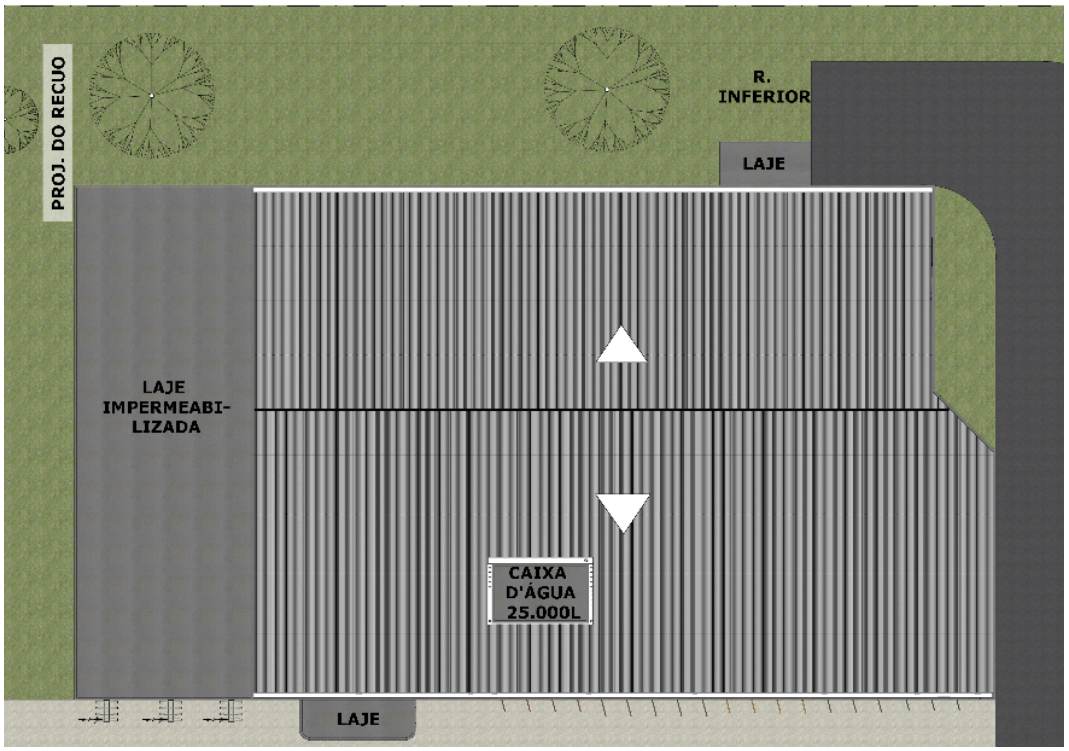
4.4.6 Abastecimento de água

Para o cálculo da caixa d'água serão considerados 40 funcionários e 350 visitas diárias, totalizando 390 pessoas. Por ser um edifício público de curta permanência, será usado 50 litros por pessoa como referência e uma reserva de 2 dias. Assim, o cálculo fica:

(50 litros x 390 pessoas)x 2 dias = 39.000 litros
39.000 litros + 20% para reserva de incêndio = ***46.800 litros***

Será dividido 25.000 litros para a caixa d 'água superior, localizada acima dos banheiros públicos, e 21.800 litros no reservatório inferior localizado à frente da subestação de energia, na fachada posterior (Imagem 96).

Imagem 96 - Localização reservatório superior e inferior.



Fonte: Autoral (2023)

4.4.7 Acessibilidade aplicada a edificação

Nos acessos verticais será prezado a **acessibilidade** para igualdade de acesso a todos que frequentam o Centro Cultural Arte Viva Alagoas. Pelo pátio os acessos ao segundo pavimento serão feitos por uma escada com 1,5 metro de largura em formato de U com patamar (Imagem 97). E uma grande rampa escultórica e acessível, com inclinação máxima de 8,3%, como permitida pela *NBR 9050 de Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. A rampa terá 1,5 metro de largura e três patamares a cada 11,8 metros, com comprimento total de 47 metros. Seus patamares serão abaulados nas extremidades com conjunto com sua coberta, esta também será sustentada por pilares em formato T (Imagem 98).

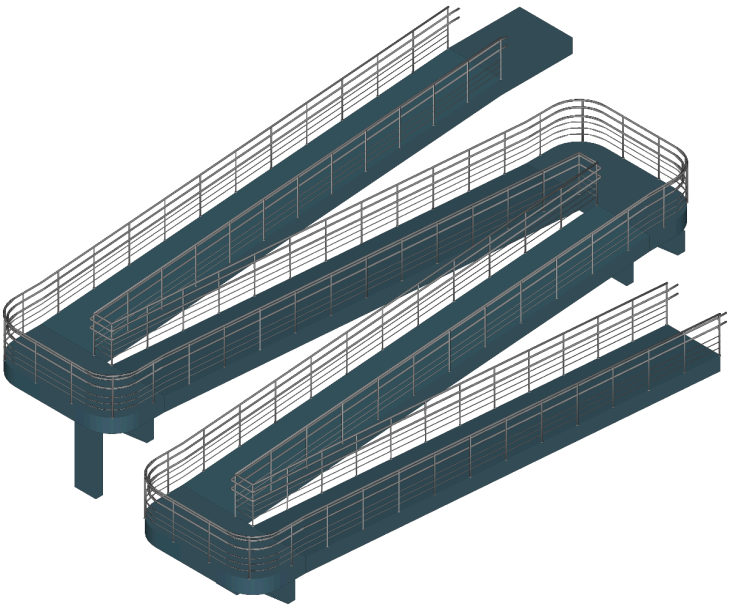
No salão de exposições a circulação vertical será por uma escada de 1,2 metro de largura e um elevador para P.C.D.

Imagem 97 - Vista isométrica escada do Pátio.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 98 - Vista isométrica da rampa do Pátio.

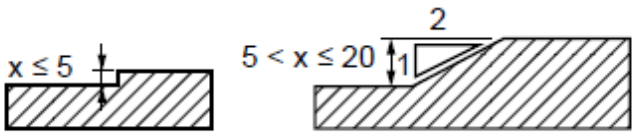


Fonte: Autoral (2023).

A acessibilidade no Centro Cultural também é expressa em todos os ambientes. Todas as portas possuem 0,91 m de abertura, e ambiente com grande fluxo, como salão de exposições e auditório, serão utilizadas portas de duas folhas com abertura de 2,20 m.

De acordo com a NBR 9050 os desníveis em rotas acessíveis devem ser evitados, com exceção de desníveis até 5mm. Desníveis entre 5mm e 20mm deverão ter inclinação de 50% (Imagem 99). Os desníveis na edificação não ultrapassam os 2 centímetros, essa diferença acontecerá principalmente no pavimento térreo entre a circulação externa e os ambientes internos e nos banheiros, para evitar que a água escorra para fora em caso de acidentes.

Imagem 99 - Exemplo de desnível em piso pela NBR 9050.



Fonte: NBR 9050 Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos (2015).

4.5 Descrição dos ambientes e mobiliário

4.5.1 Salão de exposições

O objetivo do salão de exposições é ser flexível para se adaptar a exposições temporárias ou permanentes, de acordo com suas especificidades de layout, e livre circulação dos visitantes. Assim, a **planta livre é a opção mais viável** (Imagem 100). Com a planta livre é possível fazer modificações não permanentes no salão, como por exemplo se necessário fechar um espaço para determinada exposição isso pode ser feito com painéis de *drywall* ou divisórias removíveis, desse modo, após a exposição a modificação poderá ser desfeita.

Na entrada principal do salão de exposições, voltada para o pátio, haverá um balcão de informações sobre as exposições disponíveis para visitação, e ao lado direito, a área técnica do salão com reserva técnica, curadoria e espaços de apoio.

Para a proteção das coleções em exposição, não haverá janelas ou aberturas que possibilitem a entrada de insolação direta na área de exposição. O acesso ao salão poderá ser feito pelo pátio ou pelo segundo pavimento com acesso ao mezanino, além da entrada de serviço também pelo pátio diretamente para a área técnica.

Imagem 100 - Planta baixa Salão de Exposições.



Fonte: Autoral (2023).

As paredes internas serão brancas, para não criar distrações às exposições, porém o piso será de ladrilho hidráulico produzido no estado (Imagem 101).

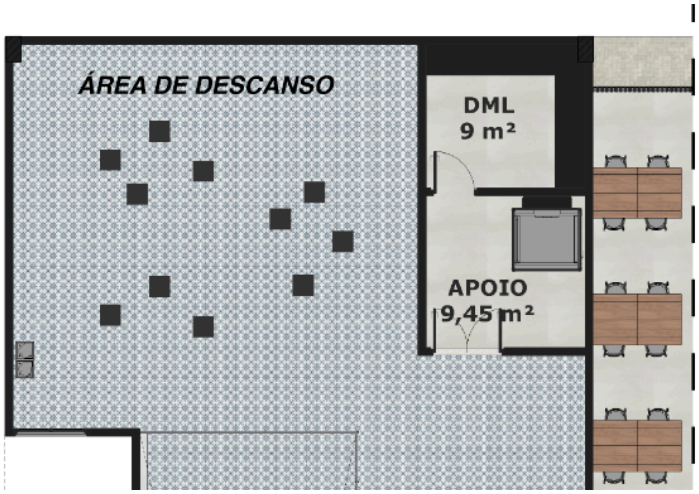
Imagem 101 - Exemplo de ladrilho hidráulico para o piso.



Fonte: Ladrilho Online

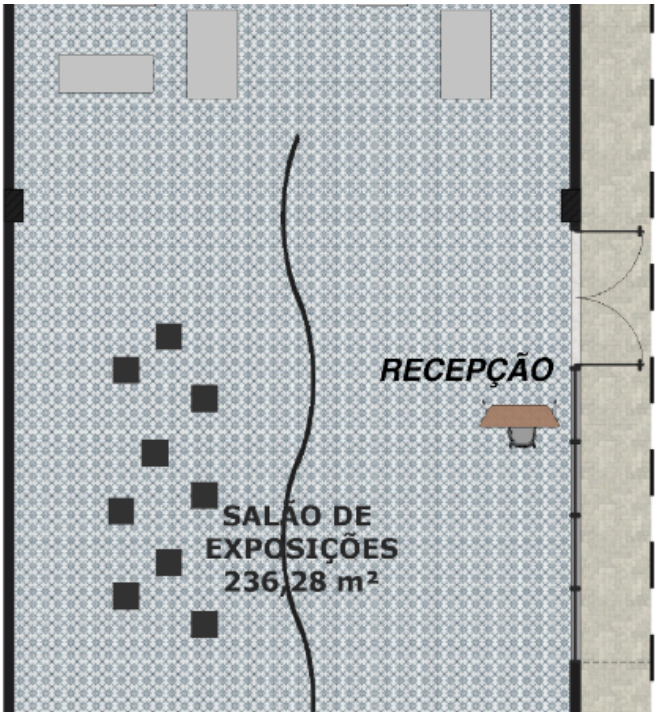
O mobiliário do salão será flexível, de acordo com as necessidades das exposições. Apenas no térreo que haverá uma pequena mesa para recepção dos visitantes ao lado da entrada, e no mezanino ao lado da sala de apoio e depósito, que haverá uma área com bancos para o descanso dos visitantes, com bebedouro e uma janela para a entrada de iluminação natural (Imagens 102, 103, 104 e 105).

Imagem 102 - Mobiliário da Área de Descanso do Salão.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 103 - Mobiliário da Recepção do Salão.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 104 - Perspectiva do Salão de Exposições 1.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 105 - Perspectiva do Salão de Exposições 2.



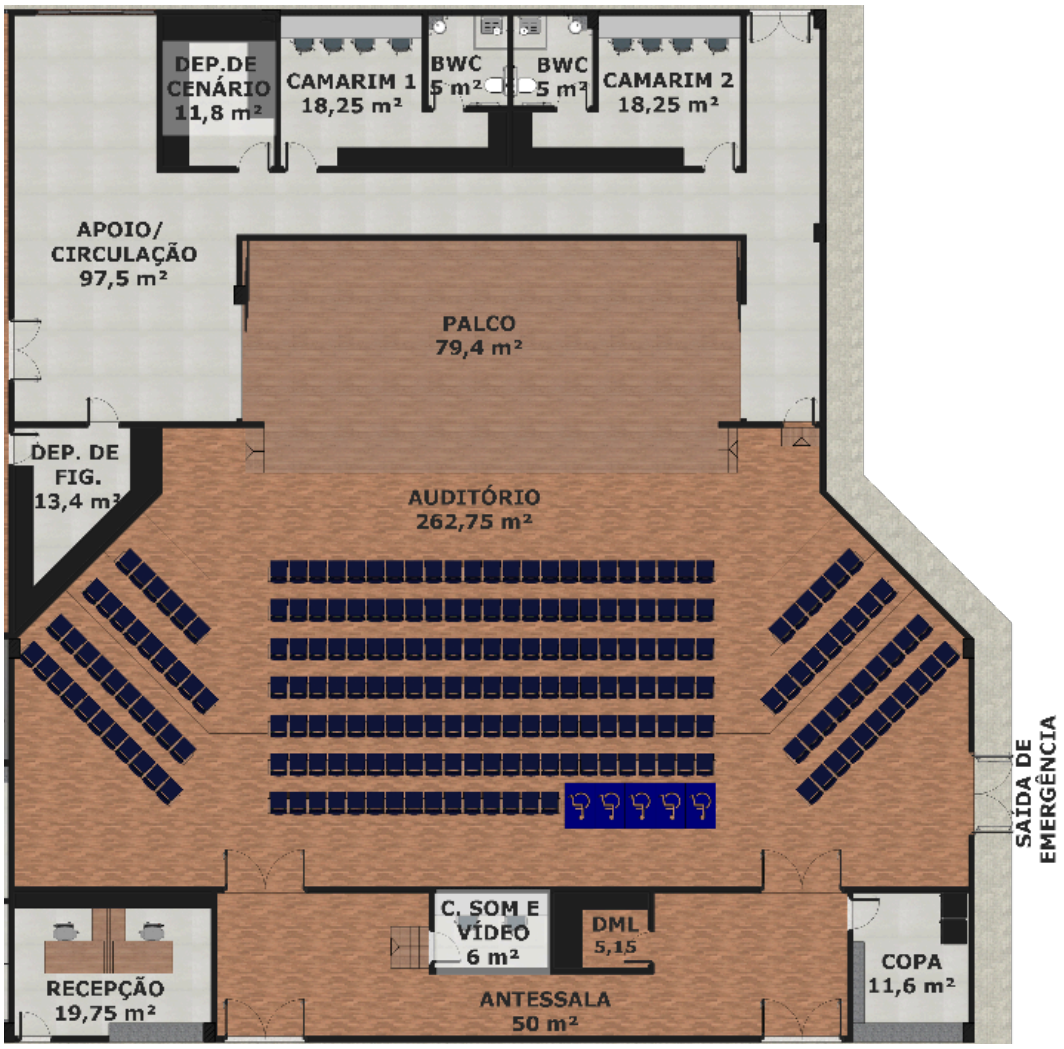
Fonte: Autoral (2023).

4.5.2 Auditório e apoio

O auditório poderá sediar peças de teatro, dança, outros tipos de apresentações artísticas e palestras (Imagem 106). Este será dividido em quatro patamares e terá capacidade para 230 pessoas. O acesso ao auditório será por duas entradas principais voltadas ao estacionamento, que se dirigem primeiramente a uma antessala para a recepção dos convidados, e logo após para o auditório. Haverá uma pequena copa para caso haja a necessidade de coffee break durante

as apresentações ou palestras, o balcão será aberto para a circulação externa por haver mais espaço para os usuários transitarem.

Imagem 106 - Planta baixa Auditório.



Fonte: Autoral (2023).

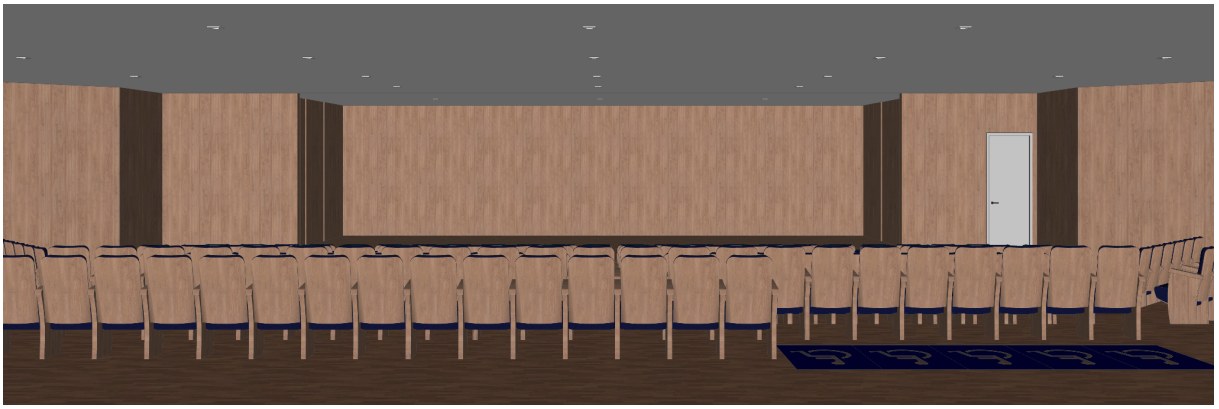
A plateia é composta por fileiras sete retas com 158 lugares e dois blocos de fileiras laterais em diagonal com 72 lugares, separados por galerias de acesso com 1,5 metro. Esta organização dos assentos na plateia permite a visualização do palco por todos os usuários. A saída de emergência está localizada à direita no primeiro patamar com abertura de 2,2 metros para a fachada lateral da edificação.

A norma brasileira NBR 9050 estabelece o mínimo de assentos reservados para P.C.D. de 2%, porém para este auditório serão reservados 5 assentos para P.C.D no primeiro patamar do auditório, ou seja, 3,5% da capacidade total.

O palco terá uma área de 79,40m² e altura de 50 centímetros, com entradas pelas laterais para a coxia e apoio, escadas à direita e esquerda para acesso à plateia. A área de apoio, por trás do palco, contará com dois camarins com banheiro (que será equipada para P.C.D. com barras de apoio e banco rebatível na área do chuveiro), depósito de cenários e figurinos, uma área livre para circulação, movimentação de materiais e conexão com a sala de dança.

O piso escolhido será de madeira, por ser um material durável e aconchegante, além de ser um material reflexivo, que reverbera mais o som dentro do auditório, melhorando sua qualidade. A madeira também será utilizada para o palco. Nas paredes da frente do auditório poderão ser utilizados painéis acústicos revestidos na mesma madeira (Imagens 107 e 108).

Imagem 107 - Perspectiva do Auditório 1.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 108 - Perspectiva do Auditório 2.



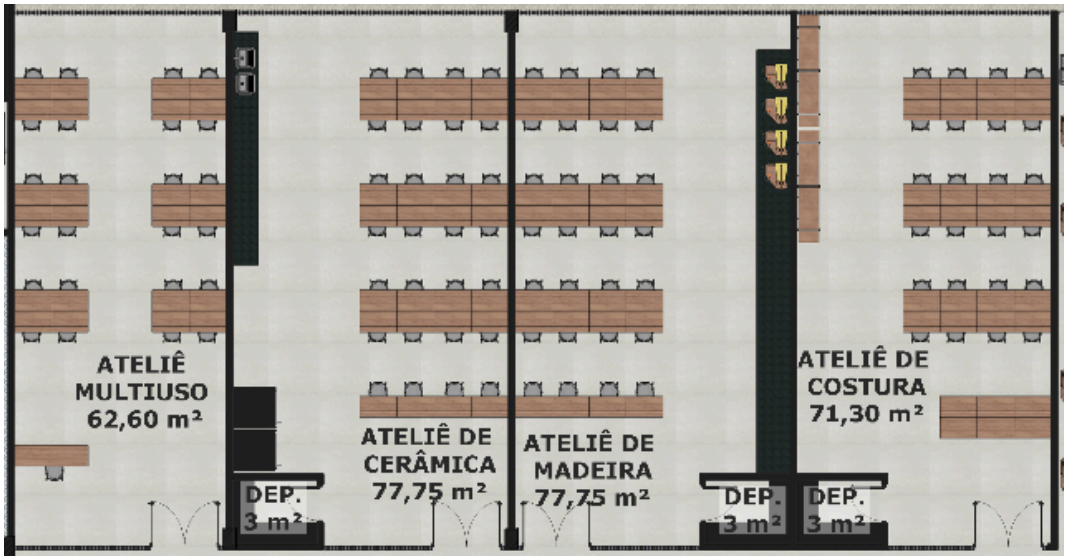
Fonte: Autoral (2023).

4.5.3 Ateliês de artes e sala de dança

Os ateliês para práticas em madeira, cerâmica, costura e outras atividades estarão localizados no segundo pavimento, voltados para o sudeste, com ventilação mais favorável, assim, suas paredes serão compostas por elementos vazados na fachada e internamente, possibilitando a ventilação natural circular pelo ambiente e na circulação externa da edificação (Imagem 109). Além disso, a abertura zenital na coberta também auxiliará na troca de ar internamente.

O ateliê para confecção de peças em cerâmica será equipado com fornos industriais e bancada em granito com duas cubas grandes (Imagem 110). O ateliê para práticas em madeira também será equipado com uma bancada de granito para corte de peças (Imagem 111). Os ateliês em geral terão depósitos para armazenamento e mesas de trabalho e cadeiras, que podem ser agrupadas de acordo com a necessidade (Imagem 112). O ateliê multiuso não terá depósito e nem mobiliário fixo, este poderá ser utilizado para aulas ou para a confecção de outros tipos de artesanato, a depender da demanda.

Imagem 109 - Planta baixa Ateliês.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 110 - Perspectiva do Ateliê de Cerâmica.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 111 - Perspectiva do Ateliê de Madeira.



Fonte: Autoral (2023).

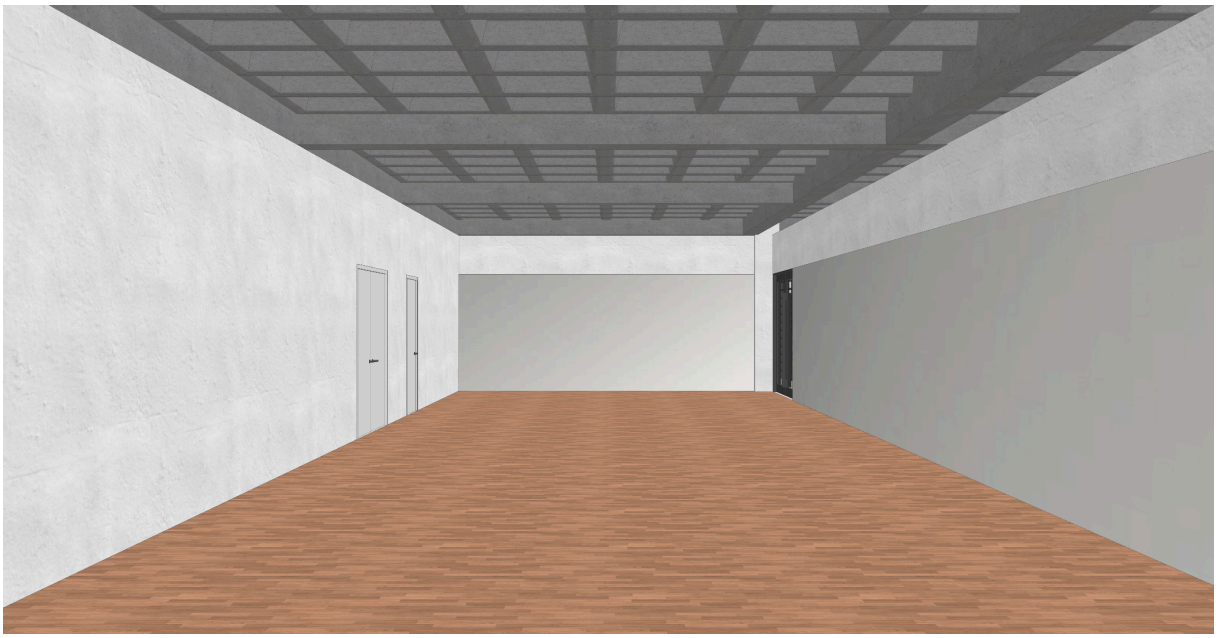
Imagem 112 - Perspectiva do Ateliê de Costura.



Fonte: Autoral (2023).

A sala de dança será no térreo e contará com um depósito de figurinos e acesso direto à área de apoio do auditório, para facilitar a movimentação dos dançarinos durante as apresentações. As paredes maiores serão cobertas com espelhos, enquanto o piso será amadeirado (Imagem 113).

Imagem 113 - Perspectiva da Sala de Dança.

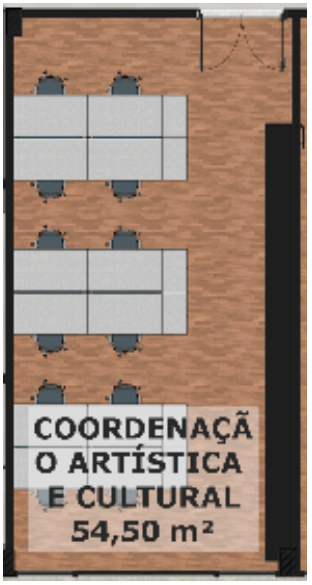


Fonte: Autoral (2023).

4.5.4 Espaços de apoio e administração

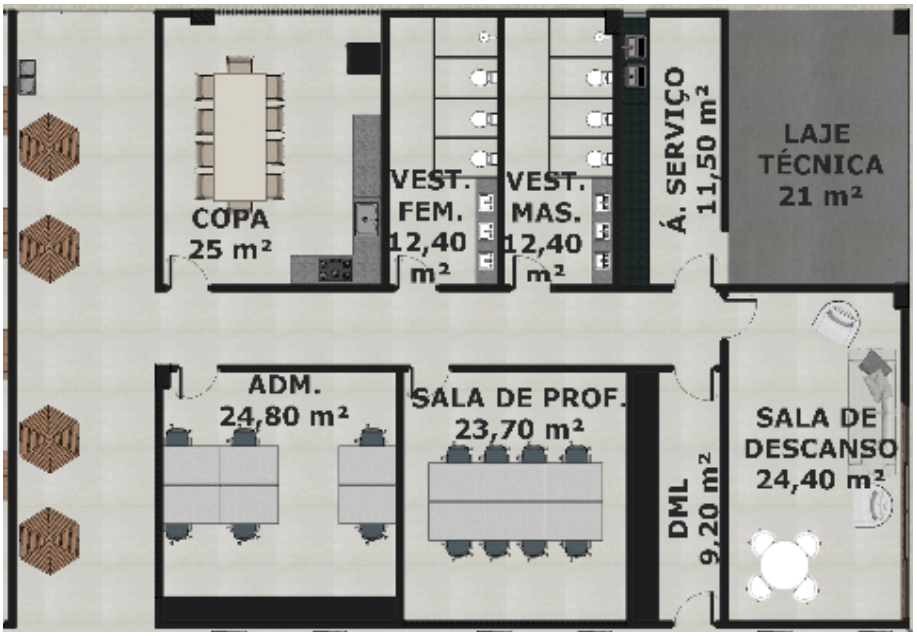
A área administrativa será dividida em duas salas, a Coordenação Artística e Cultural com capacidade para 12 pessoas e a Administração com capacidade para 6 pessoas (Imagens 114 e 115). O mobiliário das duas salas será similar, com mesas para trabalho e armários de armazenamento (Imagem 116).

Imagem 114 - Planta baixa Coordenação Artística e Cultural.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 115 - Planta baixa Área Administrativa.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 116 - Perspectiva da Coordenação Artística e Cultural.



Fonte: Autoral (2023).

A direita será a copa equipada com geladeira, bancada de granito com uma cuba grande e mesa para 10 pessoas, com parede de cobogós para receber a ventilação e iluminação natural da fachada sudeste; sala de professores com mesa para reuniões com 8 cadeiras e a sala de descanso com sofá e poltronas. Os vestiários terão uma cabine com chuveiro e mais 3 com bacia sanitária (de acordo com Código de Urbanismo e Edificações de Maceió, são necessários apenas 1 bacia sanitária para cada 20 funcionários, assim, 3 bacias sanitárias são suficientes). Como apoio a essa área e ao Centro Cultural como um todo, haverá um depósito de produtos de limpeza, uma área de serviço com bancada de granito e 2 tanques e laje técnica para ar- condicionados (Imagens 117, 118 e 119).

Imagem 117 - Perspectiva da Copa.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 118 - Perspectiva da Sala dos Professores.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 119 - Perspectiva da Sala de Descanso.



Fonte: Autoral (2023).

4.5.5 Salão multiuso e sala de reuniões

O salão multiuso terá 130,20m², nele serão utilizadas divisórias removíveis para criar espaços de reunião, salas de aula, ou o que for necessário dependendo da demanda, sem mobiliário definido. Já a sala de reuniões terá 68,50m² e poderá ser utilizada por meio de reserva para fins diversos ou pelos próprios funcionários do Centro Cultural, será mobiliada com uma grande mesa com capacidade para 20 pessoas (Imagens 120, 121 e 122).

As esquadrias piso a teto na fachada noroeste serão protegidas por brises verticais, diminuindo a insolação direta, mas permitindo a entrada de iluminação natural.

Imagem 120 - Planta baixa Salão Multiuso e Sala de Reuniões.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 121 - Perspectiva do Salão Multiuso.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 122 - Perspectiva da Sala de Reuniões.



Fonte: Autoral (2023).

4.5.6 Pátio Central, BWCs e circulação superior

O pátio, com 521,20m², será um ponto voltado para o lazer, convivência e descanso dos usuários (Imagem 123). Seu mobiliário será simples com bancos de madeira que podem ser movidos e montados em grupos para melhor atender os usuários, e os assentos de madeira apoiados nas jardineiras (Imagem 124). A ventilação e iluminação natural no pátio é favorecida por ser aberta para o sudeste e noroeste.

Imagem 123 - Planta baixa do Pátio.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 124 - Perspectiva do Pátio.



Fonte: Autoral (2023).

Os BWCs se repetiram no térreo e no pavimento superior, cada um terá 16m², com quatro cabines com bacias sanitárias e um lavabo para P.C.D externo de acordo com a NBR 9050 de acessibilidade (com duas barras horizontais próximas a bacia sanitária e uma vertical ao lado do lavabo) (Imagens 125 e 126).

Imagem 125 - Corte em perspectiva dos banheiros.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 126 - Perspectiva do banheiro P.C.D.



Fonte: Autoral (2023).

A circulação no pavimento superior será grande e poderá servir como espaço de descanso e espera para os usuários. Este também será mobiliado com bancos de madeiras e bebedouros (Imagens 127, 128 e 129).

Imagem 127 - Perspectiva da Circulação Superior 1.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 128 - Perspectiva da Circulação Superior 2.



Fonte: Autoral (2023).

Imagem 129 - Perspectiva da Circulação Superior 3.



Fonte: Autoral (2023).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como objetivo o desenvolvimento de um anteprojeto arquitetônico de um Centro Cultural no campus A.C. Simões, no bairro Cidade Universitária na cidade de Maceió. O principal desafio foi o desenvolver de um programa de necessidades completo e coerente com a cultura popular do estado, para atender a demanda da universidade e da comunidade das redondezas, e após a construção de uma edificação coerente em estética e funcionalidade com este objetivo.

A relevância da proposta advém da necessidade de trazer referências da cultura popular e um espaço de aprendizado para um bairro populoso e periférico da cidade, criando uma conexão social com a arte e fortalecendo a identidade cultural, além do acesso gratuito a estas atividades. O estudo de repertório e da cultura popular do estado auxiliou a descobrir as necessidades da localidade para o desenvolvimento do projeto. Outro ponto de relevância na idealização do projeto foi o conceito artístico por meio dos murais de arte popular para melhorar a experiência do usuário em sintonia com o objetivo da edificação, ao mesmo tempo que a edificação condiz com a essência do campus A.C. Simões.

Assim, a proposta arquitetônica de um Centro Cultural no campus A.C. Simões trará referências importantes de arte para a comunidade acadêmica e local do bairro através de suas aulas, exposições e eventos. Podendo criar novas habilidades artísticas e culturais, além de possíveis empregos para alunos e comunidade na área da arte urbana no estado, criando novos artesãos, dançarinos e artistas alagoanos. Diante disso, conclui-se que o objetivo geral do projeto foi cumprido, assim como os objetivos específicos escolhidos como parte de seu processo.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Edward Porter. **The Museum as a Cultural Center and Social Instrument. In: Museums in motion; an introduction to the History and functions of museums**. Nashville: American Association for State and Local History, c.1979. Este livro se encontra disponível na biblioteca do MAST.

ALMEIDA, Anderson Diego da Silva; SILVA, Anderson; CAVALCANTE, Daniel; NUNES, Jefferson; SANTOS, Luiz Cleysson Prazeres dos; SILVA, Rosaline Paranhos da. **Cultura Popular**: Artigos sobre folclore. 1. ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2016. 73 p. v. 1. ISBN 978-85-9465-003-0.

ARTESOL. **ARTECER - Associação das Rendeiras de Singeleza e Bordados de Paripueira.** Disponível em: https://www.artesol.org.br/artecer. Acesso em: 25 de mar. de 2023.

ARTESOL. **Instituto do Bordado de Filé - Inbordal.** Disponível em: https://www.artesol.org.br/inbordal. Acesso em: 25 de mar. de 2023.

ARCH DAILY. **Centro Cultural Curitiba / HARDT Planejamento**" [Curitiba Cultural Centre / HARDT Planejamento] 31 Out 2017. ArchDaily Brasil. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/882145/centro-cultural-curitiba-hardt-planejamento. ISSN 0719-8906. Acesso em: 13 abr 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 9050:** Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES. **O Perfil Socioeconômico dos(as) estudantes da UFAL**. Brasil, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Trânsito - CONTRAN. **Decreto nº 9.503, de 18 de dezembro de 2008**. Dispõe sobre as vagas de estacionamento destinadas exclusivamente a veículos que transportem pessoas portadoras de deficiência e com dificuldade de locomoção. [*S. l.*], 18 dez. 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Trânsito - CONTRAN. **Decreto nº 10.098, de 18 de dezembro de 2008**. Dispõe sobre as vagas de estacionamento de veículos destinadas exclusivamente às pessoas idosas. [*S. l.*], 18 dez. 2008.

COELHO NETO, José Teixeira. **Usos da cultura; políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

DIRETORIA DE TEATROS DO ESTADO DE ALAGOAS. **Complexo Cultural**. Disponível em: http://www.diteal.al.gov.br/institucional/complexo-cultural/. Acesso em: 04 mai 2023.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo, Perspectiva, 1979.

FROTA, Lélia Coelho. **Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro** — Século XX. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2005.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Imaterial.** Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234#:~:text=Os%20bens%20culturais%20de%20natureza,que%20abrigam%20pr%C3%A1ticas%20culturais%20coletivas). Acesso em: 03 de nov. de 2022.

INTERLICHE, L. R. F.; PADOVAN, L. **A implantação de Centros Culturais como elemento mediador na transformação e revalorização da sociedade**. XIV Congresso Iniciação Científica - Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM, [*S. l.*], p. 1-9, 6 nov. 2015. Disponível em: http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2015/. Acesso em: 12 out. 2022.

MELO, Juliana Duarte de. **Caracterização climática da cidade de Maceió como subsídio a decisões de planejamento**. Orientadora: Gianna Melo Barbirato. 2009. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, 2009.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção: biblioteca centro de cultura.** São Paulo, Siciliano, 1991.

NEVES, Renata Ribeiro. **Centro Cultural: A cultura à promoção da Arquitetura.** Revista Especialize On-line IPOG, Goiânia, v. 1, ed. 05, 1 jul. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ. Lei Municipal nº 5486, de 13 de junho de 2005. Institui o Plano Diretor do município de Maceió, estabelece diretrizes gerais de política de desenvolvimento urbano. **Plano Diretor**, Maceió, 13 jun. 2005.

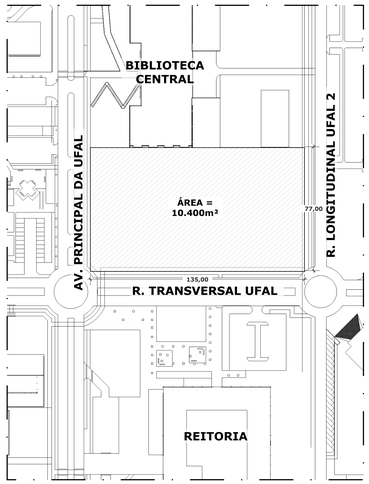
RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 1. ed. [*S. l.*]: Global Editora, 1995. 472 p. ISBN 8526022253.

SANTOS, José Luiz dos. **O Que É Cultura?**. 1. ed. [*S. l.*]: Editora Brasiliense, 1983. 96 p. ISBN 8511011102.

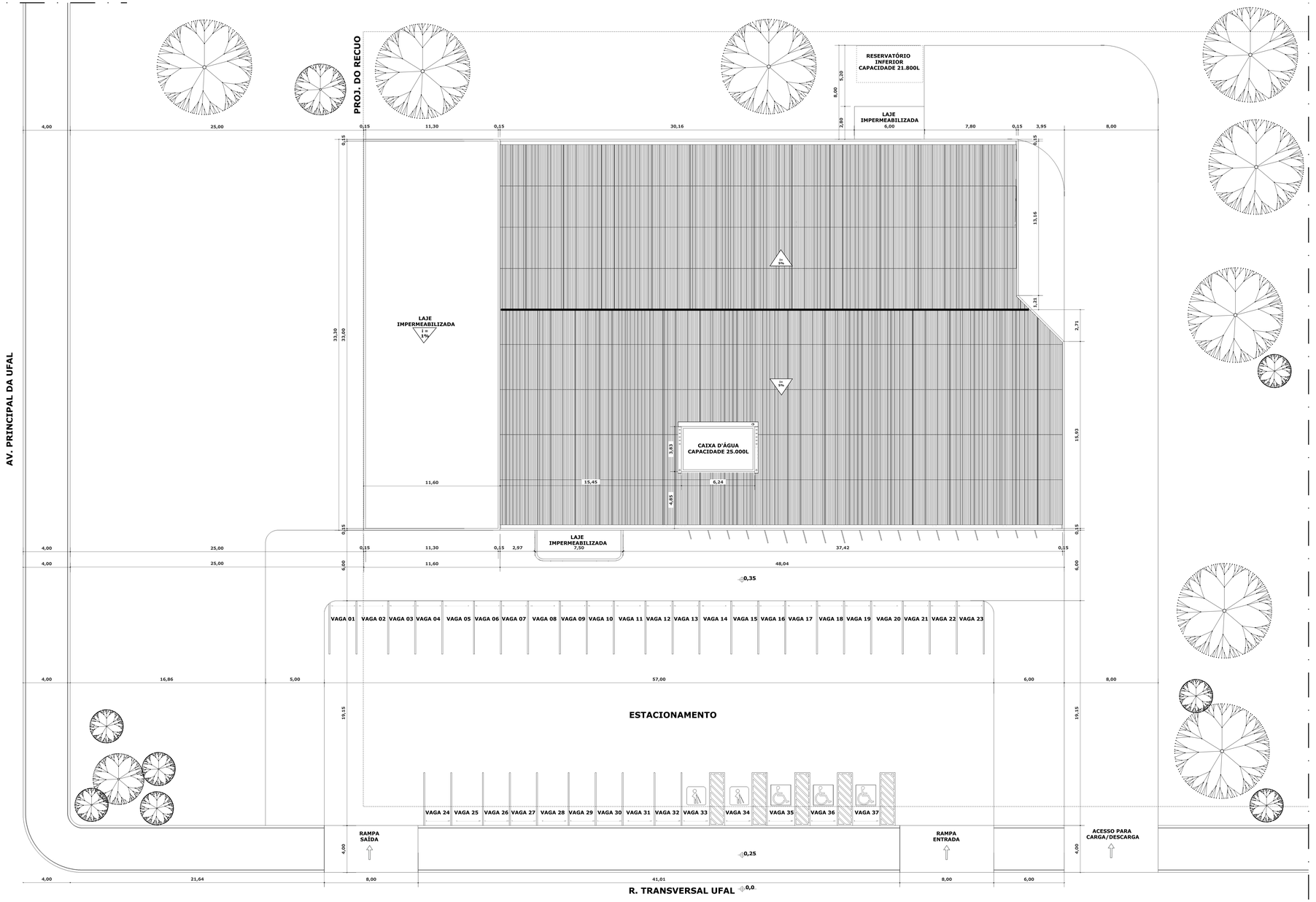
SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. **Centro Cultural: Construção e reconstrução de conceitos.** Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. 1995. Tese (Mestrado em Memória Social e Documentos) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [*S. l.*], 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Mapeamento do Patrimônio Cultural Imaterial de Alagoas**. Maceio-AL, 2008.
V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 5., 2009, Salvador-Bahia-Brasil. **A Cultura do Açúcar: Uma herança dos antigos engenhos de Alagoas** [...]. Faculdade de Comunicação/UFBA: [*s. n.*], 2009. 14 p. v. 1.

VASCONCELOS, Daniela; LAMENHA, Guilherme (org.). **Alagoas, memórias das mãos**. 1. ed. [*S. l.*]: GrafMarques, 2022. 299 p. ISBN 978-65-86318-06-7.



PLANTA DE SITUAÇÃO
ESC.: 1/1000



PLANTA DE LOCAÇÃO E COBERTA
ESC.: 1/100

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA - FAU

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO

ARTE VIVA ALAGOAS CENTRO CULTURAL

QUADRO DE ÁREAS:

TERRENO	10.400 M²
NÚMERO DE PAVIMENTOS	2
ÁREA DE COBERTA	1862 M²
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA	3184,6 M²
TAXA DE OCUPAÇÃO	18%

ENDEREÇO:
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIÓ- AL.

DISCENTE:
SARAH HEIDI ALMEIDA FELIX

ORIENTADORA:
THAÍSA FRANCIS CÉSAR SAMPAIO SARMENTO

ESCALA: INDICADO

DATA: DEZEMBRO DE 2023

CONTEÚDO:
PLANTA DE SITUAÇÃO
PLANTA BAIXA DE LOCAÇÃO E COBERTA

Nº DA PRANCHA: 01/07

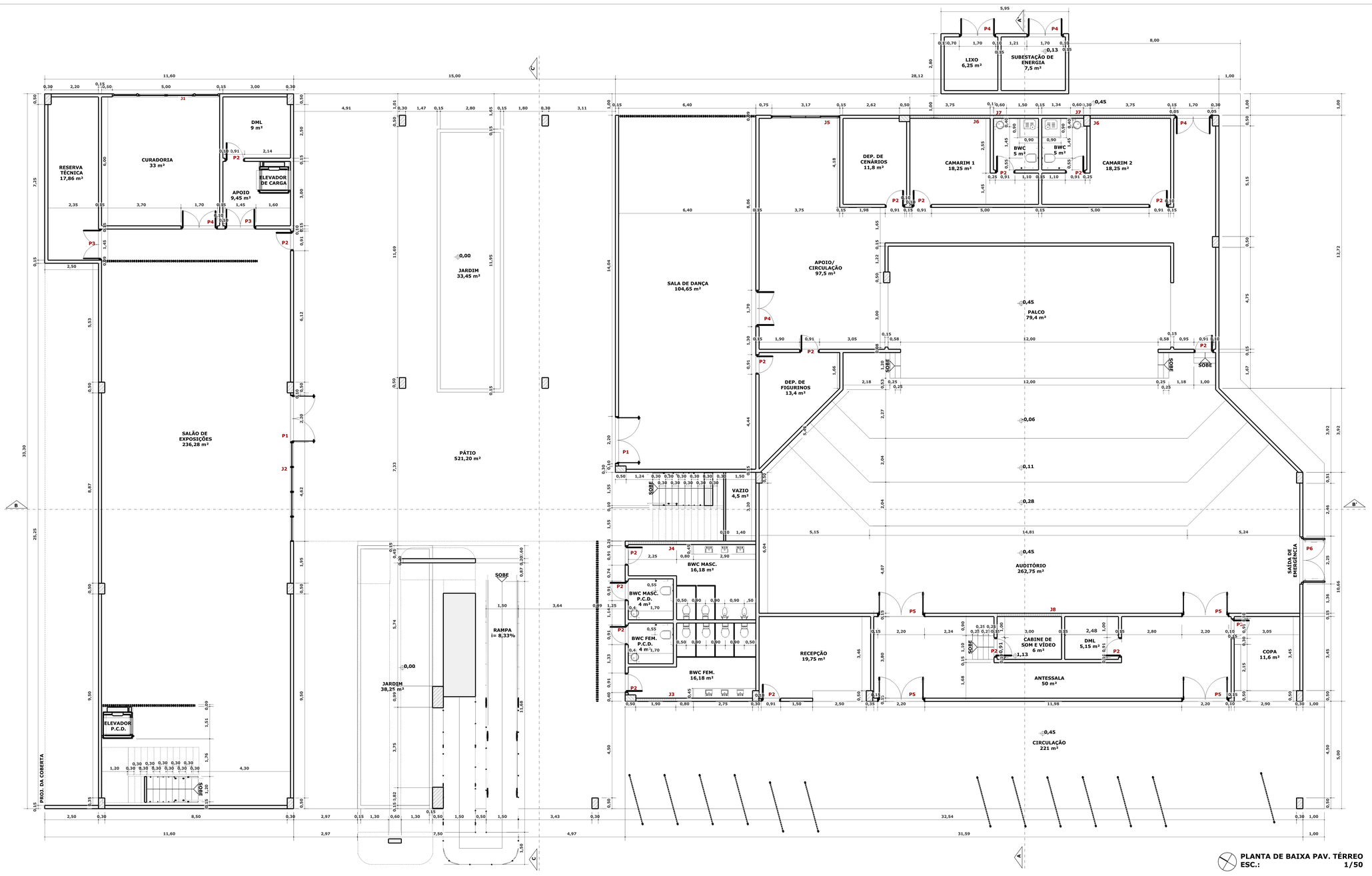


TABELA DE ESQUADRIAS - PORTAS

CÓDIGO	DIMENSÕES LxH(m)	QNTD.	DESCRIÇÃO / ABERTURA
P1	2,20X2,40	3	ALUMÍNIO E VIDRO/ 2 FOLHAS DE GIRO
P2	0,91X2,15	34	MADEIRA REVESTIDA / GIRO
P3	1,45X2,15	1	MADEIRA REVESTIDA / 2 FOLHAS DE GIRO
P4	1,70X2,15	5	MADEIRA REVESTIDA / 2 FOLHAS DE GIRO
P5	2,20X2,40	4	MADEIRA REVESTIDA / 2 FOLHAS DE GIRO
P6	2,25X2,40	1	ALUMÍNIO E MADEIRA / 2 FOLHAS DE GIRO
P7	1,68X2,40	4	ALUMÍNIO E VIDRO/ 2 FOLHAS DE GIRO
P8	1,70X2,40	3	MADEIRA REVESTIDA / 2 FOLHAS DE GIRO

TABELA DE ESQUADRIAS - JANELAS

CÓDIGO	DIMENSÕES PxLxH(m)	QNTD.	DESCRIÇÃO / ABERTURA
J1	0X5,00X2,80	3	REQUADRO FIXO E 2 FOLHAS DE CORRER
J2	0X4,62X2,40	2	PELE DE VIDRO
J3	1,90X1,90X0,60	2	4 FOLHAS DE CORRER
J4	1,90X2,25X0,60	2	4 FOLHAS DE CORRER
J5	1,00X3,20X1,00	1	4 FOLHAS DE CORRER
J6	1,90X2,35X0,60	2	4 FOLHAS DE CORRER
J7	1,90X0,60X0,60	2	BOCA DE LOBO
J8	0,90X3,00X1,20	1	FOLHA FIXA
J9	0X1,5X2,60	1	REQUADRO FIXO E 2 FOLHAS DE CORRER
J10	1,90X2,25X0,60	1	4 FOLHAS DE CORRER
J11	1,90X2,08X0,60	1	4 FOLHAS DE CORRER
J12	1,00X4,50X1,00	1	4 FOLHAS DE CORRER
J13	1,00X0,60X1,60	1	BOCA DE LOBO
J14	1,90X4,63X0,60	1	4 FOLHAS DE CORRER
J15	1,90X4,32X0,60	1	4 FOLHAS DE CORRER
J16	0X6,52X2,60	1	REQUADRO FIXO E 4 FOLHAS DE CORRER
J17	0X12,98X2,60	1	REQUADRO FIXO E 6 FOLHAS DE CORRER
J18	0X5,00X2,60	1	REQUADRO FIXO E 2 FOLHAS DE CORRER

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA - FAU

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO

ARTE VIVA ALAGOAS CENTRO CULTURAL

QUADRO DE ÁREAS:

TERRENO	10.400 M²
NÚMERO DE PAVIMENTOS	2
ÁREA DE COBERTA	1862 M²
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA	3184,6 M²
TAXA DE OCUPAÇÃO	18%

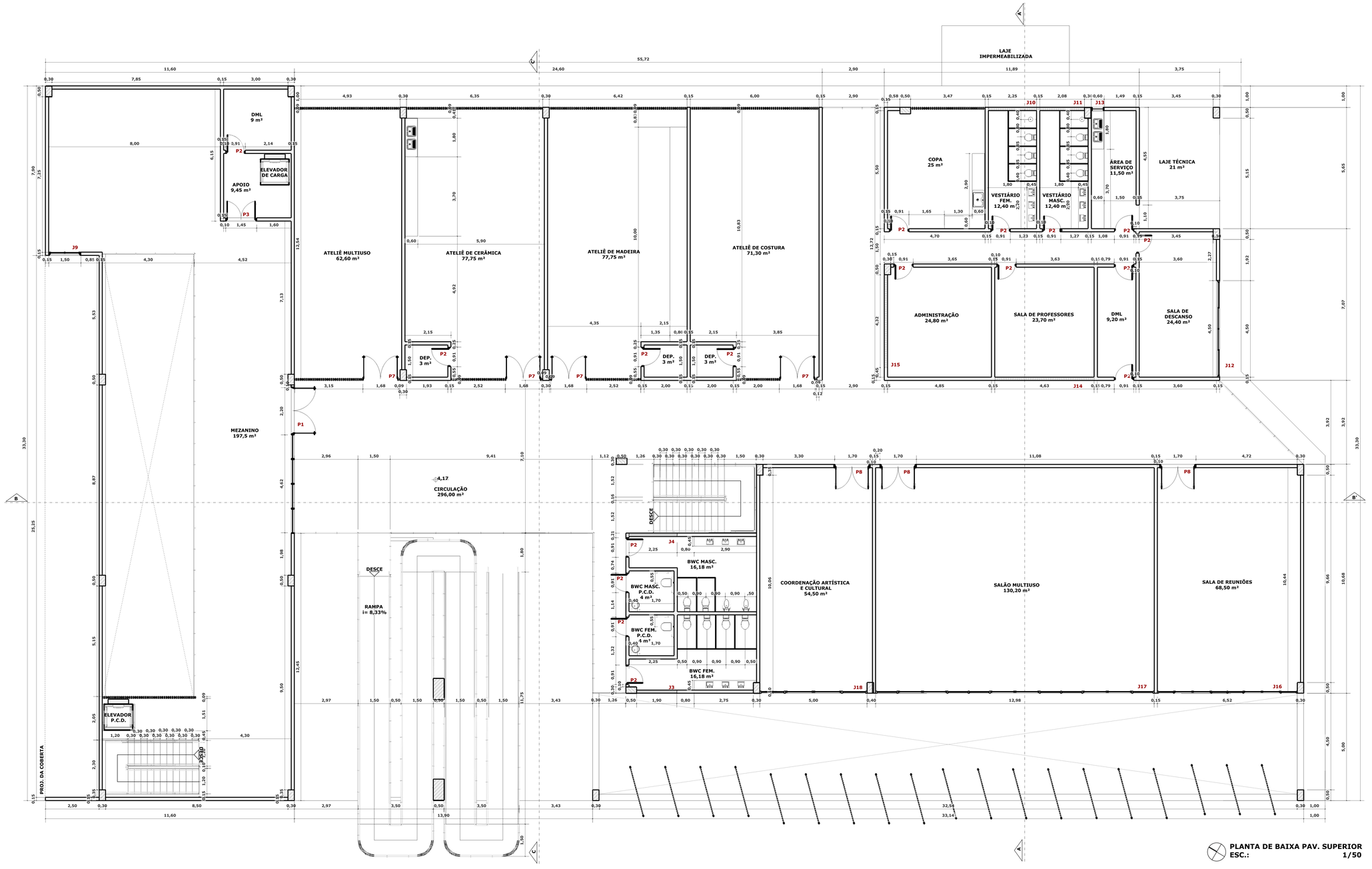
ENDEREÇO:
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIÓ- AL.

DISCENTE:
SARAH HEIDI ALMEIDA FELIX

ORIENTADORA:
THAÍSA FRANCIS CÉSAR SAMPAIO SARMENTO

ESCALA:	DATA:
INDICADO	DEZEMBRO DE 2023

CONTEÚDO:	Nº DA PRANCHA:
PLANTA BAIXA TÉRREO	02/07



PLANTA DE BAIXA PAV. SUPERIOR
ESC.: 1/50

TABELA DE ESQUADRIAS - PORTAS

CÓDIGO	DIMENSÕES LxH(m)	QNTD.	DESCRIÇÃO / ABERTURA
P1	2,20X2,40	3	ALUMÍNIO E VIDRO/ 2 FOLHAS DE GIRO
P2	0,91X2,15	34	MADEIRA REVESTIDA / GIRO
P3	1,45X2,15	1	MADEIRA REVESTIDA / 2 FOLHAS DE GIRO
P4	1,70X2,15	5	MADEIRA REVESTIDA / 2 FOLHAS DE GIRO
P5	2,20X2,40	4	MADEIRA REVESTIDA / 2 FOLHAS DE GIRO
P6	2,25X2,40	1	ALUMÍNIO E MADEIRA / 2 FOLHAS DE GIRO
P7	1,68X2,40	4	ALUMÍNIO E VIDRO/ 2 FOLHAS DE GIRO
P8	1,70X2,40	3	MADEIRA REVESTIDA / 2 FOLHAS DE GIRO

TABELA DE ESQUADRIAS - JANELAS

CÓDIGO	DIMENSÕES PxLxH(m)	QNTD.	DESCRIÇÃO / ABERTURA
J1	0X5,00X2,80	3	REQUADRO FIXO E 2 FOLHAS DE CORRER
J2	0X4,62X2,40	2	PELE DE VIDRO
J3	1,90X1,90X0,60	2	4 FOLHAS DE CORRER
J4	1,90X2,25X0,60	2	4 FOLHAS DE CORRER
J5	1,00X3,20X1,00	1	4 FOLHAS DE CORRER
J6	1,90X2,35X0,60	2	4 FOLHAS DE CORRER
J7	1,90X0,60X0,60	2	BOCA DE LOBO
J8	0,90X3,00X1,20	1	FOLHA FIXA
J9	0X1,5X2,60	1	REQUADRO FIXO E 2 FOLHAS DE CORRER
J10	1,90X2,25X0,60	1	4 FOLHAS DE CORRER
J11	1,90X2,08X0,60	1	4 FOLHAS DE CORRER
J12	1,00X4,50X1,00	1	4 FOLHAS DE CORRER
J13	1,00X0,60X1,60	1	BOCA DE LOBO
J14	1,90X4,63X0,60	1	4 FOLHAS DE CORRER
J15	1,90X4,32X0,60	1	4 FOLHAS DE CORRER
J16	0X6,52X2,60	1	REQUADRO FIXO E 4 FOLHAS DE CORRER
J17	0X12,98X2,60	1	REQUADRO FIXO E 6 FOLHAS DE CORRER
J18	0X5,00X2,60	1	REQUADRO FIXO E 2 FOLHAS DE CORRER

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA - FAU

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO

ARTE VIVA ALAGOAS CENTRO CULTURAL

QUADRO DE ÁREAS:

TERRENO	10.400 M²
NÚMERO DE PAVIMENTOS	2
ÁREA DE COBERTA	1862 M²
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA	3184,6 M²
TAXA DE OCUPAÇÃO	18%

ENDEREÇO:
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIÓ- AL.

DISCENTE:
SARAH HEIDI ALMEIDA FELIX

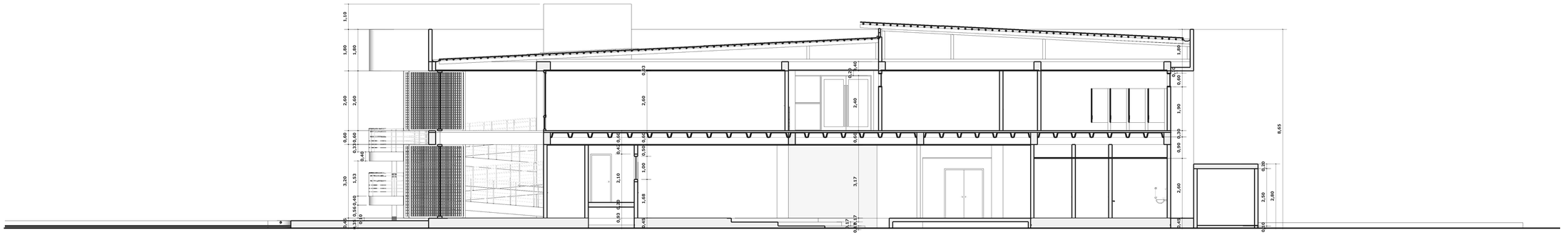
ORIENTADORA:
THAÍSA FRANCIS CÉSAR SAMPAIO SARMENTO

ESCALA: INDICADO

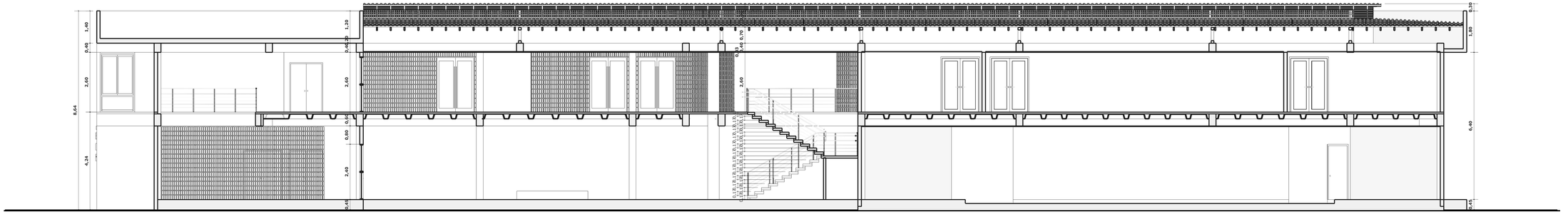
DATA: DEZEMBRO DE 2023

CONTEÚDO: PLANTA BAIXA PAV. SUPERIOR

Nº DA PRANCHA: 03/07



CORTE AA'
ESC.: 1/50



CORTE BB'
ESC.: 1/50

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA - FAU

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO

ARTE VIVA ALAGOAS CENTRO CULTURAL

QUADRO DE ÁREAS:

TERRENO	10.400 M²
NÚMERO DE PAVIMENTOS	2
ÁREA DE COBERTA	1862 M²
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA	3184,6 M²
TAXA DE OCUPAÇÃO	18%

ENDEREÇO:
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIÓ- AL.

DISCENTE:
SARAH HEIDI ALMEIDA FELIX

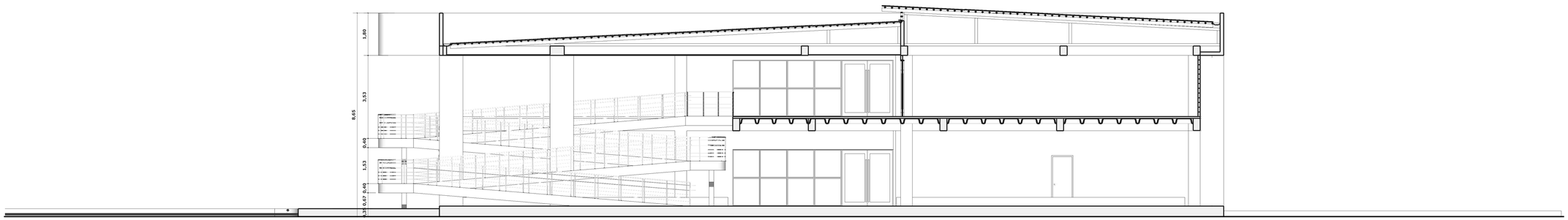
ORIENTADORA:
THAÍSA FRANCIS CÉSAR SAMPAIO SARMENTO

ESCALA: INDICADO

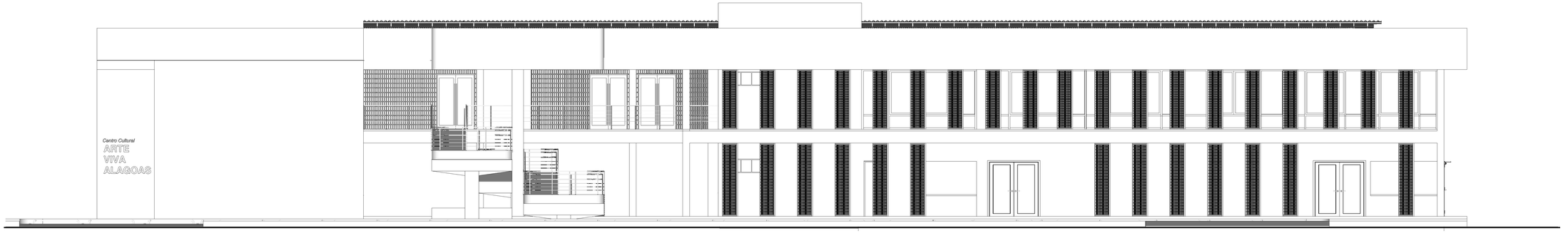
DATA: DEZEMBRO DE 2023

CONTEÚDO: CORTE AA' E CORTE BB'

Nº DA PRANCHA: 04/07



CORTE CC'
ESC.: 1/50



FACHADA FRONTAL
ESC.: 1/50

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA - FAU

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO

ARTE VIVA ALAGOAS CENTRO CULTURAL

QUADRO DE ÁREAS:

TERRENO	10.400 M²
NÚMERO DE PAVIMENTOS	2
ÁREA DE COBERTA	1862 M²
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA	3184,6 M²
TAXA DE OCUPAÇÃO	18%

ENDEREÇO:
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIÓ- AL.

DISCENTE:
SARAH HEIDI ALMEIDA FELIX

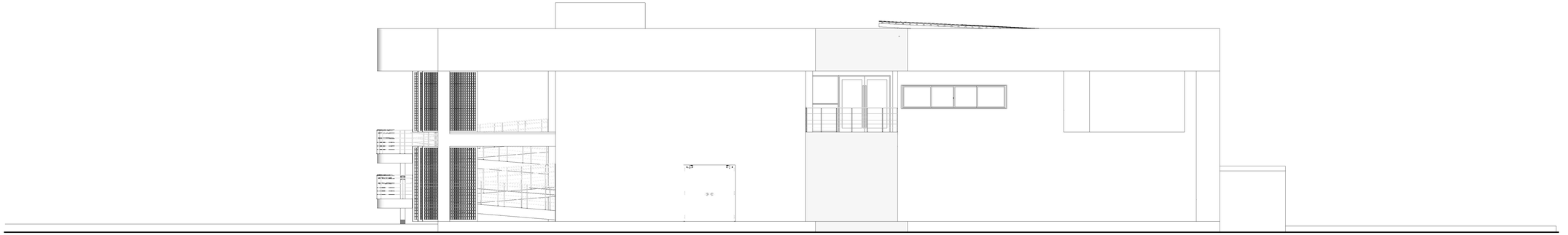
ORIENTADORA:
THAÍSA FRANCIS CÉSAR SAMPAIO SARMENTO

ESCALA: INDICADO

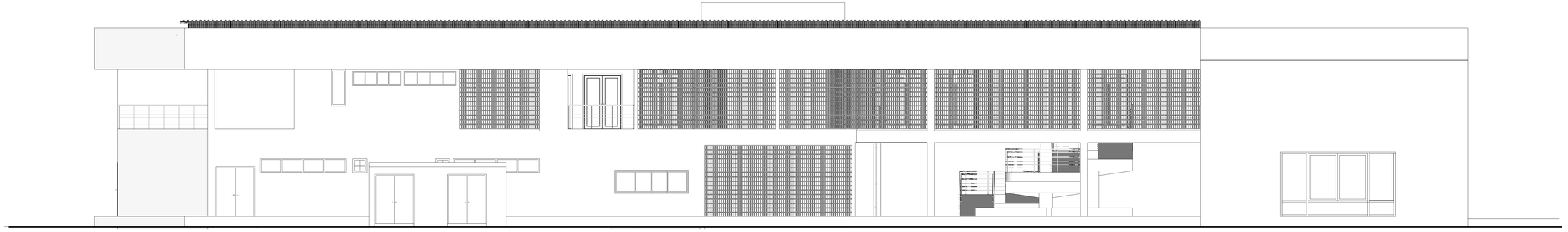
DATA: DEZEMBRO DE 2023

CONTEÚDO:
CORTE CC' E FACHADA FRONTAL

Nº DA PRANCHA:
05/07



FACHADA LATERAL DIREITA
ESC.: 1/50



FACHADA POSTERIOR
ESC.: 1/50

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA - FAU

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO

ARTE VIVA ALAGOAS CENTRO CULTURAL

QUADRO DE ÁREAS:

TERRENO	10.400 M²
NÚMERO DE PAVIMENTOS	2
ÁREA DE COBERTA	1862 M²
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA	3184,6 M²
TAXA DE OCUPAÇÃO	18%

ENDEREÇO:
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIÓ- AL.

DISCENTE:
SARAH HEIDI ALMEIDA FELIX

ORIENTADORA:
THAÍSA FRANCIS CÉSAR SAMPAIO SARMENTO

ESCALA: INDICADO

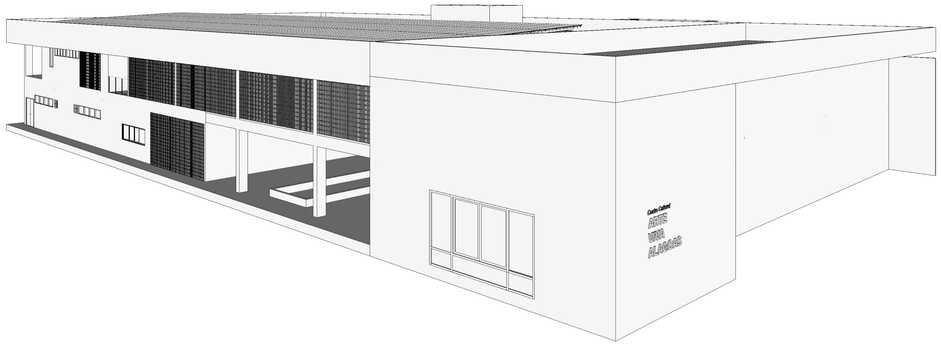
DATA: DEZEMBRO DE 2023

CONTEÚDO: FACHADA LATERAL DIREITA E POSTERIOR

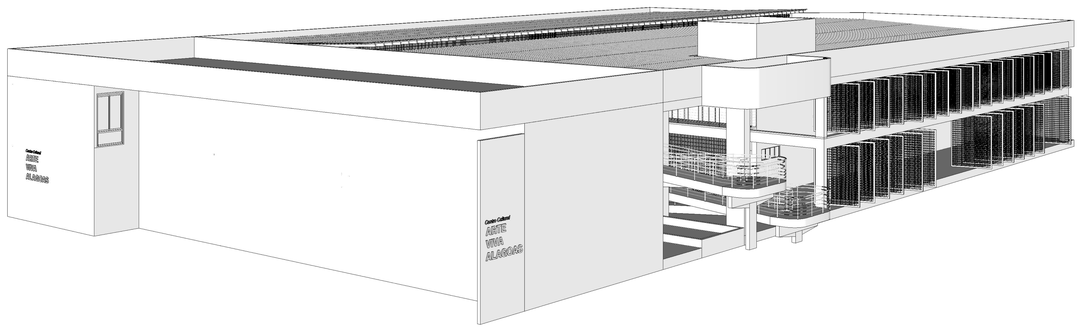
Nº DA PRANCHA: 06/07



FACHADA LATERAL ESQUERDA
ESC.: 1/50



PERSPECTIVA 1
SEM ESCALA



PERSPECTIVA 2
SEM ESCALA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA - FAU

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO

ARTE VIVA ALAGOAS CENTRO CULTURAL

QUADRO DE ÁREAS:

TERRENO	10.400 M²
NÚMERO DE PAVIMENTOS	2
ÁREA DE COBERTA	1862 M²
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA	3184,6 M²
TAXA DE OCUPAÇÃO	18%

ENDEREÇO:
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIÓ- AL.

DISCENTE:
SARAH HEIDI ALMEIDA FELIX

ORIENTADORA:
THAÍSA FRANCIS CÉSAR SAMPAIO SARMENTO

ESCALA: INDICADO

DATA: DEZEMBRO DE 2023

CONTEÚDO:
FACHADA LATERAL ESQUERDA E PERSPECTIVAS

Nº DA PRANCHA:
07/07